

# BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

**Gastão Cruls**

REDACTOR-CHEFE

**Agrippino Grieco**

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1937

ANNO VII

N.º 3

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ABELARDO JUREMA — ADEMAR VIDAL  
ARGEU GUIMARAES — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA  
CORREIA DE SA' — FIDELINO DE FIGUEIREDO  
IVAN RIBEIRO — JORGE DE LIMA  
LUCIA MIGUEL PEREIRA — MARQUES REBELLO  
MIROEL SILVEIRA — NEWTON BELLEZA  
NEWTON SAMPAIO — ORIGENES LESSA  
RUY COUTINHO — VINICIO DA VEIGA

## NESTE NUMERO

Secções de:

DISCOS,  
MUSICA e  
CINEMA

Correspondencia de  
HELSINGFORS, de LISBOA  
e do PORTO



PAULO WERNECK

## NESTE NUMERO :

"O NATAL DE  
RÉCHOUSSAT"  
Narrativa de  
GEORGES DUHAMEL

"O NARCISO  
EM EQUAÇÃO"  
Conto inédito de  
JOÃO PACHECO

PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



5.<sup>a</sup> EDIÇÃO (12.000 exemplares)  
DE UM PRODIGIOSO RO-  
MANCE DE AMOR E CIUME  
QUE SE TORNOU O MAIOR  
SUCESSO DE LIVRARIA  
DOS ULTIMOS TEMPOS.



# SEQUANA

O MELHOR LIVRO  
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

## COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

## CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

*As assignaturas são pagas no acto da subscrição*

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

## ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

### Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

## ABONNEMENT B

### Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

## ABONNEMENT C

### Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

## ABONNEMENT D

### Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

## BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

déclare souscrire à.....abonnement!..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....



# BOLETIM DE ARIEL

## EXPEDIENTE

DIRECTOR:

**Gastão Cruls**

REDACTOR-CHEFE:

**Agrippino Grieco**

GERENTE:

**João Teixeira Soares Neto**

SECRETARIO

**Donatello Grieco**

## ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

|            |         |
|------------|---------|
| Simple     | 18\$000 |
| Registrada | 24\$000 |

## EXTERIOR

|            |         |
|------------|---------|
| Simple     | 22\$000 |
| Registrada | 28\$000 |

|                 |        |
|-----------------|--------|
| Numero avulso   | 2\$000 |
| Numero atrasado | 3\$000 |

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

## NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

### SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris  
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisboa  
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre  
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo  
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horizonte  
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife  
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia  
Em Alagoas — *Dr. Raul Lima* — Maceió  
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessoa  
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza  
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém  
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manaus.

### DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

**ARIEL, EDITORA LIMITADA**

Rua 7 de Setembro 162-1o.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

**RIO DE JANEIRO — BRASIL**

## VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO  
" BOLETIM DE ARIEL "

### CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

### DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

### ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

### « BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

## COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.....  
para que seja remettida uma assignatura annual do  
Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do  
mez de.....

NOME .....

RUA .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Cóрте e envie este coupon a ARIEL, EDITORA  
LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1o.  
— Rio de Janeiro.

N. B. — A importancia deve ser remettida em carta  
com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

# SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

## **Á ARIEL EDITORA, LTDA.**

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar - RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....  
.....  
.....



# BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira  
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria  
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

## SPARKENBROKE

Deve estar a saber a versão franceza do ultimo romance de Charles Morgan, que, na Inglaterra e nos Estados Unidos foi acolhido com entusiasmo. Não sei se a traducção conservará todo o encanto do original. Um romance de Morgan é sempre, na fórma tanto quanto no fundo, uma pura obra de arte, difficilmente traduzivel. Fontaine, o seu primeiro livro, ficou muito sacrificado em francez. E Sparkenbroke é muito mais difficil do que elle, ainda mais subtil, exigindo mais a palavra exacta.

Livro estranho, de grande densidade, cujo conflicto essencial é a lucta, num homem de genio, entre o intellectualismo e a poesia, entre as reacções cerebraes e a emoção espiritual.

Piers Tenniel, lord Sparkenbroke, o heroe do livro, mixto de Byron e Shelley, espirito inquieto, é um homem que procura a essencia da vida. Temperamento mystico, no qual o meio e a educação exercitaram uma lucidez de erudito, elle comprehende que só vencerá essa dualidade enfraquecedora transcendendo a realidade tangivel. Não lhe bastam as apparencias, e sente que só um estado emocional intenso, o extase, lhe dará essa transcendencia. E o tenta por todos os meios; as riquezas e a gloria deixam-no insatisfeito, as viagens não lhe trazem o apaziguamento. Só a poesia, com a qual conjunde a religião, o amor e a morte lhe permittirão a realização integral de si mesmo, numa união mystica com a essencia das cousas.

A poesia não o trahi, a elle que aprendera que ser artista é como abandonar tudo para seguir a Jesus, para quem escrever é dar voz aos mudos. Deu-lhe momentos sublimes, mas não o satisfez inteiramente porque é inconstante o trabalho da criação. A morte era a grande experiencia, a final, cujo poder presentia, mas que viria em sua hora. Restava o amor — e as mulheres nunca lhe davam a plenitude esperada.

Tomando desse homem genial e atormentado, o romancista o faz, já casado e celebre, encontrar afinal o grande amor. A amada, um dos mais attrahentes

typos femininos que já foram creados, é, a principio, uma moça ingenua e pura, depois a mulher do seu melhor amigo.

As reacções dessas duas creaturas tão differentes, mas que se comprehendem no plano do sentimento, são o thema do romance. Encontram-se, separam-se, um acaso os reune, procuram-se de novo. Tudo parece resolvido, mas ella se arrepende, e lhe foge, voltando ao lar, á vida quotidiana — ao seu verdadeiro ambiente, de uma realidade para ella mais real do que o amor de Sparkenbroke. Sentindo-a perdida, o poeta procura abrigo e refugio no tumulto de familia, renovando uma experiencia que na infancia o marcara indelevelmente, fazendo-lhe sentir a voluptua da morte. E esta acode ao seu appello, fulminando-o num accesso de angina pectoris, dando-lhe talvez o extase supremo que a vida lhe negara.

Livro de mystico e de poeta. Confirma inteiramente as recentes palavras de Mauriac: «Un roman ne vaut que dans la mesure ou, tout en obéissant à ses propres lois, il se confond avec la poésie.»

Obedecendo ás leis do romance, isto é, apreciando todas as reacções pelo seu angulo de incidencia com a vida, Morgan venceu o grande obstaculo do genero: a scisão, illusoria e esteril, entre o espiritual e o real sensivel, — a negação da poesia. E por isso concebeu o romance no plano da poesia.

Sparkenbroke não é um heroe de romance, vivendo em função dos successos do entrecho, mas um homem, corpo e alma unidos e influindo reciprocamente um sobre o outro. E porque o sentiu primeiramente como homem, soube o romancista conduzi-lo como personagem.

Porta-voz do autor, Sparkenbroke, numa das longas conversas sobre arte que não são o menor encanto do livro, expõe a sua concepção da criação artistica: «Quando a idéa da obra de arte surge no espirito completa e, por assim dizer, prompta e acabada, deve ser repellida. A obra que della resultar correrá o risco de ser muito estricte e estreitamente representativa.»

## O Natal de Réchoussat

Réchoussat repetia, com um riso fininho e constrangido:

— Eu te juro que elles não vêm.

O cabo Têtard fingiu não entender, e foi arranjando, sobre a mesa, todo o material: as compressas, o oleo, as luvas de borracha que pareciam um pouco luvas de esgrima, as sondas guardadas dentro de um tubo, como grandes favas de baunilha, a baciuzinha de ferro esmaltado que parecia um enorme feijão, e o recipiente de vidro, ventruado, de largo bocal, que não se parecia com coisa alguma.

Réchoussat fez um arzinho displicente:

— Elles podem não vir, si quizerem. Para mim dá no mesmo.

O cabo Têtard deu de hombros e respondeu:

— Pois si eu estou te dizendo que elles vêm!

O ferido balançava obstinadamente a cabeça:

— Aqui, meu caro, não vem ninguém. Todo esse pessoal que passa lá por baixo, podes estar certo, nunca chega até aqui. Eu te digo isso, mas pouco me estou importando.

— Podes ter certeza de que elles virão.

— Depois, não entendo por que me botaram neste quartinho, eu só.

— Talvez porque precisas de sossego...

— Mas não penses que me faz diferença, o elles virem ou não.

Réchoussat franziu o cenho, para mostrar que não perdera o animo. E accrescentou, suspirando:

— Já podes começar os teus passes...

Justamente, o cabo Têtard estava prompto. Acendeu um toco de vela e puxou os lençóis da cama de uma só vez só.

O corpo de Réchoussat appareceu, extraordinariamente magro. Mas Têtard nem prestava mais attenção a isso, e Réchoussat ha tres mezes que vivia satisfactoriamente com a sua desgraça. Elle bem sabia que um estilhaço de granada nas costas é sempre coisa perigosa, e que, quando se têm as pernas e o ventre paralyzados, não se sara assim de um dia para outro. Comtudo, no momento em que a sonda o penetrou, disse a phrase sacramental, a que repetia duas vezes diariamente:

— Como é triste não poder fazer sózinho as proprias necessidades!

Mas a sonda já estava no lugar. O recipiente de vidro ia-se tingindo de ambar turvo, e um cheiro for-

te, e agudo se espalhando pelo quarto em que o moribundo vegetava em solidão.

— Isso te allivia? perguntou Têtard.

— Allivia, sim... Já são seis horas, e elles ainda não vieram. Ainda bem que nem estou reparando.

O cabo não respondeu; esfregou com ar encabulado uma luva contra outra. Acorrentada ao pavio, a chamma da vela pulava e fazia esforços, como uma pobre prisioneira que desejasse libertar-se e subir sózinha pelo ar sombrio do quarto, e ir além, mais alto, mais alto, ao céu de inverno, ás regiões em que já não se escuta o ruido da guerra entre os homens. O enfermeiro e o ferido olhavam a chamma em silencio, com olhos arregalados e vasios. O recipiente de vidro desfiava um murmuriozinho liquido. De segundo a segundo o canhão distante dava um piparote nas vidraças e, toda vez, a chamma da vela tinha como que um estremecimento nervoso.

— Como demora! Não sentes frio? perguntou Têtard.

— Na parte inferior do corpo não sei mais o que é frio ou quente.

— Has-de sarar!

— E'... hei-de sarar. Está morto, mas é preciso que volte a viver. Tenho vinte e cinco annos, uma idade em que a carne é vigorosa.

O cabo mexeu a cabeça, perplexo, pois o achava muito acabado. Réchoussat tinha chagas enormes em todas as partes do corpo que tocavam o leito, e havia sido isolado para poupar aos camaradas mais felizes o espectáculo da sua longa agonia.

Um momento comprido passou. O silencio era espesso demais para os nadas que tinham a dizer-se. Depois, como proseguindo uma discussão interior, Réchoussat disse repentinamente:

— Mas você bem sabe que eu me contento com qualquer coisa. Si elles tivessem vindo ao menos por dois minutos...

— Caluda! disse Têtard. Sssssst!

El alongou a cabeça para a porta. Do corredor veio um borborinho confuso, e baixoradas de sombra e de ar fresco.

— Prompto! Elles já estão ahí! disse o enfermeiro.

Réchoussat esticou o pescoço.

— Qual! Não é não...

Subitamente, uma luz sobrenatural, rica de reflexos vermelhos e dourados, uma luz feérica e desconhecida irrompeu do corredor. A parede em frente appareceu; quasi sempre cinzenta como os amores-perfeitos de Dezembro, tomou, de repente, o esplendor de um palacio oriental ou de um vestido de princeza. Toda essa claridade fazia barulho, um barulho de vozes alegres e de risos. Não se ouvia ninguém cantar, mas o barulho inteirinho tinha o geito de uma immensa canção. Réchoussat, que não se podia mexer, esticou mais ainda o pescoço e levantou um pouco as mãos acima dos lençóis, como querendo pegar esse lindo barulho e essa linda claridade.

— Então, então! dizia Têtard. Eu bem te falei que elles viriam!

---

Conceber globalmente a personagem como creatura viva, conseguir synthetizar-lhe toda a complexidade no aspecto sob o qual a mostra, sem eschematizar, sem estylizar, talvez seja a grande lei do romance.

Como homem, como poeta, como amoroso, em todas as faces do seu eu, atravez de todos os problemas que o preoccupam, é Sparkenbroke retratado nesse livro, nesse grande romance que levou quatro annos para ser escripto, com aquella lentidão amorosa e sabia cujo segredo parece pertencer aos romancistas inglezes.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Ahi, houve um verdadeiro brazido. Alguma coisa havia parado na porta, alguma coisa que era uma arvore, um legitimo pinheiro da floresta, trazido dentro de uma caixa verde. E havia tantas lanternas e tantas vélas côr-de-rosa nos seus galhos, que elle parecia uma enorme tocha. O quartinho, como um coração excessivamente feliz, deu a impressão de que ia explodir com tanta luz interior. Mas ainda havia coisa mais bella: os tres reis magos entraram. Eram Sorri, atirador senegalez, Moussa e Cazin. Traziam mantas de Andrinopla, e longas barbas brancas feitas de algodão para curativo.

Todos entraram e vieram até o fundo do quarto de Réchoussat. Sorri trazia um pacote amarrado com uma fita; Moussa brandia dois charutos e Cazin uma garrafa de champanhe. Todos tres cumprimentam cerimoniaosamente, como lhes haviam ensinado, e Réchoussat viu-se de repente com uma caixa de bombons na mão direita, dois charutos na esquerda, e um quartilho cheio de vinho em cima da mesa. Réchoussat dizia:

— Ah! mas que gente! Isso, sim, é que é! Mas que gente!

Moussa e Cazin davam risada, Sorri mostrava os dentes, e todo o mau cheiro do quarto partiu, como si houvesse bastado um pouco de luz para o expulsar.

— Ah! mas que gente! repetia Réchoussat. Eu não fumo, mas vou guardar os charutos como lembrança. E dá cá a champanhe!

Sorri pegou o quartilho com ambas as mãos e o offereceu exactamente como si fosse uma taça sagrada. Réchoussat bebeu mansamente, dizendo:

Esta, sim, é boa! Esta é da boa!

Na porta mostravam-se mais de vinte rostos, e todos elles riam, como a mansa physionomia ingenua de Réchoussat.

Depois, houve um verdadeiro pôr-de-sol. A arvore maravilhosa ajastou-se, aos solavancos, pelo corredor. Os reis magos desappareceram, e a cauda de suas mantas, e as suas barbas de algodão. Réchoussat continuava a segurar com as duas mãos o quartilho e a contemplar a véla, como si todas as luminosidades alli tivessem ficado. Ria lentamente, repetindo: «Esta, sim, é da boa!» Depois, continuou a rir mais um pouco sem nada dizer.

Devagarinho, a sombra voltou ao quarto e se installou por toda parte, como um animal domestico que foi perturbado em seus habitos.

Com ella, uma triste coisa se insinuou por toda parte, o cheiro da enfermidade de Réchoussat. Um silencio sussurrante foi-se depositando sobre todos os objectos, como poeira. O rosto do ferido deixou de reflectir o esplendor da arvore festiva; abaixou a cabeça, olhou o leito, as pernas magras e ulceradas que eram as suas pernas, o recipiente de vidro cheio de liquido turvo, a sonda, todas essas coisas incompreensíveis, e disse, gaguejando de espanto:

— Mas... mas... que é isso? O que é isso, afinal?

GEORGES DUHAMEL.

(Traducção de Miroel Silveira)

Francisco Martins dos Santos — *Historia de Santos* — S. Paulo.

Dois excellentes volumes sobre a Santos de hontem e de hoje, a Santos historica e a Santos geographica. Detalhes de chronologia, toponymia e biographia em quantidade e qualidade das mais estimaveis. A obra é em tudo digna dos louvores com que a galardoaram Affonso de E. Taunay, por escripto, e, verbalmente, Martins Fontes. Pena é que escapassem ao revisor do livro alguns deslizes, como ao converter Plutarcho em Petrarca, Trentacoste em Trentacorte, e ao mudar o sexo da actriz Jesuina Saraiva.

Ernesto Mario Barreda — *La garra de la quimera* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

São tres narrações de um homem que sabe dar fórma corporea ás mais fugitivas percepções da alma. Um extremo bom gosto litterario o impede de rolar num phantastico apenas destinado a aterrorizar os leitores de pouca cultura. E' indiscutivelmente um prosador a quem não falta o sentido do Invisível, mas é tambem um dialogista que conhece a linguagem dos seres reaes e um descriptivo cujas figuras e paizagens se tornam facilmente reconheciveis aos olhos de todos nós.

Walter Fontenelle Ribeiro — *Saudade* — S. Paulo.

O autor assume por vezes attitudes de uma rude iconoclastia. Mas as suas reervas de sensibilidade, de affectividade, são quasi sempre manifestas. Assim ao lembrar a dilaceração de corpo e alma que atormentou um Humberto de Campos nos ultimos annos de vida. Assim ao exaltar, com um fremito de entusiasmo que não exclue a boa critica definidora, os versos e a personalidade radiosa de Martins Fontes. Aquelle que um ensaista appellidou de homem-verão, de caizara de genio do Parnaso, como que se põe de novo a declamar e a gesticular deante de nós, tal o ardor evocativo com que o sr. Walter Fontenelle Ribeiro o recorda em trechos dos mais apaixonados. Louvavel é quando a juventude conserva essa capacidade de admirar em relação a certos representantes das gerações anteriores.

— Ligando-se no mesmo trabalho, o barão André de Maricourt e o doutor Maurice de Bertrandfossé estudam *Les Bourbons*, seu temperamento, pathologico. Lembraremos aos nossos leitores que o barão André de Maricourt, diplomata e escriptor, já serviu na embaixada franceza aqui no Rio e teve um livro analysado pelo nosso redactor-chefe nas columnas do *Jornal*.

— Sempre agitado pelo vento da aventura, seja viajando ou escrevendo; sempre empenhado em resolver incognitas moaes de terras exoticas, Monfreid apresenta-nos *Le serpent de Cheik Hussen*. O titulo suggere logo a temperatura de exclusão guerreira ou sexual em que as personagens evoluem:

— Puchkine continúa a fascinar os francezes. Muitas são as traducções que surgem em Paris dos livros do maior poeta russo, daquelle que pereceu em duello ao defender a propria honra conjugal, num drama de certa analogia com o nosso Euclides, ao que accentuou intelligentemente um critico portuguez. Insista-se em que Puchkine é tão grande na prosa quanto no verso. «Todos nós derivamos d'elle», costumava dizer Gogol ao evocar o mestre que tanto o encorajara para escrever as *Almas mortas*.

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

## Do limite da personalidade dos povos

### 1) PONTO DE PARTIDA

M. Louis de Broglie descreveu numa pagina admiravel de *Science* (Junho, n.º 14) o grande papel da imaginação e do sentimento esthetico nas sciencias theoricas e os salientes pontos de contacto que ambos teem com a descoberta propriamente dita. Mas, ao lado da imaginação ou invenção e da descoberta surge por vezes certo elemento bastardo, que pode ser perturbador e que pode tambem tornar-se um poderoso estimulante: a emoção. Bem merecia esta adherencia bastarda que della se occupasse uma pena da autoridade de M. Louis de Broglie. Ha a emoção como estado affectivo, alvoroço, esperança, ambição, sobresalto, que necessariamente acompanha toda a investigação scientifica e que é em muitos casos lubrificante das mollas da vontade. E ha a emoção como choque brusco da realidade coetanea do investigador, o conjuncto de sensações de prazer ou desagrado com que um grande acontecimento social vem perturbar a meditação do pensador ou a disquisição do sabio. Não faltam, através da historia das sciencias e da philosophia, os exemplos, grandes e pequenos, dos quaes o mais recente é essa vasta litteratura de diagnostico, arbitramento e prothetismo sobre a crise mundial, na qual teem collaborado homens, cuja normal actividade de espirito andava muito afastada da critica dos successos contemporaneos.

Não me pejo de confessar que recebi da guerra civil de Hespanha um golpe emocional tão profundo que de todo me apartou do estudo da civilização hespanhola, que era um dos interesses de espirito com que entretinha a vida. Muito mais profundo que o da Grande Guerra. Em 1914, um homem novo, ainda na phase dos enthusiasmos e das curiosidades immoderadas que não olham ao seu preço, não podia prever a enormidade da catastrophe que se desencadeava e não seria alheio a certo espirito de partido, que da guerra esperava o triumpho da reacção conservadora, representada nos imperios centraes, ou a consolidação da ideologia liberal e a sua extensão ás relações internacionaes, como propugnavam os paizes alliados. Sobretudo, era uma experiencia nova que, por entre os seus horrores e sob o agulhão da necessidade afflictiva, trazia um mundo surprehendente de idéas novas e de invenções. As labaredas dos incendios, as ondas de sangue e os clamores tragicos das victimas, para muitos, afiguravam-se arreboes annunciadores. Era um paradoxo semelhante ao do acolhimento festivo, outrora dado aos primeiros soldados da Revolução Franceza pelas populações invadidas.

Mas a guerra civil de Espanha chega-nos numa altura muito adiantada de experiencia historica. Já sabemos o que é uma guerra moderna, com o homem deshumanizado em automato militar, agente cego de destruição e morticínio, e já esperamos tambem a surpresa que deixa uma guerra (tal, de extensão imprevisivel e de consequencias sempre inesperadas, quando não oppostas ás que se tinham por alvo.

A primeira forma da minha emoção foi a de espanto doloroso: um povo cansado de aventuras bellicas, muitas dellas estranhas ao seu directo interesse,

que parecia jazer em estado de sobre-saturação de espirito heroico e que não fôra possivel attrair á grande fogueira de 1914-1918, um povo que parecia optar de vez pelo lado sanchopansesco do seu mytho nacional, passa bruscamente a uma infrene exaltação bellica, ascende a um estado de loucura heroica e offerece o clima idoneo para o desenvolvimento em forma epidemica dum morbo typico da epoca: o dilemma dos extremismos. A surpresa succedeu o scepticismo. Deveras será impossivel installar no clima espanhol um estado moderno, de vida legal, progressivo, fundado na dignidade da pessoa e nos progressos da cultura, da technica e da riqueza, refugindo por igual os abusos do poder e os desmandos da liberdade? Será aquella divisão da alma hespanhola, que data da definitiva ruptura da consciencia religiosa e politica no seculo XVI, uma divisão verdadeiramente abissal e portanto um insuperavel obice á construcção dum estylo politico novo?

Será de todo impossivel despertar para a alta vida civica a plebe ignara-ignara, mas rica de virtudes moraes intactas — e com parte della constituir uma classe media de apreciavel nivel economico e mental para chamar ao convivio pacifico as duas «elites» extremas, as dissolver em seu seio e imprimir á marcha historica do paiz um rithmo de moderação?

Comtudo, após uma longa discussão acerca das condições e aptidões do espirito hespanhol para a criação scientifica e suas derivações technicas, Hespanha havia criado uma alta cultura e tornara-se, com ella e com o seu passado, um reservatorio de valores espirituales e uma esperança do mundo. O que sempre me pareceu foi que nessa obra poderosa havia adherencias impuras de orgulho, quando não de intolerancia, que prejudicavam os seus prestigios e faziam apparecer aos olhos do povo e das classes intellectuales alguns dos seus representantes, talvez não os de primeira categoria, mas de certo os mais lembrados pelo espirito publico, como elementos estrangeiriços, irritantes pelo seu systematico desaccordo do meio. Primo de Rivera teve a franqueza de confessar a sua malevolencia pelos melhores do seu paiz, os que o representavam ante o mundo. Falava nelle um instincto, o instincto dos obstaculos tradicionaes, que repudiavam essa obra de renovação pela cultura. E quando tal obra de renovação passou do campo da intelligencia para o da acção politica e social, impregnou-se de violencia e arbitrio, exasperou esses obstaculos, que ahi estão em armas e que são tão legitimamente hespanhoes no seu anhelos de re Phillipização como os que militam o veheamente sonho da des Phillipização.

Ora esta emoção profunda da tragedia espanhola, passadas as phases da surpresa e do scepticismo, levanta em meu espirito um problema novo de psychologia collectiva ou, mais exactamente, dá-me a forma nova para um antigo problema desse dominio: o limite da personalidade dos povos. E não será esse um problema desse dominio: o limite da personalidade dos povos. E não será esse um problema mais vivo que o da influencia de Camões sobre Lope de Vega ou o da irradiação do romanceiro hespanhol?

Ha na psychologia experimental, no seu capitulo da psychometria, uma noção que me ajuda a explicar esta idéa. Caminha-se ali para um ideal, que é desenhar o «perfil pathologico» do individuo. Depois de determinados por meios de «tests» proprios todos os coefficients ou indices da vida psychica necessarios para uma notação commum, pode-se delinear um perfil graphico, o qual não somente é uma enumeração de indices, mas pôde ser tambem, como linha continua, um limite do character do individuo, para além do qual ou da sua zona adjacente, se lhe não devem pedir esforços, porque presumivelmente elle não seria capaz de os dar. É claro que não deixa de haver sua imprudencia em attribuir a qualidade de inamovivel a esta fronteira do character. Em primeiro lugar, ás experiencias exercem-se principalmente sobre uma massa de pacientes mal caracterizados, camadas inferiores da intelligencia e da individualidade. Em segundo lugar, tal exame funda-se sobre elementos componentes do character, não sobre a synthese delle: desmonta-se o homem, peça a peça, e o homem, como unidade vital, é muito mais que a juxtaposição dessas peças. Em terceiro lugar, a determinação do perfil psychologico tem-se praticado principalmente sobre gente moça, ainda no limiar da escola ou no limiar da officina, para applicações pedagogicas e para selecção professional. Finalmente, não ha meios que nos facultem a previsão das curvas de futuro desenvolvimento dum character ou só duma intelligencia, sob o estímulo das emoções quotidianas, isto é, (da propria experiencia, ainda quando possuamos com segurança o seu perfil em dado momento. Bastará estudar nalgumas biographias o desenrolar da vocação para que se nos deparem formulas da maior variedade: vocações precoces e vocações tardias, vocações intermitentes e vocações sobrepostas, etc. O mundo psychico ainda defende com avareza muitos dos seus mysterios. Mas essa noção de perfil psychologico presta já serviços importantes, principalmente á educação e á orientação professional. Sómente é necessario mantel-a numa relatividade modesta e é necessario ainda que os seus applicadores evitem a sufficiencia habitual do meio saber. Uma das causas do seu character contingente será o conceito errado que se possui da extensão da consciencia collectiva. O homem está tão fundamente penetrado de influencias collectivas que muito escasso campo fica para a iniciativa individual numa consciencia mediana.

## 2 — CHARACTER NACIONAL E PERSONALIDADE

Grosseiramente, todos conhecemos nos povos vocações e negações conjuntas que determinam formas diversas de comportamento historico e que são tão evidentes e, ao parecer, tão indestructiveis que nenhum homem publico se atreveria a contrarial-as. O mundo oriental, exemplificando, é impermeavel ao christianismo, porque uma religião é tão distinctiva nos caracteres dos povos como a physionomia anthropologica das raças. Quando alguns pequenos nucleos orientaes assimilaram o christianismo, imprimiram-lhe peculiaridades raciaes para o pôr de accôrdo com as tendencias profundas da sua alma brahmanica ou budhica. O catholicismo dos negros diverge do dos brancos, como diverge o mysticismo dos mexicanos e o

pragmatismo catholico dos norte-americanos. Daqui a diversidade intelligente dos methodos da apologetica.

Igualmente manifesta é a impermeabilidade da mente christã ao buddhismo. A pequena osmose observada no século XIX não foi mais que uma ephemera moda de origem litteraria, que teve em Antero de Quental um exemplo de dramaticas contradicções e, a grande distancia, em Wenceslau de Moraes e Gabriela Mistral outros exemplos do character temporario dessa influencia.

Ninguem dirá que o povo hindú haja demonstrado aptidão technica e industrial ou careça de inquietação metaphysica e de imaginação poetica. E todos reconhecerão que Hespanha, no passado quasi alheia ao progresso das sciencias puras e das artes mechanicas, tem um lugar primacial na historia da pintura, do theatro e da litteratura mystica e moralista. E os Estados Unidos, sendo a primeira potencia industrial e economica do mundo, não teem voz que se oiça no mundo das artes. Pelo contrario, ha povos, como o francez e o tcheco, igualmente dotados para a grande arte e para a grande technica. Os estudiosos da escola de Alfred Fouillée, que no fim do século XIX se deram a observações sobre o character nacional dos povos, contentaram-se com salientar as manifestações collectivas, nelles predominantes através da sua historia, o seu comportamento, como dirá um behaviorista. Desta intuição simplista é que me parece que é tempo de sair para, com o afan moderno dum melhor conhecimento do homem, se poder aspirar ao ideal de construir o perfil psychologico dos povos, de fixar por methodos de base experimental, de observação objectiva pelo menos, a fronteira da personalidade dos povos, que delimita os seus rasgos moraes e mentaes e as suas possibilidades activas.

Uso esta expressão, *personalidade*, para significar a affirmação mais alta da vida psychica. No temperamento, sua base physiologica, predomina a passividade affectiva, com certo sentido fixo; no character predomina a vontade, mas uma vontade condicionada, com seu signal constante, limitada por essa base physica e pelo ambiente social; e na personalidade affirma-se uma ansia de libertação dessas influencias e um desejo ou mesmo um poder de reacção sobre ellas. Todos os homens e todos os povos têm o seu character, mas muito poucos têm uma personalidade bem desenhada. É a zona da liberdade criadora e é tambem o campo de luta entre o individuo e a vida collectiva. Os investigadores vão alargando cada vez mais o raio de acção da vida collectiva: vae-se constituindo uma escola, que defende a prioridade dos estudos da psychologia éthnica ou social sobre os da psychologia individual. Essa escola adduz argumentos, que se encontram já na obra do mais obstinado defensor do individuo: Gabriel Tarde. O homem é um animal social: nasce do ajuntamento de individuos, sobre os quaes uma collectividade imprimiu indelevel cunho, e existe em funcção duma sociedade. Tudo que faz tem origem ou cooperação social e uma repercussão social. Mas entre a genese das suas iniciativas individuaes e a incorporação da sua actividade no conjuncto social pode haver um intervallo ou descanso para concentração e direcção de forças. Quanto maior fôr esse intervallo, tanto maior é a porção de *eu* libertado, tanto mais viva

a consciencia da individualidade, que pode chegar a delinear-se automaticamente, em pleno dominio de si, frente ao corpo social; só neste caso existe a personalidade, quer nos individuos, quer nos povos, tem suas épocas mais propicias e menos propicias. A presente não é de estímulo para esse ritmo ascendente da personalidade livre.

### 3 — UM ASPECTO DO DIAGNOSTICO DA CRISE

Entre as muitas interpretações da angustia contemporanea da civilização da Europa, já se contam alguns dados communs, que parecem de certo diagnostico:

1.º — A liberdade politica e as applicações technicas tornaram a vida facil e produziram a sobrepovoação do continente europeu com o consequente advento da multidão appetente a todas as fórmas do viver moderno e com o immediato abaixamento mental e moral.

2.º — As massas, recém-chegadas ao primeiro plano da actuação historica, revoltam-se contra os deveres e complicações da civilização de que proveem, mas da qual só assimilaram os aspectos externos e a mechanica do conforto.

3.º — O grande desenvolvimento da technica industrial deu um predominante character machinal á civilização, fundando-a sobre um dominio cada vez maior da natureza e um resignado e renunciador desconhecimento do homem. Civilização mechanica ou technica, mas não humana, civilização que mechaniza a natureza e a sujeita a um automato, com todos os precalços das machinas cegas (incluindo o da rebellião prevista pelo humorista tcheco Karel Tchapek), que pode dar a uma criança ou a um imbecil um infinito poder de mal, que vicia o homem pelo exaggero das facilidades amolledoras, mas não dá um passo para o seu enriquecimento espirital.

4.º — Os altos ideaes guiadores para uma sagrada utopia, concebidos *sub specie aeternitatis*, perderam a sua aureola mystica e a sua força conductora. E em vez de se construir um systema novo, que lançasse em circulação germens espirituales com força de juventude procriadora, accordaram-se obsoletas doutrinas e forjaram-se sophismas, com que se ordenou uma philosophia politica para automatados, em tudo parallela á cegueira da machina. Um velho drama da historia, a luta entre o individuo e a sociedade, solucionou-se com a falsa identificação desta com o Estado e, temporariamente, nos paizes mais atingidos pela crise, com a organização dos estados totalitarios (marxismo, fascismo, nazismo e suas imitações). Um homem de superior visão politica, Herbert Spencer, só com observar a vida ingleza, previu em 1884 a agudeza do problema que surgia no horizonte, ainda que sem levantar a concepção historica da agonia permanente entre o individuo e a collectividade.

5.º — Dos adiantamentos surprehendentes da physica moderna, que nos decompoz o atomo, nos limitou o universo, nos fez conceber o espaço de quatro dimensões e nos faz antever o prodigio da transmutação, está-se extraindo uma nova imagem do mundo, com todas as suas consequencias. Ao signo de Newton succede o signo de Einstein. Mas ao aug-

mento da riqueza, ao seu baixo preço e ás facilidades da sua circulação não succedeu a reconstrucção da economia politica sobre as bases novas, proporcionadas pela technica; ao contrario, ou subsiste a economia tradicional assente sobre principios abalados pela critica e pelas realidades ou se restaura o grosseiro empyrismo, anterior a essa mesma economia tradicional. A actual economia politica ainda não descobriu que o homem é um animal terrestre, que não pode viver separado da terra e que tem por direito natural de a usar, como essencial condição da sua existencia. E assim o augmento da riqueza só deu, paradoxalmente, um fructo: o augmento da miseria e da injustiça distributiva. Isto fôra annunciado, já em 1879, por Henry George num livro immortal, *Progress and Poverty*.

Nesta symptomatologia, condensada sobre as observações dos mestres da moderna litteratura da crise mundial, ha elementos de varia ordem: physicos, biologicos, physio-psychologicos, psychologicos, economicos e até philosophicos. Mas (eu só quero fazer um pequeno commentario á presença dos de character psychologico. Tal commentario visa a conseguir uma condensação ainda maior e a um tempo mnemonica e realista.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

(Conclue no proximo numero.)

Almirante Henrique Boiteux — *Annita Garibaldi* — Rio.

A familia Boiteux deve o Brasil, sem duvida nenhuma, uma boa messe de trabalhos de historia. José Boiteux, que viveu e morreu em Santa Catharina, foi, mesmo em prosa, um poeta enternecido do recanto no qual, sem hostilidade ao estrangeiro, houve sempre um bello nativismo a florir em progresso. O sr. Lucas Boiteux, que pertence á nossa marinha de guerra, escreveu, sobre o periodo naval em que o Brasil jogou para longe os Bragança e se fez autonomo, uma obra já classica, simplesmente irrealizavel no genero. E o almirante Henrique Boiteux persiste em glorificar a memoria de Annita Garibaldi, podendo dizer-se que se trata de personalidade arrancada por elle a um nevoeiro lendario e trazida á plena luz da mais segura critica historica. Não ha exaggero em afirmar-se que nem um só dia da vida de Annita, aqui no Brasil ou em terras da Italia, é ignorado pelo seu attento e commovido biographo. Este ultimo volume sobre a esposa de Garibaldi é um retrospecto de todas as suas investigações a respeito e concentra dezenas de in-folios num unico livro que se lê com delicia, a patriótica delicia de saber que uma brasileira mereceu estatuas na Italia e acabou mesclando-se ás grandes heroínas da Peninsula.

**Novidade ARIEL**

de EDISON LINS

**HISTORIA E CRITICA DA  
POESIA BRASILEIRA**

Em todas as livrarias

## « Historia da Terra e da Humanidade »

Uma vez vi um livro para escolares com o seguinte titulo: *Vida de Machado de Assis para creanças* por Fulano de Tal, etc.

Que é que poderá interessar ás creanças na vida de um pacato funcionario publico, mesmo que este funcionario seja o nosso maior romancista? Ha assumptos que por sua natureza são igualmente improprios para menores. (Digo improprios na total applicação do termo).

Difficilmente se fará, por exemplo, uma historia geral da humanidade para uso de creanças, dados a amplitude do assumpto e o seguimento dos factos, uns encadeados aos outros, sem mutilações, sem as lacunas do geral dos tratados de historia.

Essas objecções foram respondidas ao pé da letra pelo senhor Jorge de Lima com a publicação de seu optimo livro *Historia da Terra e da Humanidade*.

O grande poeta conseguiu escrever um compendio de historia universal para as nossas escolas, que é um prodigio no meio de tantos livros no genero, deficientes e até nocivos.

Jorge de Lima não suprimiu os factos, não retirou de sua encantadora narrativa os episodios mais significativos afim de servir a uma determinada ideologia. Não; tudo tem sua sequencia, sua coordenação, sua justa medida, sua belleza.

A maioria dos livros desta natureza, ora são anti-christãos, ora são simplesmente anecdoticos, ora são complicados de estylo, confusos, prolixos. Jorge de Lima conseguiu realizar um livro serio, nobre, simples de estylo, elegante. Nada suprimiu, nada alterou, conservou uma sequencia logica na realidade que é, não ha duvida nenhuma, a realidade catholica a qual partindo do começo das coisas se projecta pela antiguidade, pela Idade Media, pela Renascença até aos nossos dias.

Os nossos collegios e escolas, os nossos lares, as nossas organizações catholicas estão de parabens: o livro de Jorge de Lima é o melhor presente que neste fim de anno poderão ganhar os petizes.

Comprehendendo isso, foi que as autoridades ecclesiasticas concede-

ram o *imprimatur* á interessante obra do já notavel poeta.

Sabemos que agradecendo o envio de um exemplar que lhe dedicou Jorge de Lima approveu ao nosso amado pastor Dom Sebastião Leme — insigne cardeal da Igreja, mandar um affectuoso e honrosissimo telegramma ao autor. Isso equivale a uma consagração da interessantissima obra dedicada pelo escriptor de *Anchieta* ás creanças brasileiras.

As estantes de nossos meninos já possuem emfim uma historia do mundo em que Christo não está ausente em que o divino mestre é tratado com a serenidade lithurgica que merece. Christo não é estudado com a pieguice um tanto ridicula, um tanto amesquinhadora que existe na maioria dos historiadores de interesse religioso, é, antes analysado com a gravidade e com a honestidade que o assumpto requer.

Numa linguagem a um só tempo simples e encantadora, o autor é comprehensivo para adolescentes e creanças.

Profusamente illustrado — ainda neste particular, Jorge de Lima foi de uma sagacidade e de um bom gosto extraordinarios. Sabemos como os nossos illustradores representam mal os nossos livros que não são de pura ficção. Se temos optimos pintores, possuímos pelo contrario, pessimos illustradores. Pois bem, Jorge de Lima escolheu para o seu attrahente livro, bellas gravuras em aço retiradas de encyclopedias antigas. Desse geito a obra, além de valorisar-se de um modo significativo, não deturpa a visão do pequeno leitor, iniciando-o no bom gosto das coisas dignas e nobres. Basta um exemplo: Jesus Christo nesse optimo compendio é representado pelo Christo de Giotto que é incontestavelmente um Christo que a literatura de um Mauriac não conseguiu suggerir.

Repitamos: « Historia da Terra e da Humanidade para Escolares », é um prodigio de intelligencia e de equilibrio na confecção de um livro para creanças.

EDISON LINS.

## Ultimas Novidades

### ARIEL

Cyro Martins  
SEM RUMO

Gastão Cruls  
VERTIGEM  
(2.<sup>a</sup> edição)

A. da Silva Mello  
PROBLEMAS  
DO ENSINO MEDICO  
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio  
RETRATO  
POPULAR DE  
UM HOMEM

René-Albert Guzman  
CIUME  
5.<sup>a</sup> edição  
12.000 exemplares

Stendhal  
DO AMOR  
Traducção de  
Marques Rebello  
e Correia de Sá

Alberto Ramos  
PROSAS DE ARIEL

## MADAME ROBERTSON

Naquella noite John Marvin não fechou os olhos por um só momento, vendo a primeira luz da madrugada através da janella e, após, os raios do sol, penetrando as cortinas de renda bordada, lhe davam pela primeira vez uma sensação de calor.

Elle se sentia quasi sem forças, depois do ultimo acto de vaudeville em que era o personagem principal, apesar de haver vencido todos os obstaculos em prol da liberdade, ao deixar Sing Sing na sua fuga aventureira, foi facil assumir o posto e a personagem de William Robertson em Nova York, maugrado todas as astucias de que um homem era capaz, afim de escapar da morte na cadeira electrica; mas agora lhe era difficil mentir constantemente a uma mulher, enquanto tomava possessão de todos os segredos do seu coração. Pelas demonstrações jubilosas de Madame Robertson, que de certo anciava pelo contacto de um homem forte, ao qual se entregasse livremente; aquella noite fôra de prazer para elle; porém, todo aquelle ardor da esposa, não poderia ser, elle bem o sabia, sinão dedicado ao marido legitimo, que elle ali estava personificando nos escrupulos. John Marvin accendeu um cigarro, mas o prazer do fumo não bastava para acalmar a sua irritação, nem impulsionava seu pensamento a divagar como outras vezes acontecia quando fumava.

Os pensamentos mais extraordinarios ainda cavalgavam no seu cerebro, vibrando por todos os fios do seu systema nervoso e muscular. No fundo, Marvin não era uma creatura depravada, e desejava ser guiado sómente pela luz da razão e da experiencia, sem desafiar Deus e a natureza, ao roubar o coração de uma mulher inerme nos seus braços que se fechavam em torno do seu corpo num amplexo forte.

John Marvin não conseguiu ainda escapar ás sensações de supersticioso temor ao illudir uma mulher e mãe, que deviam ser coisas sagradas para o mundo.

O odor do seu cigarro despertou Mme Robertson e ella abriu os olhos, encarando-o com gratidão, si gratidão pudesse ser chamado aquelle languor de um corpo satisfeito; ella esboçou um gesto de *nonchalance*, estendendo os braços para o marido.

«William, William, pensei que você ainda dormisse! não sabe que o cigarro faz mal para a saude, antes do café?»

O Presidente depoz a metade ainda ardente do cigarro no cinzeiro.

«E voce dormiu bem, minha querida?» perguntou elle.

Madame Robertson abriu a bocca num sorriso franco e Marvin sentiu o seu corpo ainda quente ao apalpá-la com as mãos soffregas, circumstancia esta bastante para accender de novo o seu sensualismo, porque elle não podia amal-a, já que o seu coração pertencia a Joyce, sua legitima esposa; ali era apenas como um viajante, a fazer descobertas num mundo desconhecido, cujos caminhos jamais palmilhara, o mundo da fragilidade feminina deante do ataque insolito do machô. Elle proprio se sentia excitado ao volver de uma hibernação longa, que continuara, depois de tantos annos em Sing Sing, mesmo em Nova York.

Tão forte era o interesse de Mme Robertson pelo homem masculino, que o seu sangue ardia como as chamas de um vulcão, que não conseguiu romper ainda a crosta da terra. Elle comprehendia tudo isso pelas suas proprias sensações, tambem meramente impulsionadas pelo goso sensual.

«Ó,» disse ella, abraçando-o «dormi deliciosamente e sonhei com coisas lindas, que bello sonho! foi para contal-o que acordei» murmurou ella.

«E' isto tão importante?» perguntou John.

«Não, apenas um sonho. Antes você não acreditava em sonhos, mas um dia que sonhei que seria Presidente dos Estados Unidos... e o sonho se realizou, vê?» disse ella. «Agora você acredita em sonhos, não é? Aquella vez eu havia sonhado na nossa viagem de nupcias em qualquer lugar das montanhas, creio que na Suissa, voce se lembra?»

«Eu nunca estive na Suissa, na minha vida,» disse Marvin distraido, depois realisando o seu engano como um actor que houvesse esquecido a sua deixa, acrescentou: «Sim, me lembro muito e até caimos numa crevasse.»

«Não, nós nunca caimos numa crevasse, você se engana.»

«Sim, é verdade, eu cai sosinho certa vez que fazia uma excursão de sky.»

«Seja como fôr,» acrescentou ella, «esta noite sonhei que faziamos uma nova viagem de nupcias, não foi esta noite verdadeiramente uma noite nupcial?»

«Certamente!»

Madame Robertson interrompeu o seu discurso para beijal-o ainda uma vez.

«Mas como estás mudado, Willy!»

«Mudado, como, de que forma?»

«Completamente,» affirmou ella. «antes da eleição voce era simplesmente insuportavel e frio como gelo. Completamente indifferente á minha pessoa, e se preocupando apenas com a filha e a politica.»

«Politica é um jogo em que se joga bem ou se fica arruinado.»

«Esta não é a questão, você nem sequer se mostrou consternado quando lhe annunciei o meu desejo de partir para Londres.»

«Sim» disse Marvin, «é verdade, mas eu estava tão preocupado e nervoso...»

«Voce nem sequer contestou a acção de divorcio e se não fosse a sua qualidade de Governador de Nova York, teria sido processado por desrespeito ao Tribunal.»

Pela face de John Marvin correu uma expressão de ironia que ella não pode perceber, continuando a falar.

«Durante um anno, antes da minha partida, sempre dormimos separados, sem um beijo, nem uma caricia, sem... sim, quanto a isso, eu não desejava mais filhos.»

«E agora sou carinhoso, minha cara?»

«Carinhosissimo e apaixonado como só um jovem amante pode ser. A separação, affirmou ella, «no fim de contas nos fez bem.»

«O dr. Watson, você sabe, aquelle que escreveu um livro sobre a conduta sexual, bem raxão tinha

em dizer que uma separação, ainda que curta, só pode dar nova vida ao frio amor.»

Elle suspirou com embaraço.

«Os doutores sabem do effeito daquillo que elles recommendam, não é verdade?»

«Mas antes eu não comprehendia isso, nem mesmo no tempo de Lord Tully.»

«Outro famoso doutor?» perguntou Marvin.

«Mas que idéa, meu caro Willy, voce não se lembra que Lord Tully foi meu marido e, por causa de Ted e as complicações de perdão, eu cheguei a te odiar, e seguramente te teria matado, se Dora não me houvesse dissuadido do crime, com sua imparcial bondade e estima.»

«E voce ainda me odeia?» perguntou Marvin, tremendo á idéa que ella um dia fosse desvendar o segredo daquella comedia.

«Agora não, como voce vê, eu te amo mais do que nunca,» os seus braços se abriram num gesto rapido e, colhendo a cabeça do marido tentava escondel-a debaixo do lençol.

«Ted é morto e eu te comprehendo, caro Willy, certa de que se voce perdoou, foi porque aquelle infame John Marvin estava sempre a complicar as coisas para sua politica.»

Marvin pensou na sua vil pessoa, com desgosto, verificando que, de certo, era seu destino cometer todos os crimes e más acções contra a propria vontade. Não estava elle ali envolvido, de novo, num crime de pura bigamia?»

«Eu devo explicar-te uma cousa, minha querida,» disse Marvin, «o partido interessado na minha eleição para Presidente me impuzera uma condição que era de não perdoar Ted nem John Marvin, mesmo que fossem innocentes.»

«Eu sabia disso e da conspiração daquelles ratos!»

«Naturalmente,» accrescentou Marvin, «depois de eleito, eu poderia perdoar a ambos, pois, de facto, já perdoei John Marvin. Elle deve estar agora em qualquer canto da America, feliz como um anjo, pois construiu um castello no ar e nelle está vivendo. Que pensa voce disso?»

«Para mim, isso parece um sonho,» disse ella.

«Ah, o sonho de que voce me falava ha pouco?»

«O não, falemos agora de cousas reaes, de Dora, por exemplo: porque é que voce a evita e deixa de beijar a sua propria filha?»

«Oh, eu me esqueci,» justificou Marvin, «depois ella já é uma moça, porque beijal-a agora como se fosse uma creança?»

«Mas ha outras cousas de que voce se esquece, tambem...» com toda esta transformação voce me dá a impressão de possuir uma nova personalidade, e a sua memoria já não reage tão bem, quando se trata de cousas do passado.»

«Oh, isto é natural,» disse Marvin.

Madame Robertson continuou: «por exemplo, o seu secretario de Estado me disse, hontem que voce não está seguindo o programma estabelecido como plataforma para sua eleição. Voce está illudindo os seus eleitores.»

«Isso é da politica, não tem importancia.»

«Que seja a politica, mas voce não deveria ir ao extremo de adoptar o programma de um condenado á cadeira electrica.»

Marvin percebeu, naquelle momento, que Madame Robertson estava nos seus braços, sinão inconscientemente, pelo menos por mero acaso.

«E voce gosta do meu programma?» interrogou elle, «sim, o programma de John Marvin, que era um camarada que tinha muito boas idéas de Governo, mas naturalmente, não podia jamais imaginar fossem ellas postas em pratica.»

«Fossem postas em pratica?» interrogou Madame Robertson.

«Que elle de facto está pondo em pratica,» accrescentou o Presidente, «porque a causa do meu successo repousa na simplicidade daquelle programma!»

Marvin sorriu por um instante, enquanto Madame Robertson lhe perguntava por cousas que elle preferia ficassem olvidadas, com perfeita compostura de espirito. Elle disse, então:

«Eu sei que elles affirmam serem as minhas idéas de Governo ultramodernas e mesmo bolchévicas, mas os que não as admittem, actualmente, são cegos. John Marvin era um cidadão como qualquer outro, embora internado numa prisão e, no meu posto, penso que agiria da mesma forma que eu. Esta nação que me elegera, em parte, já votou em um candidato á Presidencia, Eugenio Debs era seu nome, se não me engano, quando internado numa Penitenciaria Federal. O primeiro Presidente da Republica espanhola saiu da prisão para governar um povo em nome da Democracia. A Democracia é uma cousa muito engraçada...»

«Voce não acredita nella?» interrogou Madame Robertson.

«Naturalmente não, e por isso é que o meu Governo se mantem erecto no cimento armado dos seus proprios actos. A Constituição não foi violada e permanece de pé, como na época da declaração da Independencia.»

Madame Robertson levantou-se, aproximando-se da janella, o pijama de seda vermelha que ella vestia abriu as vidraças, foi esculpturando suas pernas magnificas e esbeltas.

«Que linda manhã,» exclamou, volvendo-se para Marvin, enquanto que, naquelle momento, um batido á porta fez com que elle não lhe respondesse.

«Quem será?» perguntou Madame Robertson depois, como que se dirigindo á criada, disse: «tomaremos o «breakfast» na varanda. Maggie!»

«Sou eu, mãe, Dora.» Disse uma voz do lado de fora. «Não se incommode,» accrescentou, «queria só avisar que vou experimentar a piscina deste palacio.»

«Esta bem,» respondeu Madame Robertson, tranquillamente.

O Presidente, um individuo que necessita se apresentar limpo como qualquer pessoa, já se encontrava no banho e a agua fria da ducha lhe ensopava o corpo, acompanhada do caracteristico rumor da agua em alta pressão, que Madame Robertson ouvia, admirando-se que seu Willy tomasse banhos frios agora, quando era seu costume permanecer tranquillo num banho quente de imersão.»

«Os homens são curiosos, ás vezes,» disse ella, assentando-se deante de seu toucador. Depois, volvendo a cabeça, gritou para o marido:

«Willy, não permaneça muito tempo no banho, voce poderá se constipar.»

## METAMORPHOSES

*Eram duas meninas de tranças pretas.  
 Veiu uma febre levou as duas.  
 Foram as duas para o cemiterio:  
 ambas ficaram na mesma cova.  
 Por sobre as pedras da sepultura  
 brotou bonina, brotou bonina,  
 nasceram plantas, nasceram mais plantas,  
 flores do matto, cannas da varzea:  
 a sepultura virou canteiro.  
 Aves vieram cantar nas plantas,  
 levaram sementes por sobre o mar.  
 Os peixes levaram estas sementes  
 até as Ilhas de Karakantá.  
 Ali brotaram flores extranhas.  
 Donde vieram flores tão raras?  
 Ah! só o poeta saberá.  
 Pois saberá Vossa Mercê  
 ha casos desses que ninguem vê  
 vieram insectos beijar as flores  
 e um bello dia veiu um poeta  
 pegar insectos para sua amada.  
 A borboleta mais rara que ha  
 naquellas Ilhas de Karakantá  
 é côr de amarante com olhos azues.  
 Mas heis de saber que a ta! borboleta  
 contem veneno den'ro dos olhos;  
 ahi o poeta beijando taes olhos  
 ficou dormindo como um cadaver.  
 E então sonhou com a: duas m'nhas:  
 que ambas dormiam na mesma cova,  
 que flores na ceram na sepultura,  
 que a sepultura virou canteiro,  
 que peixes levaram sementes das flores  
 para aquellas Ilhas de Karakantá.  
 O sonho do poeta o vento levou  
 levou para um astro desconhecido.  
 E ahi chegando tornou-se um mar:  
 a agua do mar virou arco-iris.  
 Então uma deusa pegou o arco-iris  
 e fez um pente para se pentear.  
 E tanto se penteou a deusa do astro  
 que deu a luz a duas meninas.  
 Sabeis quem são as duas meninas?  
 As duas meninas mais bellas que há?  
 Ah! só o poeta saberá.*

JORGE DE LIMA.

O rumor da ducha cessou repentinamente e Marvin começou a se enxugar, assoviando a melodia de «The Road to Mandalay», que era a sua peça predileta.

Madame Robertson volveu ainda a cabeça uma vez, mais admirada em ouvir o marido assoviar, cousa que nunca fizera durante vinte annos de vida conjugal. Depois, preocupada com os seus crêmes e batons de Elizabeth Arden, exclamou de si para si:

«No fim de contas, elle é um bello Presidente!»

VINICIO DA VEIGA

(Trecho do romance «O Presidente», traduzido pelo proprio autor do original inglez «Flying the Halfmoon», a sair).

Ronald de Carvalho — *Piccola storia della letteratura brasiliana* — Vallecchi Editor — Florença.

Grande serviço prestado á nossa terra é a transposição para a lingua de Settembrini da *Pequena historia da litteratura brasileira*, de Ronald de Carvalho. Interprete fidelissimo, Ferruccio Rubbiani, humanista que honra a cultura italiana e é igualmente senhor de dois idiomas que são puros espelhos da melhor latinidade, lutou, em emulação intelligente, com o texto portuguez de Ronald e nem uma vez o deformou. Traduzir assim é crear. Com um esculpulo enriquecido por brilhante intuição do nosso ambiente litterario, das nossas épocas e individualidades mais notaveis, Ferruccio Rubbiani realizou um trabalho que não nos dá apenas a impressão de haver sido reescripto mas repensado nas doces syllabas de Florença. Até os versos dos poetas que Ronald transcreveu encontraram um equivalente dos mais justos, em metrica e rythmica perfeitas, por parte de Rubbiani. E o conjunto do livro não soffreu uma unica mutilação, por ligeira que fosse, sendo que o traductor procurou vencer todas as difficuldades do original, em lugar de escamoteal-as velhacamente. Retenham os nossos leitores o nome de Ferruccio Rubbiani, porque este homem de letras, ao lado de Georges Raeders, Manuel Gahisto e Osorio de Oliveira, é hoje um dos estrangeiros mais interessados pelo que ocorre na intelligencia do Brasil.

Frei Henrique Golland Trindade — *O operario penitente Matt Talbot* — Editora Vozes — Petropolis.

E' a historia de um trabalhador que a descoberta da vida de S. Francisco de Assis arrancou ao vicio e elevou aos mais puros habitos de ternura e caridade christãs. Tambem discipulo dedicado do Pobrezinho da Umbria, frei Henrique Golland Trindade narra-nos as aventuras espirituas de Matt Talbot com uma simplicidade de que não estão excluidos os meritos artisticos.

Beni Carvalho — *Sexualidade anomala no direito criminal* — Editor J. Ribeiro dos Santos — Rio.

Eis ahi uma these em que assumptos aridos, e por vezes na perspectiva de despenhar-se na escabrosidade, são expostos com muita elegancia de fórma, no mais perfeito dominio da arte litteraria. Familiar dos textos de Carrara, von Liszt, Manzini e outros tratadistas do direito criminal, o sr. Beni Carvalho não o é menos dos romances de Anatole France, dos ensaios de Maeterlinck e dos aphorismos de Nietzsche, ao que demonstrou em livro anterior. Livro intitulado *De florete e de luvas* e no qual ha paginas de saborosissima ironia a proposito da esterilidade dos grammaticos do Rio e da acrimonia pouco fidalga de certos pamphletarios de provincia.

## « HUMANIDADE »

Nessa vivissima publicação de Lisboa, que Vianna de Almeida dirige, ha lugar para as graves cogitações de ordem social e politica, mas tambem não falta espaço para as coisas de letras. Tomemos, por exemplo, do numero de 5 de setembro deste anno, e vejamos que ahi se encontram, ao lado de estudos sobre essas colonias africanas que ainda poderão ser para Portugal a revivescencia da Africa romana que deu Santo Agostinho, versos de Antonio Botto e criticas a livros, de um Guedes de Amorim. Alternando com os felizes jogos de palavras que Silex attribue a um correspondente trocadelista, surgem preciosos informes sobre a vida metropolitana dos lusos. Medicina, teatro e esporte ahi se enfileiram na melhor das harmonias. Um periodico á moderna, onde tudo vem no sitio adequado e sempre com utilidade para os leitores em que o bom senso é ainda bom gosto.

## Novidade ARIEL

de R. A. GUZMAN

CIUME

5.<sup>a</sup> edição — 12.000 exemplares

Traducção de GASTÃO CRULS

## O Sr. Jorge de Lima

Referiu-se Agrippino Grieco a um possível tomo assim intitulado: *Para compreender Jorge de Lima romanista*. Vale, a sugestão, em se tratando de *O Anjo*, bella realização cryptographica e cuja belleza vive em função dessa cryptographia, parecendo que o livro — compreendido, deslindado e reduzido a seus dados essenciaes — não valeria grande coisa... Mais aceitavel é *Calunga*, onde o autor não pretendeu divertir-se e confundir os leitores indigenas com dissociações especiosas. Essa historia tem lances felicissimos, tudo ali é plastico, é mesmo assumpto de romance e não malabarismo de homem culto e intelligente. *O Calunga* é sincero, impetuoso, fala-nos de mundos authenticos, de seres com sangue e nervos, de factos connexos e dignos da attenção de um escriptor. As creaturas effectivamente transitam no livro, ha largueza e densidade nos acontecimentos de que «seu» Lula é heroe — ou victima — central, e a efficacia narrativa nos faz até perdoar o «preconceito da sujeira» e aquillo que o citado Agrippino chamou de «academismo ás avessas».

Quanto á biographia do canarino, digamos que o Anchieta de Jorge de Lima é um homem antes que fantasia de livro — um homem com braços, pernas e cabeça, um camaradão em summa, porquanto, lendo esse trabalho do poeta alagoano, a gente esquece que varios seculos nos separam do jesuita e sente mesmo impectos de chamar de amigo, de companheiro, quasi o convidando para uma meditação, ali no alto de S. Thereza, sôbre os destinos espirituales do Brasil...

Esse caracter de *humanidade* que Jorge de Lima deu ao thaumaturgo, a «força humana» de Anchieta sôbre a qual o biographo tanto insiste a *intimidade* com que se fala da gloriosa sotaina, tudo isso dá colorido, belleza e lucidez ao livro, máo grado o arrebamento de alguns catholicos excessivamente *mysticos* — coisa que Anchieta não foi jamais, pois santidade e mysticismo não são creaturas xiphopagas...

Tocando em catholicismo, lembremos a poesia restaurada em Christo. Fecha-se o *Tempo e Eternidade* com o desejo sincero, ar-

dente, de passar uma eternidade sem o encontrar segunda vez, e de aproveitar o tempo com sensações menos seraphicas, como por exemplo uma partida de «foot-ball» em Madureira ou uma excursão ao Mercado Velho...

Acho que sou muito opaco, desde que não consigo entender essa poesia catholica (notem que escrevi *essa e não a*). Aliás, não sei mais entrar em egrejas. Nem pela porta grandiosa nem pela porta dos fundos...

Poesia a reter, na historia da litteratura brasileira, é ainda a outra — a poesia peganhenta, saborosa, das sinhás e das fulôs — o «inverno», as «Cantigas», essas coisas singelas, sensuaes, melancolicas, e tão significativas para a nossa poetica sem muitos valores reaes.

Minha incompreensão diante de *Tempo e Eternidade* talvez desgraça a pessoa do poeta. Si tal acontecesse, eu ficaria bem triste. Porque sou franco admirador de Jorge de Lima. E aceito que elle tem talento até para dar de presente aos frequentadores de seu famoso consultorio na Cinelandia...

NEWTON SAMPAIO.

Eurico de Góes — *Roma triumphal* — Editora Elvino Pocai — S. Paulo.

Em edição bellamente illustrada, lêmos estes versos dedicados á terra que obriga todos os artistas e homens de letras a repetirem a phrase do Apostolo: «Civis romanus sum». Também do sr. Eurico de Góes é o folheto *Um paladino da Abolição*, homenagem a Feliciano Bicudo, que deu ao Brasil milhares de cidadãos novos em milhares de pretos libertados, sendo em tudo digno de permanecer nas memorias ao lado de Antonio Bento. No sr. Góes, que não esmorece em trabalhar pelo espirito, ha cultura, bom estylo, altitude de pensamento.

Jader de Carvalho — *Doutor Geraldo* — Edésio, editor — Fortaleza.

Referindo-se ao volume *Classe média*, do mesmo autor, assignalou o sr. Eloy Pontes: «O romancista não concatenou uma historia seguida, com scenas articuladas e personagens que entram e saem ao sabor da technica. Preferiu associar uma série de episodios, formando uma especie de painel, onde se distribuem os elementos necessarios aos intuitos das reconstituições». É igualmente este o processo do *Doutor Geraldo*, mais um bello passo á frente dado pelo incansavel excursionista de almas que é Jader de Carvalho.

Cassiano Ricardo — *O Brasil no original* — Collecção Cultural da «Bandeira» — S. Paulo.

Cassiano Ricardo é um dos grandes poetas vivos do Brasil. Plinio Salgado viu nelle um dos supremos interpretes da raça, em lyrismo e epopéa. Roquette Pinto declara sentir ao lê-lo o aroma de todas as seivas do sertão. Ronald de Carvalho incluiu-o entre os que realmente são descobridores de novas regiões espirituales. *Martim Cererê* foi por muitos igualado ao *Caçador de Esmeraldas* de Bilac. No momento, neste volume em prosa, programma de bello nacionalismo poetico, roteiro de um desabusado bandeirismo em questões de arte, mostra elle que não ha originalidade sem desobediencia aos idolos de mulambo e papelão. Quer um Brasil menino e não cachetico, mesmo errando no que apresenta de seu, em logar de acertar na repetição do alheio. Nobre doutrina, de quem sabe andar na terra com os pés ligeiros dos aborigenes, em vez de pesar sobre ella com as chancas ou sapatões de quaesquer mestres da estranja.

Sebastião Fernandes — *Bonitas e feias* — Irmãos Pongetti — Rio.

O sr. Peregrino Junior accentuou a «compreensão e sinceridade» que ha nos ensaios do sr. Sebastião Fernandes. O sr. Jayme de Barros louvou-lhe o estylo de «chronista agil, seguro e penetrante». Da nossa parte, já lhe gabámos as qualidades de manchista da prosa, renovadas e ampliadas neste livro de contos que os Irmãos Pongetti lançaram com a habitual elegancia.

Octavio de Faria — *Christo e Cesar* — Livraria José Olympio — Rio.

Partidario de Christo e do governo forte, o sr. Octavio de Faria escreve como quem muito sabe de doutrina religiosa e doutrina politica. Vae elle aos grandes livros, nunca se extraviando em autores inuteis, e também medita, também accrescenta personalidade creadora a tudo o que lê. O sr. Octavio de Faria é espelho de pensamento e trabalho para toda uma geração que deve reconhecer-se num moço que não se diverte com a vida, não se esbanja em tarefas tolas, e procura sempre o significativo, o essencial do mundo do espirito.

Simão Ferreira Paz — *As famosas armadas portuguezas* — Ministerio da Marinha — Rio.

Benemerito o esforço do capitão de fragata Didio Iratym Affonso da Costa na reconstituição e commentario da obra inedita em que Simão Ferreira Paz, figura ainda tão mysteriosa para os nossos bibliographos, tratou das glorias da navegação portugueza. Além de paciencia invulgar para a decifração de vocabulos que quasi estavam a exigir a requisição de um especialista em hieroglyphos, esse illustre official da marinha brasileira mostrou uma forte erudição humanistica na evocação ou confronto de varios textos lusos. A introdução agora publicada preannuncia um conjunto de primeira ordem que imporá a totalidade do trabalho de Simão Ferreira ao apreço de quantos estimam os livros raros e — o que vale mais — definidores de homens mortos, de épocas extinctas.

## « VAPORZINHO - MALANDRAGEM »

Quando os amigos de Raul Bopp promoveram uma homenagem ao poeta me escreveram pedindo qualquer coisa referente ao autor de *Cobra Nora'o*. Prometti na certeza de que ia faltar. Guardava comigo umas cartas interessantes e tão bem guardadas que não sabia aonde se encontravam. Agora, remexendo papéis velhos, deparo, entre ellas, com um relatório escripto a letra encarnada.

Estavamos em S. Paulo e Bopp muito resfriado. « Fica-se movendo na cabeça uma geometria de tetos e paredes. Começa-se a se pensar em besteira: sem querer a gente recahe em Julio Verne — Companhia de navegação dos prompts (verso de Murilo Mendes) ». Ainda assim, doente, elle teve forças para me apparecer no hotel, conversando com muita vivacidade.

Outubro de 1931 tão cheio de recordações amáveis! Antonio de Alcantara Machado, Mario de Andrade, Assis Chateaubriand. Mas o momento é improprio e só a Raul Bopp é dedicado. Falemos delle, pois.

Anda por longe. E' nosso consul nesse Japão voraz comedor de terra e que nunca se contenta com o que tem. Quer mais, quer sempre mais. A China que se aguenta.

Já naquelle anno o poeta de *Urucungo* falava em viagem á roda do mundo. E de facto: mezes depois empreendia outra se não estou enganado. Porque, antes da Revolução, elle fizera uma bem longa, cujas historias que sei dariam para encher columnas. Disse que achei um relatório (falar de Bopp é distanciar-se do assumpto. Por isso comecemos logo a historia, sem mais delongas) e não resisto ao desejo de transcrever alguns dos seus trechos que me parecem opportunos. A idéa da propaganda exterior do Brasil preocupava-o muito. O que vira lá fóra o revoltara sobremodo. Um descaso, uma ignorancia total. Porque não reagir?

O instante se lhe mostrava propicio. « Você o que pensa dum vaporzinho do José Americo que sahisse a correr mundo, parando de porto em porto, com mercadoria brasileira, musica brasileira (victrola com — cadê vira mundo, Jura, Pavuna, Com que roupa?) — fejoada brasileira, canninha, vatapá, mate, cacau, chôro bahiano, um corpo de cozinheiros bichos, etc. Vaporzinho-malandragem, com o fim de propaganda comercial (com mais imaginação que a nave d'Italia). Sahe daqui vae pro Prata. Recepciones, matchiches, artigos en *la Prensa*. Depois vae pro Chile (via lá por baixo). Depois Pacifico pra cima até o Panamá, rumo a Cuba, Mexico, Sul-yankee. Depois pelas costas atlanticas de America. Scandinauia — do Baltico ao Mediterraneo. De porto em porto. Chocando o que já existe feito no Brasil. Cinema pra mostrar Iguassú, coisas da Amazonia (Film da Empresa Hevea), vida cafeeira. Camaradagem com os jornaes de cada terra — pra dar repercussão ». Raul Bopp estende-se e apresenta novas suggestões.

E' um homem organizado em materia de bem servir ao paiz e á nacionalidade. Senhor de um idealismo que dispensa commentario. E desde que mette-

ram um cargo consular nas mãos do sonhador e aventureiro admiravel, o resultado está ahi na organização pratica, racional e intelligente do nosso commercio com os mercados japonezes de algodão e café, além de outros productos. Isto exteriormente e por dentro, isto é, no escriptorio, tudo se apresenta um primor de ordem (temos provas photographicas), nada de Bopp pessoalmente tal como elle se apresenta. « Aos visitantes do vaporzinho José Americo distribuição de cartões, vistas brasileiras, aos milhares. Efeito: propaganda turistica. Paizagens, tudo tem grande acceitação nos rotativos, prensa illustrada. Paizagem e madeira do Paraná (coisas esplendidas). Uma ligação pratica com associações commerciaes, camaras de commercio de cada paiz. Informações commerciaes do Brasil. Uma bibliotheca, sala de leitura, illustrada com vistas nacionaes — Pão de assucar, Paulo Affonso, Guahyra, coqueiraes, praias, estações balnearias. Prospectos para turistas. Uma propaganda para corrente de turismo ao Amazonas ». Não fica ahi. O intellectual desperta e entra com o contingente da classe.

Aliás o livro, nessa emergencia, não poderia ser esquecido, figurando mesmo como material de primeiro plano. « Collecções de livros typicamente brasileiros (com algum *stock* pra dar a intellectuaes, ou ás bibliothecas de cada paiz). *Inocencia, Iracema, Sertões, Braz Cubas, Bagacira, Extrangeiro, Ruinas Vivas, Atheneu, Chanaan, Mulato* (o do Aluizio), *Caboclos* do Valdomiro Silveira, *Urupês, Maria Bonita, Inferno Verde, Pelo sertão* (do Arinos), *Carne* de Julio Ribeiro ia me esquecendo do *Macunaíma!* Se podesse uma edição do Amorim (o livro mais gostoso do Brasil) e do Poranduba do D. Rodrigues ». Hoje teria de ser mencionado um grande numero de romances dos novos que vieram com o advento revolucionario.

Encerrando o capitulo referente a publicações, o lyrico de *Cobra Norato* é quem faz o convite. « Bem, vamos deixar os livros. Uma entabolação commercial com livrarias para maior intercambio. Traducções. Conhecimentos com *las prensas sul-americanas*. Tudo nos une e nos deve unir cada vez mais maior aproximação. Soluções donde resulte equilibrio de interesses. Typo do vaporzinho — encyclopedia. Tem de tudo. Arca de Noé do Brasil. Brasil-flutuante. Cartazes: troca-se trigo por café. Precisa-se carvão pra machinas. *Plata no hay! Hay café!* »

Para que não se tome como pilheria é que adverte em tempo e com justas razões de auto-critica. « Seu cumpadre, isso é brincadeira, mas pode ser levado a serio que tem bases. Sobretudo si se tiver como numero 1 o criterio de organização honesta e efficiente. (Sem Assis Brasil no meio e sem padres). As empresas, firmas industriaes, exportadoras do Brasil (inclusive os Estados) alugam espaços pra exposiçãõ dos productos. Typo feira de amostra (os Estados tambem podem se representar), nada de favor nem para o cardeal ». E prosegue na explanação do seu plano de propaganda, não se esquecendo de coisa alguma. E' verdade que não sahe tudo quanto contém o seu relatório. Coisas deliciosas, porém que

poderão falar, dizer que a gente é isso, que a gente é aquillo e, por segurança, é melhor mesmo se mutilar um excellento pensamento explanado a crear situações incomodas. Isso vae á conta de delicadeza e timidez de provinciano.

Bopp gostaria de ver tudo na rua, sem constrangimento, mas eu, sem lhe pedir licença, tenho o dever de omittir uns trechos a esse relatório. «A São Paulo Railway expõe uma miniatura da Serra de Santos. Instituto de Café installa umas usinas de fazer café. Idem o finado Instituto do matte, se existisse. Chá-brasileiro e dança en la plata: com bombom de banana (coisa gostosa com castanha do Pará, da firma J. G. Araujo!), uma pinga ou licor de café. Amendoim torrado!! Um charutinho Suerdick, um choro bahiano: repertorio da pontinha. Ou nos outros paizes, sem ser *la plata*, mas Europa, etc. Uma feijoada aos jornalistas de cada terra, arroz de Rio Grande, carnes, frios, lingoa de lá — pinga. (Mostruarios de madeiras, oleos, algodão, fibras, cristaes de rocha). Pessoal de bordo escolhido a dedo: cada um tem que ter alguma coisa de especialidade. Alguns jornaes podem mandar correspondentes. Firmas podem manter representantes a bordo (passagem paga)».

Exposto o pensamento, e de fórma detalhante, embora ligeira, conclue o poeta com certa displicencia apparente, bem escondendo a riqueza de uma actividade incomparavel, disciplinada e de resultados sempre os mais concretos: «Vocês arranjem essa coisa e me reservem um logarzinho de malandragem a bordo, pra poder viajar. Tou paulificado disto aqui. Aceito o logar de super-chefe da cozinha, ou fiscal da limpeza publica a bordo, ou delegado musical. (Pena é que eu não sei nem assobiar como o Whitaker na ultima *Careta*). Uma coisa eu faço questão: pessoal mulatinha de bordo escolhido a rigor como as *mises* nos concursos de belleza. Se vocês fizerem isso, uma coisa tambem deve se padronizar: o pessoal, pra não se metter gente encrenqueira, porrista de má bebida, mas gente de controle, que fuja de discussões partidarias ou orthodoxas. Ha uma classe de super-patriotas muito paus. Em tudo veem offensas ao Brasil, querem fechar o tempo. Isso estraga. Gente alegre, mas de controle — e que não enjõe o mar».

Por fim Raul Bopp recommenda com grande interesse a leitura do seu relatório e que o mesmo na realidade encerra muita novidade aproveitavel. «Você quando estiver com José Americo falle nisso, nesse vapor de propaganda. Vê se elle inventa uns sellos de tostão pra cartões-vistas que vão pro estrangeiro, com 5 palavras apenas, como se faz noutros paizes. Isso tem effeito de turismo optimo. Sellos especiaes. Nada de caras. Sellos com vistas do Iguassú ou do Rio panoramico em duas cores, sello grande». E illustra a sua demonstração com varios sellos do estrangeiro. Um do Equador amarello e roxo, lindissimo, deveria ser imitado, trazendo o retrato do cacau. Ou um outro do Chile, que traz o salitre. Ou ainda outro do Japão mostrando o Fugi. Mas que, para nós, deve servir como lição e, em vez de salitre e da imagem do vulcão sagrado, que appareçam o café, o algodão tantas e tantas paisagens bellas que possuímos. O diabo é que, como

ficou dito, talvez não se possa evitar certas caras, homens prestigiosos no momento e que gostam do apaleio. Sahindo dessa ordem de considerações, deixe lá que a idéa do creador de *Cobra Norato* tem um grande fundo de verdade, que seria tão util ao Brasil, caso fosse um dia posta em realização. O que Raul Bopp imaginava ha seis annos passados ainda se mostra perfeitamente em condições de ser levado na maior consideração. Se não o foi quando escreveu o seu relatório a culpa não será minha, nem do então Ministro da Viação José Americo, que lutava sosinho por infundir costumes novos e necessarios á vida do Estado muito enferrujada, com a machinaria perra, a precisar de oleos finos, o nosso oleo de oiticica, oleo do Nordeste do bom, do melhor que ha no mundo.

Quem sabe se de futuro não teremos navegando nos mares mundiaes o «vaporzinho-malandragem» sonhado pelo poeta?

ADEMAR VIDAL.

Marques da Cruz — *Portuguez pratico* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo — S. Paulo.

Professor de philologia portugueza na Faculdade Paulista de Letras e Philosophia, o sr. Marques da Cruz não esquece um só instante que não póde haver utilidade na grammatica sem um seguro conhecimento dos bons prosadores e dos bons poetas. E amigo intimo de todos os mestres de belleza do nosso idioma, de Camões a Corrêa de Oliveira, é elle tambem um creador de estrophes em que o apuro do vernaculo não se destina jámais a supprir deficiencias de inspiração. Seja rendilhando o poemeto historico, seja trabalhando o lepido soneto á moderna, o sr. Marques infunde pensamento nos rythmos cantantes. Patricio de Guerra Junqueiro, elle o é igualmente de Anthero de Quental e, assim, os seus alexandrinos, de boa sonoridade sempre, não dispensam nunca um feliz conteúdo humano.

RECORDAE  
COM ATENÇÃO  
A  
"A CIGARRA  
E A FORMIGA"

1/2  
4%  
AO ANO

CAIXA  
ECONOMICA

JUROS  
CAPITALISADOS  
DE 6 EM 6 MESES

DE HELSINGFORS

## Um Livro sobre a Finlândia

E' um nome recente na geographia — Suomi — illustrado embora por uma tradição millenar, a que nem faltam os relevos de um poema nacional recolhido da voz dos ultimos rhapsodos da Europa. Sob o nome novo na toponymia europeá, resurge aos olhos do mundo um paiz escondido, talvez esquecido, nos confins polares — a velha Finlândia dos cem mil lagos e das cem mil ilhas, das florestas mysteriosas á beira de corrente e de espelhos d'agua, a bizarra Finlândia do circulo polar da Europa boreal, a Finlândia, emfim, habitada outr-ora por nomades batedores de florestas, que hoje se transmudam, na arena das Olympiadas, em esbeltos campeões á Paavo Nurmi.

Traçar o retrato de Suomi é sem duvida tarefa seductora, tantos os aspectos novos que se vislumbram nos seus horizontes quasi hyperboreos, as côres não serão capitosas como as da Italia — serão enevoadas, opalinas, esmaecidas dentro de uma gaze de neblina, á luz fluorescente do sol da meia noite, no verão, ou nos contornos nevoentos da noite polar, no inverno. Os verdes irão perdendo a intensidade do meio-dia para se confundirem nos longes do horizonte com o cinzento e o gris do mar eriçado de granito á flor de aguas mansas.

Como se o prisma solar fosse coado através de um vidro fôsko. Na diluição de tons e claridades — a terra lendaria do *Kalevala*. E a gente reflecte na physionomia, nos olhos, nos cabellos, no côr da pelle, aquella mesma indecisão de tintas que vem da natureza, gente tão alva que parece pallida, pupilla de um tom frio, mais ardosa que azul, cabellos louros, entre platina e ouro, que até parecem encarecidos.

Essa paisagem de Suomi está para ver-se nas vitrinas de turismo frequentemente miniaturada em chifre de renna ou em tabletas de álamo.

Eu preferiria graval-a numa chapa de aço, tirando do metal polido os matizes exactos para o realce das cousas e da vida. Surgiria do dédalo de ilhas e lagos o bouquet scismador dos pinhaes, ou das faias, ou dos carvalhos, espalhados n'agua, quebrada a monotonia, de quando

em vez, por uma cabana de pescador ou de lenhador, ou por claras ladeiras de basalto. Do céu plumbeo emanariam os raios timidos de um diluculo, ou de um crepusculo, que só se interrompem, afinal, nos dias vertiginosos e alacres do verão, nesta latitude de rapidas mutações da natureza. Ao fundo do painel, o casario de Helsinki (ou Helsingfors), cujos telhados e cujas cupolas não enriquecem o colorido e apenas recortam, entre o céu e o mar, uma faixa mais clara, bastante para justificar o epitheto amavel que lhe costumam pôr os viajantes: Helsinki-a-Branca.

Tal a imagem que me é dado reconstruir num ligeiro contacto com este paiz palpitante de seiva moça que se denomina «Suomi». Nem contradiz a leitura prévia de um livro ha pouco dado aos prélos em França, pelo mais «suomophilo» dos escriptores francezes, Luiz Perret, docente, tambem, da Universidade de Helsinki: *Le portrait de la Finlande*. Através da dissertação erudita e da accumulção de dados historicos e estatisticos, é força identificar, pelo que tambem encerra de paginas descriptivas, esse perfil de tintas timidas e translucidas, coadas de mysterio, escondendo uma nobre e caracteristica physionomia nacional.

Grão-ducado sob o sceptro do rei da Suecia, a principio, depois sob o tzar de todas as Russias, Suomi resurge hoje com os atavios da soberania, não só para o mundo externo, como para o existir interior, affirmando os direitos da sua cultura, da sua raça, da sua lingua, tudo consubstanciado e resumido na singularidade daquelle nome, repetido com enlêvo pelos filhos da terra. E' uma felicidade unica que desfructa esse pequeno povo do Norte — a alegria de ser moço, de renascer, como a ave da fabula,

das suas proprias cinzas, em que crepitavam os ardores de uma alma não envelhecida, apesar de seculares e infatigaveis vicissitudes.

Suomi sahiu do longo torpor com essa mesma alma incorruptivel e serena, na frescura de uma juventude eterna. Nem a antiga dominação sueca, nem o panslavismo, lograrão destruir ou corromper a essencia da cultura nacional. Os traços inconfundiveis da paisagem protegeram a pureza do feitio avito. O paiz não se enquadra na geographia dos fiordes ou dos stepes. Nem o povo, com a sua lingua millenar, se emparenta com scandinavos, ou moscovitas, ou mongóes. E' finnez puro, finnez pela raça, finnez pelo idioma — indo-europeu do ramo finno-ugriano, que se concentrou na Finlândia e se expandiu pela Carelia, até as margens do Baltico, segundo os ethnologos. Raça autonoma, caracteristica, vigorosa — lingua propria, sem affinidades com qualquer outra, peculiarissima pelo vocabulario e pela grammatica.

Essa lingua sobreviveu e adquiriu plastica moderna sobretudo pela poesia popular, de que o vivo e glorioso monumento é o poema do *Kalevala*. Antes, porem, na Independencia, vegetava á margem do russo, á sombra do sueco, sobretudo, pela força de secular colonização dessa origem e pelo prestigio de mais antiga cultura. Rôtos os laços de dependencia, o povo poud readquirir a plenitude dos seus fóros, a começar pela mesma lingua, rica de accentos proprios, a que os poetas do povo e mais tarde os creadores da litteratura deram a necessaria plasticidade, enriquecendo-a a um tempo de multiplos recursos. Lingua tradicional a que se emprestam expressões recentissimas, forjadas com os accentos primitivos, para designar a multiplicidade de phenomenos da vida moderna, em plena eclosão.

E' esse um dos aspectos mais interessantes da capacidade organizadora e do senso nacionalista deste pequeno povo. Essa capacidade, esse senso, sobrelevam, porem, em multiplos sectores da vida do paiz, nas classes dirigentes, como nos elementos conservadores da sociedade, como no seio mesmo do povo. A Finlândia dessa arte se

Edição Ariel:

**VERTIGEM**  
Romance de GASTÃO CRULS

2.<sup>a</sup> Edição

## A monocultura e a dieta no Nordeste

Gilberto Freyre acaba de publicar *Nordeste*, estudo ecologico daquella região brasileira, isto é, da zona chamada da «matta» ou da canna de assucar. Mostra o autor como a monocultura teve influencia sobre a formação social da região. Foi a monocultura que esterilizou algumas das fontes de vida e de alimentação mais valiosas e mais puras do nordeste do Brasil — demonstra o estudo. E na verdade foi o nordeste da canna a região brasileira que mais soffreu os efeitos daquelle systema de exploração da terra, principalmente no que diz respeito á dieta.

A dieta no nordeste do Brasil foi gravemente atingida pela monocultura, como observa G. Freyre. Basta dizer que chegou a faltar farinha nos tempos coloniaes. Na Correspondencia da Côrte dos seculos XVII, XVIII e XIX verificou o autor, em suas pesquisas, frequentes referencias á falta de generos alimenticios. Poderia ter acrescentado ás evidencias historicas que apresenta, o depoimento de Laet sobre o seculo XVII, quando houve em Pernambuco escassez de alimentos e grande alta de preços.

A monocultura foi realmente responsavel por muitas fomes do nor-

manteve indemne de extremismos politicos e construiu as suas finanças, o seu commercio, a sua industria, a sua instrucção publica, sob invejaveis modêlos.

Do mesmo passo adoptou a mais avançada legislação social, no sentido de legitima protecção ás classes desfavorecidas e á valorização do homem rustico do campo e das usinas.

Emquanto releio o abalisado Perret, na illustração erudita dos motivos naturaes que me vão ferindo a retina — espio, da minha janella, ao alto de uma calçada de granito, o mar finlandez, plissadas as aguas nos arrepios do outomno, redouradas as arvores, em plena desfolhada, na cadencia para o inverno, que transformará dentro em breve o golfo numa immensa *banquise* polar.

ARGEU GUIMARAES.

deste, onde chegou a se assistir a este absurdo: «As senhoras trocaram joias de ouro por punhados de farinha», nos diz G. Freyre, apoiado em chronistas dos tempos coloniaes.

O nordestino dos tempos coloniaes comia mal. A dieta era deficiente nos alimentos chamados protectores: carne, leite, ovos, queijo, legumes e fructas. Nos seculos XVI e XVII a maioria dos generos era importada de Portugal e Canarias. Alimentos em conserva e por conseguinte com reduzido valor de nutrição. Ainda hoje os Estados do nordeste se abastecem no sul do Brasil de alimentos basicos da dieta do povo: xarque, farinha e feijão.

Actualmente a alimentação do nordeste apresenta falhas graves. Na mesa do rico, o leite e os legumes não occupam lugar de importancia, que está reservado para as conservas finas, os pasteis e os doces. Na mesa do pobre dos mumbos, apparece o peixe meudo, ás vezes com pirão. O trabalhador rural, este vive no interior, de xarque e farinha e, ás vezes, feijão.

G. Freyre informa que era excessivo o consumo de assucar e doces pela gente fina das casas-grandes do nordeste. Um chronista hollandez do seculo XVII salienta aos maus dentes das moças e das senhoras da região, dadas ao uso excessivo do assucar. A luz de um moderno criterio scientifico, não deixa de ter razão o velho chronista. O assucar occupa talvez na dieta do nordestino da era colonial o lugar de alimentos mais ricos. E como se sabe, alguns pesquisadores modernos attribuem as caries dentarias á fermentação de particulas de hydratos de carbono deixadas nos dentes.

A dieta colonial, vê-se atravez do estudo de G. Freyre, que era deficiente em calcio e vitamina D. Tal deficiencia alliada a condições de vida patriarchal favorecia o apparecimento das caries dentarias em moças que viviam dentro de casa, abafadas nas casas-grandes e nos sobrados, quasi sem receber o sol tropical, tão rico de raios ultravioletas, de acção anti-rachitica, que

seriam prevenção contra as caries dentarias.

Tollenare, citado pelo autor de *Nordeste*, conta que viu no Recife negros com as pernas e os braços finos. Talvez consequencia de rachitismo — mal que os annuncios de escravos interpretados por G. Freyre e posteriormente por pesquisadores medicos, fazem suppor ter existido entre os negros importados para a America.

Não nos devemos esquecer de que foi o sociologo de *Casa-Grande & Senzala* quem primeiro analysou scientificamente não só as condições physicas do escravo atravez daquelles annuncios como, atravez de outras evidencias historicas até então desprezadas, a enorme influencia que a monocultura exerceu sobre a nossa formação social e deu a material tão disperso a articulação scientifica e significação sociologica. Foi depois da publicação daquelle livro que se começou a observar toda a importancia da monocultura em nossa vida e em nossa dieta. Importancia presentida ou entrevista por alguns viajantes e outros observadores — muitos dos quaes, como os autores de esquecidas theses medicas da primeira metade do seculo XIX, elle foi o primeiro a citar em nossos dias — mas que no trabalho de G. Freyre apparece com toda a sua significação sociologica. E é hoje uma interpretação fundamental que não pode ser desprezada no estudo das origens, do desenvolvimento e da situação actual do Brasil em geral e do nordeste em particular.

RUY COUTINHO.

Hamilton Ribeiro — *Homens e patifes* — Recife.

Prefaciando a collectanea, o sr. Dirceu Borges declara que poderão observar no autor «um abuso da nota sarcastica, um tom demasiado pessoal de exasperação permanente». Mas, da nossa parte, observaremos tambem uma revolta de discipulo de Papini e Bloy deante dos que, máo grado uma longa moratoria de quasi vinte seculos, ainda não tomaram conhecimento da existencia de Christo. E a affectiva capacidade de admirar do sr. Hamilton Ribeiro está bem demonstrada na maneira por que se refere aos srs. Jarbas Peixoto, Thomé Gibson e outros intellectuaes do Norte.

## CAPITULO DE ROMANCE

— Menina!

A rêde parou nos seus estremecimentos em rythmo miúdo. Não disse nada, não estrebuchou, não se mexeu mais nem um bocadinho. Aquelle grito foi como uma ordem de «alto» para uma tropa que viesse marchando.

D. Glorinha fez uma prelecção sobre as inconveniencias daquillo. Não se aproximou. Falava de longe, de perto da porta que dava para o seu quarto.

De dentro da rêde, armada num canto, por entre as aberturas do tecido, ella observava tudo, sem um movimento, a respiração presa. D. Glorinha, de cabellos assaranhados, mettida num camisolão que desmanchava todas as suas formas, falando numa voz differente porque estava sem dentadura, parecia uma dessas bruxas dos contos de fadas. A sua sombra negra, disforme e muito grande mexia-se na parede como fumaça revolta, desenhando figuras esquisitas, quase abafando a restea de luz de lampeão que vinha de seu quarto.

Os pensamentos, as lembranças se atropelavam na cabeça da menina. Ficou com uma bruta vergonha e uma raiva doida do que aconteceu, sem saber como é que aquillo tinha acontecido. Sua mãe ia ficar pensando que ella era uma viciada, e entretanto uma vez ou outra lhe dava na veneta... Naquelle dia, nem por isso estava com essas vontades. Besteira. E' muita falta de sorte. A vergonha apertou cada vez mais, lembrando-se que no outro dia de manhã teria de dar as caras... Como haveria de apparecer? Uma vontade louca de sumir fez que ella afundasse no somno vendo uma bruxa, que era a sombra de sua mãe, se dividindo em bruxas, bruxas, uma fieira de bruxas iguaes, fluctuando como fantasmas, que foram enxotadas por um principe encantado, todo de azul, de espadim de ouro pendente da cintura, e que tinha a cara do rapaz de Fortaleza, que frequentava a missa dos domingos do Collegio Sagrado Coração de Jesus.

Concluidos os seus estudos, ella voltara definitivamente para a vida da fazenda, nas vizinhanças de Quixadá. Encontrou muita coisa mudada, uma irmã noiva e outra casada, com ares differentes, evitando liberdades com as meninas.

Vinha cheia de alvoroço infantil de conhecer o seu cunhado e o noivo da outra irmã. Havia no seu coração o vazio completo da amizade que se dedica a um ou mais irmãos, que seus paes não lhe deram, e o casamento das filhas agora lhe trazia.

A primeira vista de seu cunhado provocou-lhe entretanto uma perturbação que ella não soube comprehender nem definir. Os seus olhos penetraram-lhe de uma maneira tal que ella sentiu gelar-se toda por dentro deante d'elle, confusa, emocionada, e o seu corpo experimentou desejos de violencia até então desconhecida, quando se lembrava d'elle, na sua ausencia. Ella reagia tenazmente, sem poder acreditar nem poder admitir.

Mas o certo é que a sua presença tornou esquecidas todas as figuras de homem que a haviam

mais ou menos impressionado, até allí. A sombra do rapaz de Fortaleza foi indo, foi indo, até apagar-se. Um namôro ferrado com o Dr. Oscar Moreira, que todos esperavam desse em casamento, acabou-se ao primeiro pretexto. Certo dia em que ella viajava para Fortaleza, de encontro marcado com elle, namorou abertamente um rapaz no trem.

E foi a conta.

Ella mesma não sabia porque estava procedendo assim, sob a acção de uma especie de desespero allucinante.

Sentia sempre queimando-a, desnorteando-a, seduzindo-a, os olhos ardentes de seu cunhado. De uma feita, resolveu confessar tudo a sua mãe, para desabafar-se, para ter a sensação de alguém que a defendesse, que a ajudasse naquelle perigo. D. Glorinha ficou estupefacta, mas logo abanou a cabeça e disse: «— Você está maluca, menina. Não pense mais nisso, que é uma tentação». E accrescentou um tanto frouxamente: «Orlando não é capaz disso».

A menina teve forças para reagir. Aquella confissão tirou-a do mundo inconsciente para a realidade da vida, para a firmeza de suas attitudes. D. Glorinha, vigilante, amparava-a sempre, fortalecendo-a nas vacillações, desviando-a de encontros inconvenientes, distrahindo-a com outras coisas.

Como sempre acontece, toda a familia andava á procura de noivo para ella e suas irmãs casadoiras. Ella aproveitava o impulso desses desejos e preocupações para dar decididamente outro rumo ás suas inclinações amorosas.

O seu primo Augusto passou a centralizar as suas aspirações nesse sentido. Era-lhe indispensavel firmar as suas atenções num homem de quem gostasse, procurar alguém para entregar absorvedoramente o seu coração. Tudo estava ainda indeciso na esphera de seus sentimentos.

Esse primo... Podia muito bem ser que aquillo não passasse das brincadeiras a que se julgam com direito os primos. — Quantos casos assim de primos que vêm, brincam e vão-se embora, sem que ao menos precisem de dar satisfações pelo seu afastamento. Não vê que não tiveram, como os outros, concessões especiaes para a approximação...

Correu a noticia de que se achava na cidade o Dr. Humberto de Araujo, chefe do Orlando, que veio inspeccionar os seus serviços. Elle havia se afastado uns dias, tendo ido para uma fazenda distante. Todos da familia ficaram embaraçados, imaginando um meio de fazer a communicacão ao doutor, de modo a que não reparasse na falta do seu subalterno. Elle tinha mandado um recado para o Orlando apparecer logo, que precisava de tratar de assumpto urgente.

Não se sabe donde partiu a idéa, que foi logo acceita e posta em pratica. Lá se foi ella, toda arrumadinha como se fosse para uma festa, num vestido branco de filó, debaixo de uma chuva de peneira que caía. Foi com uma irmã para dizer ao Dr. Araujo que o seu cunhado se achava fóra, numa fazenda, e só voltava dallí a dois dias. Se quizesse mesmo falar com urgencia com elle, podia-se mandar um

portador. Se não, era melhor deixar porque elle fôra ser padrinho de um casamento.

Em casa, disseram brincando que o Dr. Araújo ia era namorar com ella. E namorou mesmo. A menina se compenetrou de que devia conquistal-o e saúse muito bem. Claro que o Dr. Araújo respondeu que não havia prêssa, deixasse o homem effectuar os seus compromissos sem afobação. Todos ficaram contentes com o resultado da missão, a menina muito orgulhosa e esperançada.

O primo Augusto perdeu a graça, sem saber como agir, que posição tomar. Quando Orlando voltou e soube tambem do que se deu, não pode conter a sua revolta. Fez um esbregue, brigou com o Dr. Araújo por questões de serviço, diversidades em assumptos technicos. Só D. Glorinha e sua caçula ficaram sabendo o motivo verdadeiro da desavença. Parece que D. Glorinha falou reservadamente ao seu genro, que moderou as suas iras e passou a guardar mais reservas no seu procedimento.

Enfim, o Dr. Araújo foi se embora. O primo Augusto reconquistou o terreno e, receando novo contratempo por motivo da presença de algum doutor da cidade, tratou de se garantir pedindo a moça em casamento. Elle estava muito bem. Agora, então, que seu pae tinha morrido, pode se dizer que era o dono do engenho da familia. A sua mãe, velhinha, entregava-se inteiramente a elle, e sua irmã era casada com um negociante muito rico.

Eram favas contadas que dentro de pouco ficava dono sósinho da fazenda. O unico defeito que se podia apontar nelle era ser quase vinte annos mais velho do que a noiva.

O coronel Dúdu contou então varios casos de casamento assim, em que os esposos foram muito felizes. O pedido foi acceito com uma festa muito grande. Dansou-se e comeu-se muito tres dias e tres noites, não como nas historias da carochinha, mas como se usa lá pelo Nordeste.

D. Marocas entrou como um raio, perguntando por D. Glorinha, com um lenço dependurado na mão direita, agitando-se pra diante pra traz. Foi direito ao quarto onde ella se achava. Conversaram muito, ouvindo-se de vez em quando a voz exaltadissima de D. Marocas. Finalmente, mandaram chamar a filha mais moça de D. Glorinha. Ella negou tudo. Disse que nada tinha que vêr com aquillo. Disse de uma maneira que D. Glorinha acreditou. Estava acostumada a conhecer pela physionomia.

D. Marocas não se conformava. Essa historia, só tendo saído da cabeça daquella estouvada. Não era de hoje que fazia das suas. Declarou a D. Glorinha que precisava de uma providencia. Não podia ficar assim. Como percebesse que sua irmã não attendia a suas palavras, levantou-se gritando: — «A honra de minha filha tem de ser lavada. Com mãe molle, como você, assim é que se faz...»

Pegou uma corda que estava dependurada no armador em frente, dobrou-a em quatro e avançou para a menina. Deu-lhe, deu-lhe com furia, bufando. Deu-lhe pelos quartos, pelas costas. A menina ficou estatelada, mas recebeu tudo sem dar um grito, sem fazer uma reclamação. D. Marocas redobrou de in-

tensidade. Deu-lhe, deu-lhe pela cara, deu-lhe por todos os lados. Passou a corda para a outra mão. Lépte-lépte-lépte. — «Você está vendo o desaforo, o atrevimento della, Glorinha? Nem chóra, de soberba!» D. Glorinha tinha fugido para não vêr, pallida de susto, de indecisão e de horror. A sua intervenção seria a quebra da autoridade da tia...

D. Marocas espumava de cansaço e de raiva. Agarrou as cordas com as duas mãos e deu, deu na menina, até não poder mais. Ella continuava de pé, altiva, a receber tudo, sem um gemido, sem uma palavra, sem um pedido de soccorro. A casa toda em polvorosa, sem um homem, estava simplesmente revoltada com D. Marocas. Mas cadê coragem de alguém para se medir com aquella mulher?

Por varias vezes, a menina teve ímpetos de tomar-lhe as cordas e devolver a surra, mas continha-se subjugada — pelo respeito devido á irmã de sua mãe. D. Marocas descansava um pouco, tomava folego, e voltava a carga como uma féra, vibrando golpes com a corda agarrada nas duas mãos. O seu amor proprio estava ferido por sua sobrinha com aquella resistencia sem choro. Era agora uma questão de honra della para com a menina. Havia de chorar. E lépte-lépte-lépte.

Finalmente, arreou porque não tinha mais força para continuar. Seus braços fraquejaram, seus olhos fusilavam de odio. Teve a impressão humilhante de ter sido vencida na luta em que só ella realmente lutava. Ficou com uma raiva medonha de sua impotencia, e apontava o que se déra como a maior prova do monstro que era aquella menina. Agora é que não havia — duvida. Foi ella mesma que andou espalhando que sua filha não era mais moça, o namorado tinha feito mal a ella...

Quando o seu Dúdu chegou, de tarde, ficou damnado com a historia. Teve vontade de ir atraz de D. Marocas para tirar uma desforra, dizer que a menina tinha pae. O primo Augusto tambem achou que não podia ficar assim. Era sua noiva e ninguem podia tocar. Ameaçou, fez projectos de vingança, mais hoje mais amanhã.

A moça, entretanto, pediu que não fizessem nada. Toda pisada, com ardeduras espalhadas pelo corpo, ella sentia um remorso qualquer de não haver chorado. Pareceu-lhe que aquillo era uma grande affronta á sua tia, uma falta de consideração. Não pensou na hora. Não foi de proposito.

Em casa, de noite, na sua rêde, D. Marocas teve um bruto arrependimento do que aconteceu. Não disse nada, porque era orgulhosa, mas aquelle procedimento bravo, altivo de sua sobrinha desconcertara-a. Ella se mexia de um lado para outro, — dentro da rêde, sem poder dormir, sentindo comichões na garganta e uma opressão horrivel sobre o peito. Ella tinha a sensação de haver realizado uma coisa repugnante ou commettido uma profanação, assim como metter a faca num defunto.

E tremia de horror.

NEWTON BELLEZA.

(Trecho do Romance «Mulher sem Marido», a apparecer).

## A aventura de Cid Franco

Ha mendigos, ha meretrizes, ha gente sem tecto, ha homens explorados. Pouca gente, que não lhes pertença ao numero, lembra-se delles. Entre os que se lembram, ha alguns que se impressionam, que estremecem de horror, e pensam em Deus, arrependidos de blasphemias e de queixas contra a sorte, exclamando, com um arrepio na espinha: «A gente não tem razão de queixa. Devemos até dar graças a Deus. Ha outros que estão muito peor...» E vão jantar com mais appetite, dando mais valôr á mesa farta, rica de guloseimas e de vitaminas.

Ha, porém, outros que olham com menos passividade o soffrimento alheio. Não se contentam em não estar sem tecto ou sem pão. As almas caritativas, que vêm no soffrimento humano um designio superior: a oportunidade que Deus lhes dá de ganharem o céu pela pratica do bem. Os philanthropos, que vêm nelle um bello motivo de publicidade. Certos artistas, que acham nelle assumpto, colorido, interesse humano, cor local. Aquelle poeta, por exemplo, de que fala Cid Franco em seu ultimo livro, *A Procura de Christo*. Sahindo á rua pelo Natal, a fazer compras, o poeta viu o menino pobre. Viu, voltou para casa, e escreveu um poema bonito. «*Sobre os olhos do menino pobre a espiar um [automovel vermelho, uma bicycleta e outras coisas impossiveis...*»

Escreveu e dormiu sonhando com a gloria, enquanto o menino ia dormir sonhando com o automovelzinho vermelho e a bicycleta...

E ha quem faça como este mesmo Cid Franco. Quem não dê graças a Deus de não estar com fome, quem não queira negociar com a fome alheia não só para ganhar o reino da terra como o reino dos céos. Quem sinta a fome alheia como a propria. E não se conforme. Ha milhões de homens assim. Gritando, protestando, conspirando, provocando, matando, sendo mortos, povoando as cadeias, pregando o odio, a revolta, um mundo novo, possível ou não pouco importa ao caso.

Essa rebeldia fez delle o que nós, modestas columnas da sociedade, costumamos chamar de elemento perigoso á ordem social. Havia procurado um caminho, uma solução. «Como Francisco de Assis, eu tive a minha grande duvida. Mas não tive logo a tranquillidade. Pareceu-me logica a negação: neguei a vida ao espirito. E impressionado pelo soffrimento de milhões e milhões de homens eu fui para o lado da pobreza com todo o odio de quem nega a vida espiritual. Preguei a luta do homem pobre contra o homem rico, a morte do homem rico pelo homem pobre. Preguei a violencia». E' porisso que elle está fichado na policia, que andou foragido, que esteve preso.

*«Para seguil-os, numa grande luta,  
pelo pão, pela terra, pelo pobre,  
um dia abandonei, serenamente,  
o meu conforto e a minha paz.  
Noites e dias eu passei  
jogado ao fundo de prisões».*

Honesta, corajosa, nobremente, elle não achava que a dôr humana era apenas assumpto para poemas

bonitos ou romances proletarios. Tomava uma attitude e assumia uma responsabilidade. Não se fez o sympathizante literario que é apenas um pre-adhesista, na possibilidade longiqua de uma derrubada. Mas todos nós temos o direito a uma revisão de valores, a um caminho de Damasco. Mesmo que seja para peor. Comtanto que seja honestamente. Antes de Pirandello, e para não ir muito longe nem alto demais, Ibsen já dizia que não ha verdades Mathusalem. Depois de Pirandello a verdade ficou particularmente desacreditada. Ou melhor, a verdade, relativissima, ficou sendo uma coisa puramente pessoal, affirmação que pôde estar em desaccordo com o espirito do nosso tempo, mas que para mim é verdade. Para Cid Franco, um dia a sua verdade esboroou. «Todos nós temos em nossa vida momentos supremos. Eu tambem tive a minha resposta. Não integral, não total, pois só a merecem creaturas como o pobre de Assis. Tive meia-resposta. Foi assim mesmo um deslumbramento».

Elle acha difficil explicar a mudança que então se operou no seu espirito. Eu tambem acho e não vou explicar. Mas comprehendo. Comprehendo e respeito. Porque eu não vejo nesse comunista que se aproxima de Christo nem uma derrota de Marx ou do diabo, se assim o quiserem, nem uma victoria de Christo. Vejo uma historia humanissima, um drama interior de commovente belleza. Estou quasi como o poeta que foi escrever o poema bonito sobre o menino do «automovinho». E admiro sobretudo a coragem moral da sua attitude. Porque é preciso ser tão homem para se fazer comunista (eu não falo dos que fazem comunismo para impressionar as pequenas...) como para se fazer christão (e está claro que não falo tambem dos profissionaes ou dos «profiteurs» da religião). E' alguma coisa a coragem de enfrentar o ridiculo, a ironia, o desprezo dos que não concordam, dos que pertencem ao outro grupo. O homem é por excellencia estreito e intolerante. O «odium theologicum» existe fóra dos arraiaes religiosos e na Italia como na Russia, aqui como na China, elle divide os homens. Basta olhar os pequenos agrupamentos de geniodes literarios ou pedir a um stalinista a opinião sobre um trotskysta e vice-versa, para não falar em perrepistas e udebistas. Os outros são sempre idiotas ou canalhas.

Elle tem bem consciencia disso. E pergunta, num poema:

*«Onde estão meus antigos companheiros?  
Devem dizer que sou um medroso,  
devem dizer que sou um fraco,  
devem dizer que tenho medo da prisão,  
dos maus tratos que padeci.  
Devem dizer que sou um trahidor».*

Mas esse traço fundamental de honestidade e a profunda humanidade do seu drama não estão apenas na attitude assumida.

Nesse mesmo poema, depois de lembrar o que podem dizer delle os seus antigos companheiros, elle proprio pergunta:

*«Quem sabe se é isso mesmo?»*

Esta pergunta é todo o seu livro. O livro é toda uma grande interrogação.

*«Penso em vocês com uma grande angustia, ó meus antigos companheiros.*

*Quem é que está certo?*

*Quem é que está errado?»*

Porque elle ainda não affirma. Elle procura, elle indaga, e uma grande angustia lhe devora a vida, uma inquietação cheia de amor humano e de auto-exame impiedoso e cruel.

Seus olhos entram-lhe pela alma a baixo. Desconfiados, destrinchando, analysando, com a frieza que é possível dentro da sua sensibilidade exaggerada. Elle quer se buscar, como busca a verdade, como procura Christo. Estará sendo sincero? Estará agindo superiormente? Não é vaidade? Não é covardia? Não é commodismo? «Por que é que se operou esta mudança em meu ser? Por que não quero mais que se mate o rico, como não quero que se mate o pobre? Por que não quero mais que se mate o homem?»

Essa exasperação da auto-critica enche o poema «Angustia», que é uma palavra que por sua vez enche o livro. Ah! se elle pudesse! Se pudesse encontrar a serenidade de quem nunca fez o mal, de «olhar o infinito sem uma sombra nos olhos», de entregar-se todo ao seu amor pelos que soffrem, e esta suprema aspiração:

*«Se pudesse olhar meus olhos num espelho*

*Sem sentir que elles zombam de mim mesmo»...*

Elle se interrompe a cada passo: «Estás certo? Estás errado? Estarei certo? Estarei errado?» Sua coragem de affirmar é travada, a cada passo, pela necessidade ou pela coragem de duvidar, de interrogar. E na propria feitura dos seus poemas, tendo o motivo e tendo o sentimento, elle ainda vacilla. E' agora o medo de não achar a palavra e a forma para o sentimento e para a idéa:

*«Não sei traduzir tudo aquillo que o homem de pés no chão falou...»*

O homem humilde que elle ouvira:

*«Falou tudo errado, falou sem grammatica.*

*Mas é impossivel reflectir toda a belleza do que seus labios pronunciaram lentamente».*

Por fim, elle se atreve. Procura contar o que ouviu. Mas, subito, se detem. Os olhos impiedosos estão falando:

*«Não. Isto é mau verso. Isto é ridiculo.*

*Não foi assim que o homem de pés no chão falou.*

*Elle falou tudo errado, falou sem grammatica.*

*Mas não ha musica de frase que traduza o sentimento do que elle disse».*

Esses olhos, tão crueis comsigo mesmos, olham, porém, a vida com infinita doçura, com infinito humanidade. Já não ha nestes poemas a rebeldia violenta dos poemas anteriores, cujos originaes estão archivados no seu promptuario da Delegacia de Ordem Social. O poeta chega ao alto da montanha. Vae se integrar no «extase da poesia universal». E' quando a voz de um desconhecido o traz á realidade brutal dos homens lá de baixo:

*«De quem é aquelle terreno lá longe?*

*O sr. sabe?»*

O mysterio dos grandes crepusculos e a fascinação do infinito se perdem. Elle fecharia os pu-

nhos, noutro tempo. Hoje, soffre mais do que no passado. Mas sabe apenas resumir comsigo, dolorosamente, a brutalidade do que está havendo, bem como o desengano dos antigos sonhos, neste verso que diz tudo: «Eu creio que não é a terra promettida...»

Seus olhos, cheios de uma bondade de que elle proprio duvida («se eu fosse um ser cheio de bondade poderiam minhas mãos curar um doente?»), olham, por um lado, com uma exactidão implacavel as miserias da vida, por outro com uma capacidade de perdão e de esperança que é nova, na nossa poesia. O «Canto de uma Prostituta» é um instante vivo e doloroso:

*«O homem honrado,*

*o homem sério,*

*o homem puro,*

*o homem perfeito,*

*achou muito alto*

*o preço que eu pedi pelo meu corpo».*

A verdade, a immoralidade e a revolta que das primeiras resulta não podiam ser expressadas de maneira mais intensa do que na sobriedade eloquente desses poucos versos.

Com que dolorosa e amargurada sympathia elle vê a chegada do inverno:

*«Pobres sem agasalho: o inverno! o inverno!*

*Quantas fazendas boas para o frio*

*no mostruario das lojas da cidade!*

*Mulher do povo, o teu calor materno*

*poderá combater esse arrepio*

*que gela o teu filhinho, sem piedade?»*

Vê-a recorrendo á caridade. «Como nós humilhamos tua classe!» Na casa rica o vinho espouca. Ha riso e luxo. Ha tambem inquietação. Uma voz feminina está travada por um desgosto. «Preciso emagrecer mais alguns kilos...» E o poeta volta-se para a mãe proletaria, num arrepio de pena e de commoção desesperadas:

*«Mulher do povo, o teu calor materno*

*é tudo o que possues para este inverno?»*

Essa intima solidariedade com o soffrimento alheio, com um sabôr de obsessão, extravasa de todos os seus poemas. Nada mais eloquente do que estes versos de uma grande e profunda belleza:

*«Oh! a doçura do barulho dos pratos na casa modesta... — Elle vem até o meu quarto de doente. — Preparam a mesa para o jantar. — E' dia de festa. — Daqui a dois ou tres dias estarei como antes — conversando e rindo com todos, — brincando com as creanças. — Este meu travesseiro é tão macio. — Acaricia-me a cabeça, embala-me os sonhos. — Tem pena de mim nas noites de insomnia. — Será por piedade ou por maldade, — para minha tristeza ou para meu consolo, — que agora eu penso nos travesseiros dos infelizes? — Penso nos travesseiros dos hospitaes, — travesseiros empapados de um suor de febre. — Penso nos travesseiros das creanças — que nunca disseram — Mãe... — Penso nos travesseiros das mulheres perdidas, — sujos pela poeira de mil cabeças, — sujos pela angustia dos que não têm amor. — Pela angustia dos que não sabem o que é o Amor. — Penso nos travesseiros dos paralyticos. — Eu sei o caso de*

*um millionario paralytico. — Penso num travesseiro que amanheceu ensanguentado — pela cabeça de um jovem suicida. — Penso nas cabeças torturadas que não têm travesseiros, — cabeças de mendigos, — cabeças de presos».*

Os travesseiros de tantos infelizes, em contraste com a maciez de seu travesseiro, ouvindo na sala vizinha o doce «barulho dos pratos na casa modesta», enche-o do remorso de uma felicidade que, realmente, elle não sente:

*«Por que sou tão feliz?*

*Sim, por que sou tão feliz?*

Caracteristico da sua attitude e da sua psychologia é o primeiro poema da série, «Pergunta».

*«Recolhi-me ao meu quarto e orei no grande silencio.*

*Procurei esquecer todos os meus vicios e enchi o meu pensamento das dôres dos doentes, dos pobres e dos presos, e tambem das dôres dos ricos infelizes e tambem da angustia dos que morrem na guerra».*

O que houve na sua evolução espiritual foi a comprehensão de que o soffrimento não é um privilegio de classe. E' uma condição humana.

*«Enchi o meu pensamento da tristeza de todos os*

*[homens.*

*Não fiz distincção entre elles».*

Alma trabalhada pela angustia de todos os homens, alma trabalhada pela duvida, pelo seu e pelo alheio soffrimento, alma torturada pela busca desesperada de um caminho, de um destino, de uma solução, que julgou ver no passado, quando queria transformar o jardim fechado deste mundo, num jardim aberto, «apenas com a destruição das grades», e que ás vezes vislumbra agora, inquieto sempre sobre o que vê e como vê (estarei certo? estarei errado?), não é de admirar que uma ou outra vez a sua voz estrangulada se traduza em versos como os de «Final de prece»:

*«...e afastae de minha mão este impulso suicida e conserva no meu coração o temor do mysterio».*

Mas é passageiro esse verdadeiro grito de terror, e esse minuto sombrio de vacillação. Sua voz illumina-se agora de claridades novas.

*«Através das grades que te prendem, como se fosses um animal feroz, olha a grande noite enluzada e aprende a escutar com esperanza o harmonioso silencio do Universo».*

O Amigo, que elle entrevê e que procura, e do qual se aproxima, ligado pela religião do amor humano, que nada tem a vêr com as religiões em vigor, desce, sobre a sua vida, «estranha força que vem do alto com a serenidade para o coração». «Elle me abençoa, diz em outro poema, com um gesto de perdão».

*«E os olhos de meu Amigo tambem deviam ser assim, deviam ter a doçura permanente de olhos que vieram vêr todo o egoismo, toda a inveja, todo o orgulho, toda a mentira, e vieram perdoar tudo isto».*

Os olhos bons e perdoadores do Amigo, vestidos de innocencia e de candura, têm um brilho

suave que contrasta com a voz torturada dos olhos inquiridores, inquietos, intellectualizados do poeta, olhos que elle não pôde vêr num espelho sem que os veja zombar dos seus gestos e attitudes.

*«Como os meus olhos me parecem differentes dos olhos de meu Amigo!»*

E' que elle não conseguiu ainda fundir-se, integrar-se na imagem do Mestre. Está ainda na antecâmara. Dentro do drama da busca, da duvida, da inquirição desesperada. Ainda não realizou o que S. Paulo traduzia numa passagem celebre, viver «reflectindo como num espelho a imagem do Senhor, sendo transformado de gloria em gloria como pelo espirito do Senhor». Talvez seja isso o que querem dizer os versos do seu ultimo poema: «O homem perdido».

*«Mas eu sinto que ainda sou o homem perdido. Como incontaveis de meus irmãos perdidos».*

Cid Franco ainda está no limiar. Elle proprio o declarou: tem meia resposta. E' já um deslumbramento, nas suas proprias palavras. E' em qualquer hypothese, para nós que assistimos de fóra do seu drama, uma aventura espiritual de interesse humano raro e profundo.

Haveria observações a fazer. Elle pôde estar certo ou errado. Pôde ter avançado. Pôde ter retrogradado. Poder-se-ia objectar que, nos seus antigos companheiros, o que mais impressionou foi o odio, a violencia. Poderíamos lembrar que o odio, a violencia, a guerra, nesse caso, não são a essencia, são uma circumstancia, um accidente transitorio. A violencia não seria um estado, não é um fim, seria um meio. A «destruição das grades» não seria o unico meio, seria um dos meios para transformar o jardim fechado do mundo «no mais soberbo dos jardins abertos». Demais a mais, a violencia não é criação recente. «Eu porém te pergunto, ó Espirito: a Guerra não entra nos teus designios?» A verdade é que a violencia — e eu digo isto sem maldade e sem irreverencia — se não foi praticada pelo Amigo, foi praticada sempre pelos seus amigos. Não se traduz apenas em bombas e petardos. «Inverno», «Canto de uma Prostituta» e tantas outras paginas admiraveis deste pequeno livro mostram-no bem. O odio e a violencia não seriam propriamente o mal. E é preciso reconhecer que, mau grado a primeira impressão, não foi apenas isso o que o fez buscar outros rumos. Foi alguma coisa de menos sentimental, digamos, de menos piegas.

*«Eu adivinhei, eu descobri, eu senti uma realidade superior ao meu mundo».*

E' para essa realidade, real ou não, que Cid Franco se encaminha. E' a sua procura que nos revela este livro, rico de humanidade e de belleza, em que sentimos viver, palpitante de vida, um grande poeta e um homem, todo um homem, no melhor e no mais nobre sentido da expressão.

ORIGENES LESSA.

NOVIDADE ARIEL

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL

## O Phenomeno Mineiro e «O Amanuense Belmiro»

Escolhendo «o amanuense» para personagem do seu significativo romance, Ciro dos Anjos regeitou as possiveis historias em torno desse «standard espirital» e, esquecendo, em boa hora, o burocrata, resolveu contar-nos uns trechos da vida dum solteirão, da espécie mais melancolica e mais humana de solteirão: aquelle que permaneceu só *malgré-lui*, que teve um amor e perdeu, e é saturado de uma grande reserva de ternura e de lyrismo: o solteirão sentimental. A verdade é que a historia de Belmiro Borba independe da circumstancia «amanuense». Elle poderia ser um medico, um advogado, um empregado de banco, porque o que importa realmente não é a fracção burocratica do Belmiro da Secção do Fomento, e sim o Belmiro meio bohemio, nostalgico das auroras e dos crepusculos de Villa Caraíbas, saudoso «duma certa manhã de Abril, no anno de 1910, ou duma determinada noite primaveril, dôce, inesquecivel noite», o Belmiro da rua Erê, e, sobretudo, o Belmiro do mytho-donzella-Arabella, eternização inconsciente da realidade-donzella-Camilla. O episodio-Carmélia é uma tentativa ephemera de re-personificação do mytho-donzella-Arabella. Effectivamente, Ciro dos Anjos observou muito bem a constancia dessa reminiscencia amorosa no amanuense Belmiro; nessa especie solitaria de homem, com o circuito emocional intensissimo, e com os pendores affectivos e amorosos mutilados, a força das suggestões infantis e adolescentes é poderosa, e na alma do Belmiro adulto ha uma impregnação immensa de lyrismo ingenuo, uma sorte de «ridiculo infantil» que caracteriza tambem o poeta e o santo...

O Romance, em Minas, está sendo restaurado no seu verdadeiro sentido. Desenvolvendo a qualidade mineira do equilibrio, os escriptores possuiram e cultivaram a noção do legitimo romance. Muito pouco «visuaes», e afastando-se, por isso mesmo, do abuso do typico e do regional, os romancistas mineiros, quer sejam no nucleo de Bello-Horizonte, quer sejam componentes do grupo mineiro do Rio, conseguiram uma sorte de néo-classicismo: uma extrema universalidade dentro dum espirito nacional; effectuaram uma especie de depuração de todas as tendencias e de todos os estylos, e sob a sombra duma serenidade laboriosamente conquistada, e com a contribuição de escriptores de vida interior intensa, vão sendo escriptas paginas de romance, do puro, de romance de alto-quilate. Herdeiros organicos duma noção séria de brasilidade, observadores, e além de tudo: equilibrados, os mineiros estariam indicados, naturalmente, para nos fornecer romancistas como Lucio Cardoso, João Alphonsus, Eduardo Frieiro, o grande Cornelio Penna, e, recenetmente, este magnifico Ciro dos Anjos.

Em todos esses, o passado tem o seu culto. Os ancestraes, no que elles tinham de viril, de mysterioso, de brutal e de fecundo, surgem, frequentemente, na vida dos actuaes a pretexto de confronto com qualquer domesticção, com qualquer arroubo lyricos dos fracos descendentes. Ha sim, na primitiva gente mineira, uma força mysteriosa de brasilidade, uma saturação mystica de amor a terra: essas criaturas sec-

cas, tenazes, austéras, essas mulheres caladas, pobres e resignadas, como a tia Emiliana, de Cornelio Penna e a Emilia, de Ciro dos Anjos, construíram, realmente, a alma da nacionalidade. Cornelio Penna, numa chronica recente, expoz toda essa surpreendente fermentação de realidade brasileira que se desprende do «tradicional mineiro»: *Para mim, a nossa metrópole, de onde tudo devia irradiar (e ha-de chegar esse dia), de onde tudo deve partir, é Itabira de Matto Dentro, com a sua prodigiosa crystallização da alma brasileira, de sua consciencia e de seu principio essencial. Subindo ao alto do Pico de Itabira, a montanha de ferro, a riqueza cobiçada pelo mundo, e contemplando-se a cidade que corre lá em baixo, como uma serpente entre as pedras negras, compreende-se que é uma riqueza maior, que ninguem cobiça, mas é o verdadeiro tesouro do Brasil. Compreende-se que daquelle silencio pobre, daquella vida extremada, daquella vida extremada, daquella allucinação de ausencia e obsessão de nada, deve sair um espirito colectivo novo, de tal fortaleza e austeridade que empolgará a nossa gente, sempre a procura de sua propria alma, e que não a achou porquê está voltada para o mar, esquecida do seu velho patrimonio de pobreza taciturna, sadia e indestructivel, sempre à espera dos transviados, para empolgal-os de novo.*

O amanuense Belmiro considera-se «o Bórba errado». E essa consciencia de fallencia lhe vem da sua extrema permeabilidade a todas as influencias, da sua incapacidade de guardar e alimentar a herança de nacionalismo. Belmiro tambem espéra que a solução lhe venha pelo mar, esquecido de que os ventos littoraneos desgastaram as almas, e que pelo Atlantico nos chegam vozes e idéas, que pela força de circumstancias e das necessidades, vão domesticando e abafando dentro de nós, a unica vez que deveriamos ouvir. Contudo, o mar — essa obsessão mystica dos mineiros, da qual já nos falou, tão limpidamente, Emilio Moura:

*Si eu, algum dia regressar (oh as impossiveis viagens  
[em que meu corpo não estará presente!]  
eu bem sei que só ha de ser com o propósito de  
[partir de novo,*

Agora, por exemplo:

*Tudo me trás, agora, essa ansia virgem de mar alto!  
inspira a Ciro dos Anjos paginas inequivocamente  
perfeitas!*

Não sei de multidão mais hyalinamente disposta e dispersa que essa do romance de Ciro dos Anjos: Redelvim, Florencio, Sylviano, Joanna, e Jandyra (que soberba carnção Ciro dos Anjos lhe deu!)

Saudemos o creador do amanuense Belmiro que acha «que no romance, como na vida, os personagens é que se nos impõem. A razão está com Monsieur Gide: elles nascem e crescem por ahi, procuram o autor, ensinam-se-lhe no espirito «do Belmiro Bórba que» chegado à sua toca da rua Erê se reajusta e assobia a phantasia do Hymno Nacional de Gottschalk», e que termina, inquieto, por perguntar, symbolizando outras soluções: «qual será o caminho — o da humildade ou o da dureza?»

IVAN RIBEIRO

## O Livro de Gonçalves Fernandes

Por muitos annos, a população que se amontôa nos arrabaldes mais distantes da cidade do Recife, vem ouvindo de longe o batue nocturno dos toques de Xangô, interpretados como rictus diabolicos dos negros da Africa que se reuniam nas sombras da noite para a pratica mysteriosa do fetichismo.

Veç por outra, para mais positivar e fortalecer a superstição popular em torno desses batuques que soavam intermitentes durante noites inteiras, os jornaes noticiavam diligencias policiaes nesses *antros* e a prisão de grande numero de *bruxos*.

Eram esses pedaços da Africa frequentemente violados pelas autoridades, mas, apesar de toda a vigilancia, continuavam sempre cultivados pela sua gente, e não cessavam os batuques, nem tão pouco diminuia o ardor das orações e a fé nos deuses negreiros.

Nos arrabaldes de Recife, corpos negros se requebravam rythmicamente, ao som de batuques continuados. Canticos religiosos echoavam pelo espaço, levando até ás suas divindades a expressão de uma fé inquebrantavel, ainda mesmo que, frequentemente, as sirenes nostalgicas dos *tintureiros* viessem substituir os toques de Xangô que se calavam apenas por alguns dias.

Nenhuma acção violenta poderá acabar com os cultos negro-fetichistas, pois não se poderá arrancar facilmente a lembrança da terra e da religião dos antepassados, e é justamente no Xangô, que os negros se voltam para o continente longinquo, enviando preces aos deuses e se ligando mediumnicamente com os seus irmãos do outro lado do Atlantico.

Exemplificando, citamos, Blair Niles, que escreveu *Black' Haiti*, uma curiosa biographia da filha mais velha da Africa, como Beauvais Lespinnasse define essa particula das Antilhas, considerando a sua historia e a sua civilização como a primeira pagina da rehabilitação da raça negra. Depois de descrever tudo que viu em Haiti, Blair Niles affirma: — « Through the centuries of slavery there would be heard at night the far, hardly to be distinguished call of the drums;

lamenting in the distance; or sounding the three notes, repeated at regular intervals, which announced their nocturnal reunions. The slave negro, says another Haitian writer, lived an interior life, the more intense because it had to be secret: at night, to the homesick sound of the tambour, the suppressed personality would emerge. And in the silence of starry nights, it is easy to remember past existences — impossible to forget ».

E' impossivel, portanto, para o negro, esquecer a sua terra, a sua gente, isolar a sua propria alma. Nos trabalhos diarios, elle se confunde com os de outras raças, mas, á noite, sob o mesmo ceu que cobre os seus irmãos da costa e envoltos nas mesmas trevas, o negro dá expansão á sua personalidade, fazendo-a emergir com todo vigôr e com absoluta expontaneidade. E' um phenomeno psychologico commum a todas as raças do mundo.

Assim comprehendendo, em Recife, substituiram-se as batidas policiaes pela visita de cientistas e intellectuaes que começaram a percorrer todos os Xangôs, colhendo preciosas observações e procedendo a curiosas investigações.

Não demorou muito que tudo se desvendasse sobre os cultos negro-fetichistas e, o que outr'ora era assumpto do dia para a columna da imprensa dos factos policiaes, tornou-se problema serio para estudos honestos.

Foi incançavel o interesse dos homens de intelligencia nessas pesqui-

zas. Um dos espiritos mais cultos e mais ageis do mundo intellectual e scientifico do paiz, Ulysses Pernambucano, á frente de auxiliares habéis e pacientes, emprehendeu um serviço de esplendidos resultados scientificos, registando as seitas dos Xangôs de Recife, que ficaram assim controlladas pelo Serviço de Hygiene Mental. Impediu-se a exploração que se fazia das seitas, desvirtuando as suas finalidades, com o mais absoluto successo.

Hoje, em Recife, a policia não se preocupa mais com os Xangôs, pois funcionam amparados e fiscalizados sob o ponto de vista da hygiene mental.

Entre os discipulos do professor Ulysses Pernambuco, Gonçalves Fernandes occupou um logar destacado, na cooperação desse grande serviço de prophylaxia social, não só pelo seu profundo interesse e probidade nas pesquisas, como tambem pela viveza de sua intelligencia e pelo vigôr de sua cultura.

De tudo que viu, de tudo que apprehendeu, de todos os dados que colligiu, obteve o jovem alienista Gonçalves Fernandes um material excellente e abundante documentario, que, alliados a uma interpretação fiel e rigorosamente scientifica, deram um livro de muita utilidade para os estudos afro-brasileiros e de muito interesse para um conhecimento completo de tudo que se passa nos pedaços da velha Africa que existem lá pelo Recife.

Gonçalves Fernandes, em *Xangôs do Nordeste*, fala muito claro e se limita estrictamente aos factos que viu e aos acontecimentos que presenciou, o que empresta ao seu livro um character humanistico, apesar de sua profundidade e da seriedade com que encara todos os aspectos do Xangô. Não só os estudiosos podem lêr a sua obra, como tambem os curiosos que encontrarão muita cousa interessante e digna de se conhecer.

Começa o autor, descrevendo as praticas de Xangô, jogando com vasto documentario, pelo que se convence o leitor de que não ha phantasias no livro de Gonçalves Fernandes. Nota-se que o pesquisador não foi displicente, mas an-

**Acaba de Aparecer:**

# A MÃO E SEUS SEGREDOS

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

dou de lapis e caderno, anotando tudo com precisão, nos mínimos detalhes. E ainda foi mais adiante, poz um photographo em acção, podendo-se assim ter uma ideia concreta do que é um Xangô, pelas extranhas photographias incluídas no volume da bibliotheca de divulgação scientifica que Arthur Ramos dirige.

O infatigavel alienista sae pelos terreiros e vae ouvindo os babalorixás e ialorixás, dos quaes conseguiu os mais vivos e interessantes depoimentos. Logo se destacam as figuras bem austeras e singulares dos paes de terreiro, como Adão, Anselmo e Oscar.

Novamente transparece o cuidado do autor em ser completo na sua obra, e inclue letra dos canticos e toadas negreiras, vocabulario e regulamentos das seitas, receitas de quitutes africanos e orações curativas, etc.

Concluindo o seu trabalho, Gonçalves Fernandes se refere a obra de sincretismo religioso que se processa lentamente, fazendo-se prever o desaparecimento dos Xangôs, como mais adiante affirma o autor, no ultimo capitulo referente á decadencia das seitas africanas em Pernambuco. «A mistura de raças foi tambem uma mistura de divindades», diz Gonçalves Fernandes, depois de observar que dentro de sua religião os negros temem e adoram os santos da religião dos seus senhores. Possuido dessa admiravel facilidade de adaptação aos ambientes extranhos, o elemento afro, á medida que se mescla com o branco, processa a fusão religiosa, com a qual certamente perderá a religião africana, desde que se sabe que com a miscigenação operada em nossas terras, em dias futuros, o elemento negro será insignificante, raro mesmo.

Para terminar, muito de proposito, Gonçalves Fernandes incluiu um capitulo extremamente lyrico, onde descreve a morte dos tres mais importantes babalorixás, signo da decadencia dos Xangôs, pois estão morrendo os paes de santo...

«Xangôs do Nordeste» reflecte o valôr da personalidade de um medico-escriptôr.

ABELARDO JUREMA.

## Musica

O governo fascista italiano encontrou um meio subtil de fazer valer os nomes dos seus musicos de reputação já firmada no paiz, mas cujo valor ainda não foi sufficientemente reconhecido no estrangeiro. Esse meio consiste na organização periodica dos Festivaes de Veneza. A cidade deve ter sido escolhida propositadamente, pois é a que possui as tradições melhores da musica legitima italiana, bastando para tanto que se lembre a figura de Antonio Vivaldi. Nesses festivaes são executadas obras de autores estrangeiros e nacionaes da geração que, embora moderna, já triumphou, pelo menos de accordo com a critica. Assim sendo, a atenção musical do mundo volta-se para essa reunião, da qual se aproveitam os italianos para lançar, com uma optima encenação, os seus compositores mais representativos da hora actual.

No ultimo desses festivaes, realizado em setembro passado, foram ouvidas, no decurso de 5 concertos, 28 obras novas, das quaes 16 de musicos da península. O exito mais notavel coube a Bela Bartok, com a sua *Musica para Cordas, Celeste e Percussão*. Julian Herbage, critico inglez, elogiando-o muito, accentua o seu valor particularmente pelo facto de se ter elle disposto, mais talvez que qualquer outro compositor contemporaneo, a resolver os problemas da musica moderna. Igor Strawinsky compareceu com o seu já muito fallado *Jogo de Cartas*, estreado ainda este anno em Nova York, na sua forma de bailado.

O pontifice da musica do seculo não teve desta vez a sorte de ser muito apreciado; outro autor de grande responsabilidade que parece já haver perdido o encanto dos seus enigmas foi Arnoldo Schoenberg. Este homem, que Guido Pannain chama de «musico atormentado e atormentador», apresentou uma *Suite para sete instrumentos* que foi recebida com azedume, julgando-se que o seu processo de tratar os instrumentos constitue um verdadeiro abuso. Por ahi se nota que os grandes desvairos tão em moda até cinco annos atrás já começam a aborrecer os ouvidos bem conformados. Roy Harris, que é um yankee que tem produzido abundantemente, esteve representado com um trio de piano, mas o que de mais amavel se disse a seu respeito foi que elle «mostrou ser a America uma nação demasiado jovem para ter produzido forma individual de expressão». Markévitch, esse russo já célebre com os seus 25 annos de idade, que vive na França, appareceu com a peça *L'Envoi d'Icar*, mostrando influências nitidas de Strawinsky e Skriabine. Entre os italianos, o que mais impressionou foi ainda Francisco Malipiero. Aliás, é preciso notar que o autor de *Impressioni dal Vero* está com uma cotação magnifica na França, a despeito de serem os musicologos gaulleses muito sensiveis aos ventos da politica internacional. Foram tambem muito applaudidos os *Tre Laudi*, de Dallapiccola, para soprano e musica de camara.

Morreu este anno o famoso pianista e compositor americano Jorge Gershwin, sem ter completado quarenta annos, pois nasceu a 26 de setembro de 1898. Gershwin foi sempre compositor de jazz, e entrou definitivamente na celebridade depois da famigerada *Rhapsody in Blue*, para piano e jazz, que se vulgarizou rapidamente pelo mundo inteiro. Depois disso o seu outro grande exito foi *An American in Paris*. Não se pode negar que a sua influencia tenha sido consideravel, e embora o jazz não goze actualmente a mesma reputação de ha dez annos, atraz, o seu nome ha de ser sempre lembrado com relevo na historia da musica deste decennio.

Depois de um prolongado repouso, que já não parecia de bom augurio para o seu destino, a Sociedade Propagadora de Musica Symphonica e de Camara deu o seu sexto concerto no dia 31 de Outubro, que foi em beneficio de Ladario Teixeira. O programma começou com a *Symphonia em Sol menor*, de Mozart, dirigida pelo dr. Nelson Cintra. Já ahi notamos que a orchestra fez evidentes progressos, e que o jovem maestro já se acha muito mais seguro da sua nova especialidade. Depois ouvimos a sempre nova *Serenata* de Alberto Nepomuceno, para cordas, executada com toda a delicadeza exigida. A terceira peça era de um compositor italiano contemporaneo e pouco conhecido entre nós — Giacomo Orefice: *Reflexos e Sombras*, para piano e quartetto duplo de cordas. A solista foi a Sra. Lêda Boisson Luchsinger. Apesar do esforço e da habilidade do sr. Alberto Lazzoli, que a dirigiu, a composição não agradou muito: é demasiado longa, embora apresente passagens de muito brilho, mas ficou demonstrado que esse systema de desenvolvimento excessivo de um mesmo thema não produz hoje os mesmos resultados que deu no seculo paassado. O programma terminou com as *Variações Symphonicas* de Léon Boellmann, para saxophone e orchestra, com Ladario Teixeira como solista. É uma obra evidentemente de «furore», em que o solista é obrigado, durante a maior parte do tempo, a uma posição bem modesta, debaixo de um verdadeiro tumulto orchestral. Foi escripta originalmente para violoncello, e comprehende-se facilmente que os virtuosos desse instrumento não tenham grande sympathia por ella. Seja como for, agradou, e Ladario Teixeira deu á sua parte o melhor desempenho possivel.

Fazemos votos para que a Sociedade se anime com o exito obtido, mas que tenha, para o futuro, um pouco mais de rigor na selecção dos seus programmas. Não é superfluo lembrar que no repertorio da nossa musica symphonica e de camara ha muita joia esquecida, não havendo absolutamente necessidade de exhumar certas obras estrangeiras de merecimento duvidoso.

C. DE S.

No proximo numero, o segundo artigo de CARLOS PARREIRA sobre a Literatura Brasileira

# Discos

## DISCOS SELECIONADOS

Jorge Frederico Haendel — *Ouverture em ré menor (transcripta por Stokowsky) — Orchestra de Philadelphia regida por Leopoldo Stokowsky — (Victor — D. A. 1556)* — Depois das suas grandes e muito apreciadas transcrições de Bach, seria injusto que Stokowsky deixasse no esquecimento o imenso Haendel. E pouco antes de despedir-se da orchestra de Philadelphia gravou esta pequenina maravilha que é a *Ouverture em ré menor*. Embora não tenha grandes proporções, encontra-se aqui todo o pathético que caracteriza a madureza do allemão que a Inglaterra adoptou. A transcrição de Stokowsky é feliz, e da gravação o menos que se pode dizer é que resiste admiravelmente aos embates da grande massa sonora, produzindo uma impressão de serena magestade.

Haendel — *O Ferreiro Harmonioso. Mendelsohn — Scherzo do «Sonho de uma noite de Verão» (arr. de Rachmaninoff) — (Victor 3146)* — A peça que Wanda Landowska executa com tanta perfeição no cravo, é gravada agora por Sergio Rachmaninoff que a interpreta ao piano com aquella maestria imprevista que lhe é peculiar. E' motivo de grande satisfação para os discophilos de todo o mundo Rachmaninoff voltar a gravar solos de piano. Com effeito, os discos por elle registrados são quasi todos muito antigos, não introduzindo nem de modo aproximado a arte assombrosa do russo que continua sendo um dos primeiros pianistas vivos. Com os progressos notaveis realizados pela Victor nestes dois annos, Rachmaninoff já pode ser apreciado sob um prisma muito mais favoravel. E' digna de nota a discreção com que é executada a peça de Haendel. O scherzo de Mendelsohn é mais um motivo para o interprete demonstrar a sua predilecção pelos românticos.

Alexandre Borodine — *Scherzo; Rachmaninoff — Serenata — Pianista Sergio Rachmaninoff — (Victor — D.A. 1522)* — Borodine escreveu uma suite deliciosa para piano, onde há paginas de um impressionismo empolgante como «No Convento», e que termina por um scherzo de uma vivacidade difficilima. E' o que Rachmaninoff nos dá agora, com um brilho de technica incedível, accentuando phrases que dão um realce extraordinario ao todo. A Serenata de sua autoria é um tributo prestado ao hespanholismo em musica, e a deposito de certas passagens um tanto ou quanto convencionaes, é uma das boas produções do autor. A gravação é optima.

Max Bruch — *Concerto N. 1, op. 26, em sol menor, para violino e orchestra — Yehudi Menuhin e Orchestra Symphonica de Londres dirigida por Sir Landon Ronald — Victor — D.B. 1611* — Max Bruch volta á celebridade depois que os allemães do Terceiro Reich descobriram não ser elle judeu, apesar de ter escripto o ultra celebre Kol Nidrei. E' uma reabilitação inesperada. E muitas das suas composições, sobretudo as para coros e orchestra resurgem na

Allemanha com uma nova aureola. Sempre foi catalogado entre os compositores menores, mas é justamente nos artistas de segundo plano que se encontram mais patentes as características de uma epoca. Embora tendo chegado até 1920, Max Bruch, que viveu 82 annos, era um romântico perfeito. Os arroubos do tempo estão sempre presentes na sua obra, que não raro passa de repente do sublime ao vulgar. Em todo caso, é sempre agradável de ouvir-se. Yehudi Menuhin escolheu para gravar o mais conhecido dos três concertos para violino de Max Bruch. E sahiu-se bem, como sempre, vencendo com a sua sonoridade o desafio impetuoso da orchestra. Sir Landon Ronald dirige com firmeza, e a gravação está boa.

C. DE S.

## GRAVAÇÕES POPULARES

Victor — 34.214 — «*Passe pra dentro*», samba-choro de Gadé e Walfrido Silva. Embora um pouco monotono, agrada, especialmente devido á interpretação bastante suggestiva de Aracy de Almeida. Os acompanhamentos feitos pelo conjunto Bohemios da Cidade são muito bons.

Victor — 34.218 — «*Não deixarei o morro*», samba-canção de VL. A. Pirennet e Juracy N. de Araujo; e «*Fiquei triste*», samba de Lauro Paiva e Pedro Pinto. De fraquissima qualidade, contam apenas com a voz graciosa de Odette Amaral. Acompanhamentos bons pelo conjunto Bohemios Cariocas.

Victor — 34.219 — «*A los toros*», ranchera de Jayme de Brito e Waldo Abreu, calcada sobre a conhecida «*Ranchera de mi corazon*»; e «*Pensão do Cattete*», marchinha de Lamartine Babo e Milton Amaral. Todas duas são muito engraçadas, disco para alegrar, sem mais pretensões, e por isso não se pode accusar Jayme Brito, que as interpreta. Os acompanhamentos, feitos, respectivamente, pela Turma do Picolino e Diabos do Céu, bons.

Victor — 25.517 — «*Coo marvelous for words*» e «*Jus' a quiet evening*», foxes do filme «*Amores de Opereta*», têm neste disco uma magnifica interpretação por parte de Eddy Duchin, um director cheio do melhor senso de partido. O refrão vocal é feito por Jerry Cooper, uma voz de lindo timbre.

Victor — 25.519 — «*Melody in jazz*», foxe sobre uma peça de Rubinstein. Tommy Dorsey conseguiu tirar um riquissimo partido da sua jazz, ao executar em rythmo de foxe a encantadora melodia de Rubinstein. E' por todos os titulos um excellente disco.

Victor — 25.563 — «*Boo-Hoo*», foxe. Este foxe que está fazendo um successo louco tem neste disco, por parte de Fats Waller e seu Rythmo uma interpretação de muito vigor e muita riqueza musical. E' bem melhor que a interpretação, um pouco pastosa, feita por Jack Hylton e sua Orchestra, em disco Victor 34.916.

Odeon — 11.530 — «*Fon-Fon*», samba, de João de Barro e Alberto Ribeiro, do filme «*Bombonzinho*»; e «*Camisa listrada*», samba-choro de Assis Valente. O primeiro é um dueto, modalidade que está dando muito agora... Musica e letra muito aquem das possibilidades dos au-

tores. o consolo de ser feito para a fita «*Bombonzinho*». Para o que é bacalhão basta. Carmen Miranda procura salvar o disco, mas Sylvio Caldas não ajuda nada. E' sempre aquella voz mellosa, arrastada, soffredora que está attingindo o auge do detestavel, ao mesmo tempo que está fazendo seus discipulos (Vicente Celestino que ainda é peor tem aos milhares...) e cada vez mais amado no programma dos calouros e nos reductos suburbanos. O segundo é das peças mais fracas do sr. Assis Valente, que já teve altos momentos e agora precisa um descanso. Uma especie de Bando da Lua no singular...

Odeon — 283.105 — «*Wake up and live*» e «*It's swell of you*», foxes de Mack Gordon e Harry Revel, do filme «*O invisivel trovador*». Orchestra de Chick Webb. Odeon 2276 — «*Never in a million years*» e «*There's a lull in my life*», foxes de Mack Gordon e Harry Revel, do filme «*O invisivel trovador*», pela orchestra de Eddie Carrol. Todos muito bons. E muito bem interpretados. Os refrãos vocaes mostram mais quatro daquellas vozes anonymas das orchestras americanas que valem cem vezes mais que as nossas vozes tão orgulhosamente nominaes.

M. R.

Lindolfo Collor — *Discursos e manifestos* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Encontram-se, neste volume do sr. Lindolfo Collor, o seu discurso sobre o sentido historico do castilhismo, os dois manifestos que dirigiu ao Partido Republicano, á Frente Unica e ao Rio Grande do Sul, bem inaugurado, em 4 de março de 1937, o Congresso Republicano Castilhista. A collectanea, impressa pelas officinas graphicas da Livraria do Globo, encerra igualmente expressões de louvor ao sr. Collor, partidas dos srs. Borges de Medeiros, Simões Lopes Filho e outros.

Philip Macdonald — *R. I. P.* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

A traducção, feita do original inglez, é do sr. Azevedo Amaral. Ninguem mais autorizado para uma tal adaptação ao vernaculo que o illustre publicista a quem foram sempre familiarissimos os escriptos do idioma de Galsworthy. Ler agora em portuguez o R. I. P. de Philip Macdonald, é como percorrel-o no texto primitivo, se é que a linguagem não está um tanto melhorada...

Gilberto Freyre — *Mucambos do Nordeste* — Ministerio da Educação e Saude — Rio.

Está em jogo uma excellente brochura sobre «o typo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil». Quem confeccionou o texto, com illustrações de Dimitri Ismailovitch, M. Bandeira e Luiz Jardim, chama-se Gilberto Freyre. O autor dos *Sobrados e mucambos* é hoje o mestre de quantos pretendam saber como foi ou é realmente vivida a vida de Pernambuco. Bem andou o sr. Rodrigo M. F. de Andrade, director do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, divulgando este utilissimo documentario.

# NOVIDADES DO MEZ

## Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

|                     |   |         |
|---------------------|---|---------|
| MONTEIRO LOBATO     | Alí Babá e os quarenta ladrões . . . . .                              | 3\$000  |
|                     | O Poço do Visconde . . . . .  | 10\$000 |
|                     | Serões de dona Benta . . . . .  | 9\$000  |
|                     | Historias de Tia Nastacia . . . . .                                   | 10\$000 |
| MARIA PAULA         | Cartilha Popular . . . . .  | 1\$500  |
| DR. PAUL TACHAN     | Diagnostico diferencial das molestias da pele<br>e venereas . . . . . | 50\$000 |
| SAX ROHNER          | Presidente Fu Manchú . . . . .  | 4\$000  |
| FERNANDO DE AZEVEDO | A Educação Publica em S. Paulo . . . . .                              | 15\$000 |

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco  
**A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal**

## Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

**OUVIDOR, 110**  
**23-2389**

**JOLYMPIO**

**1. MARÇO 13**  
**23-2831**

### RIO DE JANEIRO

#### NOVIDADES DE NOVEMBRO

|  |         |
|--|---------|
| Humberto de Campos — DESTINOS — 5. <sup>a</sup> edição . . . . .                 | 6\$000  |
| Octavio de Faria — CRISTO E CESAR . . . . .                                      | 12\$000 |
| Alberto Rangel — NO ROLAR DO TEMPO — Nº 6 da Col.<br>Doc. Brasileiros) . . . . . | 12\$000 |
| José Amerio de Almeida — A BAGACEIRA — 7. <sup>a</sup> edição . . . . .          | 8\$000  |
| Minis. da Educação — AUTOS DE DEVASSA — 6. <sup>o</sup> vol. . . . .             | 5\$000  |

#### NOVIDADES DE OUTUBRO

|  |         |
|--|---------|
| General E. Leitão de Carvalho — A CONFERENCIA DO DESAR-<br>MAMENTO . . . . . | 20\$000 |
| Humberto de Campos — DESTINOS 5. <sup>a</sup> Edição . . . . .               | 6\$000  |
| Cyro de Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance . . . . .                      | 8\$000  |

#### NOVIDADES DE SETEMBRO

|  |         |
|--|---------|
| Jorge Amado — CAPITÃES DE AREIA — romance . . . . .                                    | 10\$000 |
| Jorge Amado — JUBIABA — 2. <sup>a</sup> edição — romanc . . . . .                      | 10\$000 |
| Jorge Amado — PAIZ DO CARNAVAL — 2. <sup>a</sup> edição — romance . . . . .            | 8\$000  |
| Plinio Salgado — CAVALEIRO DE ITARARE' — Romance —<br>2. <sup>a</sup> edição . . . . . | 10\$000 |
| Plinio Salgado — A Vóz do Oeste — romance — 2. <sup>a</sup> ed. . . . .                | 8\$000  |
| Plinio Salgado — O EXTRANGEIRO — romance — 3. <sup>a</sup> ed. . . . .                 | 8\$000  |
| Amando Fontes — A RUA DO SIRIRY — romance . . . . .                                    | 10\$000 |
| Edison Carneiro — CASTRO ALVES . . . . .   | 6\$000  |

#### NOVIDADES DE AGOSTO

|  |         |
|--|---------|
| Octavio de Faria — MUNDOS MORTOS — romance . . . . .                                 | 10\$000 |
| Valdomiro Silveira — MIXUANGOS — contos . . . . .                                    | 7\$000  |
| Oswaldo de Andrade — TEATRO . . . . .  | 7\$000  |
| Nelio Reis — SUBURBIO — romance . . . . .  | 6\$000  |
| Humberto de Campos — SEPULTANDO OS MEUS MORTOS —<br>2. <sup>a</sup> edição . . . . . | 6\$000  |
| LANTERNA VERDE N.º 5 . . . . .   | 10\$000 |
| AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA N.º 5 . . . . .                            | 5\$000  |

## NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO  
BRASILEIRA S/A

|  |         |
|--|---------|
| JACK HALL  |         |
| Os misterios do Castelo São<br>Denis — Col. Sip. . . . .     | 2\$000  |
| H. BALZAC  |         |
| Mulher de 30 anos — Col. Sip . . . . .                       | 2\$000  |
| DR. TH. VAN DE VELDE   |         |
| Matrimonio Perfeito — 3. <sup>a</sup><br>edição . . . . .    | 15\$000 |
| GUSTAVO BARROSO  |         |
| Integralismo e o Mundo —<br>2. <sup>a</sup> edição . . . . . | 6\$000  |
| CLAUDIO DE SOUZA   |         |
| Os amores não correspondidos . . . . .                       | 5\$000  |

### LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro  
Venda directa ou pelo serviço de re-  
embolso. Peça instrucções. Envia-se  
catalogo gratis.

## O NARCISO EM EQUAÇÃO

Atravessou o Viaducto S. Iphigenia com uma impressão de que ia encontrar uma coisa imprevista no Largo S. Bento.

Sentia-se assim meio em expectativa. Ao se approximar da esquina do Largo, chegou junto com elle um bonde, que despejou gente pelos estribos, envolvendo-o e estorvando-lhe o caminho. Ficou desviando daqui, dali, nisso viu saltar do primeiro banco uma moça, de que só pôde perceber a leve silhueta avançando por entre as outras pessoas que também haviam descido do vehiculo. Deu nelle vontade de ver-lhe o rosto. Quem sabe se não seria bonita? Quem sabe se...? Seria? Não seria? Desfaria já-já aquelle mysterio. Apertou o passo, a attenção delle foi, se desviou não soube como, acabou parado no meio do largo, esquecido da vida. Remanesca-lhe, porem, vaga lembrança querendo precisar-se na memoria delle. Não parecia que lhe haviam dito que ia encontrar uma novidade no Largo S. Bento? Tinha idéa disso.

Então reparou em volta: o largo era o mesmo, com a mesma eterna fila de automoveis o rodeando. Sentiu remontar-se bruscamente a si mesmo, lembrou-se nitidamente:

— Vou suicidar-me.

Sem querer encostou o braço ao revolver para ver se elle estava na cinta. Estava. Ia suicidar-se; estava de deliberação tomada. Tentara contra o destino, perdera. Agora só lhe restava suicidar-se. Não tinha outra coisa que fazer senão dar dois tiros ao ouvido. Dois? Talvez um. Podia morrer ao primeiro. Ia morrer. Não reveria o largo. Tornou a reparar em volta. Tudo era o mesmo. Tudo respirava um ar tranquillo e familiar num convite amavel á continuidade. Elle podia continuar. Aquelle jornalista, gritando a passar: «Diá da Noi...», «Fôôlh...», continuaria. Continuariam aquelles chofers, alguns de prosa ao lado dos carros, outros, dentro, dormindo, os predios em torno, o relógio da Cathedral com as suas «horas» douradas. Do enorme mostrador escoregou então uma pancada secca, uma só:

— Don!

Foi virar para ver melhor a hora, Teve a meio nova sensação de remontar a si mesmo, em que percebeu de subito despedaçar-se alguma coisa inexoravelmente:

— O retrato no jornal...

Não, elle não continuaria. Qualquer coisa se quebrara definitivamente dentro delle. Elle precisava morrer. Demais tomara essa resolução. Agora a levaria a termo, de qualquer geito. Sahira de casa com essa intenção. Ia alugar um quarto num hotel. Preferira isso a commetter o suicidio na pensão. Chegaria á portaria:

— O snr. tem quarto ahi?

O porteiro responderia, nem imaginando para que seria o quarto:

— Tem, sim senhor.

Quando soubesse depois, que cara não haveria de fazer? Ah, se pudesse agora reunir num só os dois momentos successivos para ver-lhes o reflexo simultaneo no rosto do porteiro! Mas o porteiro

lhe entregaria o cartão para encher. Corria um olhar pelos seus dizeres: nome, idade, profissão, estado civil... Primeiro poria o nome: Narciso Nunes de...

A lembrança do proprio nome, sentiu outra vez brusco retorno a si mesmo, vendo-se, com o jornal desdobrado á sua frente, a ler o seu nome por baixo do traço: Narciso Nunes de Mello, accusado de embarque clandestino de café. Era elle mesmo, em plena pagina, saltando das columnas para os olhos avidos do leitor. Era atoa. Não pagava a pena continuar na vida.

Trazia ainda na idéa a recordação do dia que embarcara para o interior. Ia disposto a desse o que viesse. Resolvera jogar a sua sorte com o destino. Não sabia se venceria ou se falharia. Mas sentia a sua vontade forte, tensa, prompta a botar em equação o proprio destino. Ficaria sabendo, na sua disputa com elle, se fazia parte do numero dos vencedores ou dos vencidos. Seria um jogo. Seria estabelecer no espaço um ponto de referencia, para o qual se inflectiria magicamente o destino, á pressão da sua, da vontade delle. Viajara debaixo da sensação de que ia deflagrar acontecimentos extraordinarios, com que jogaria perigosamente. Se perdesse, desistiria da vida. Dirigia-se para uma cidade, onde havia um regulador de café, de cujo fiscal sabia que era venal. Subornal-o-ia primeiro, com geito. Depois realizaria compras de café inferior, que faria embarcar como de boa qualidade. Seria um tiro. Refazia-se economicamente. Era tentar. Percebia-se preso á fascinação da tentativa. Ia desafiar o destino. Sabia que o negocio não era limpo. Soubera-o desde o inicio. Mas queria lançar o seu desafio á sorte. Vivera até ali, subordinado ás convenções da vida. Arruinara-se, com isso. Viera-lhe então aquelle frio desengano, em que se achava com direito a tudo. Arrastava-o o desejo de tirar a sua desforra. Toparia qualquer parada para salvar-se.

Tudo sahira bem ao começo. O fiscal acceitara a combinação, o café fôra embarcado. Pegara dos conhecimentos, vendera-os em Santos, fizera logo dinheiro. Quando o café chegasse a Santos, incriminaria a estrada pela troca de café. Poderia até demandar com a estrada, se quizesse. Talvez demandasse, quem sabe se ganharia a demanda. Ahi ganharia dos dois lados. Mas antes do café sahir do regulador, houve suspeita, mandaram vir novo fiscal, o café foi furado outra vez. Descobriu-se tudo. Agora não tinha mais que fazer senão suicidar-se. Suicidar-se-ia: não havia outro remedio.

Continuava no largo. Mas era tempo de tratar de ir andando. Começou a andar, entrou na rua S. Bento. Á sua frente ia um homem gordo, com todo o vagar, quiz passal-o, desviando-se para um lado, elle também se desviou, foi para o outro, elle também foi, precedendo-lhe o vae-vem. Quasi o empurrou então, de irritado. A gente querendo passar, tinha pressa, ia suicidar-se. Percebia a pressa o sacudindo, a lançal-o cada vez mais para a frente, mas ia com a idéa de que obedecia a ordem de

outro e a que viria contrariar não sabia o que, qualquer coisa fóra do comum que aconteceria na Praça Antonio Prado e justificaria o acto que commettera, embarcando café clandestino. Então quem sabe se tudo pudesse ser recommçado outra vez... A resolução de suicidio lhe ficara de repente extranha, ia para elle, como para o cumprimento de uma palavra que dera a outrem.

Mas quem sabe se na Praça Antonio Prado...? Na Praça Antonio Prado o que aconteceria era elle encontrar amigos, varios amigos, que poderiam dar de fazer perguntas inconvenientes. Voltou-lhe novamente aquella convicção da inutilidade da luta contra a vida. Iria mesmo suicidar-se. Não passaria pela Praça Antonio Prado.

Voltou ao Largo S. Bento e enveredou pela rua Boa Vista. Desceria pela Ladeira Porto Geral e iria á Varzea do Carmo pela rua 25 de Março. Por ali não encontraria nenhum conhecido. Mas também daquelles lados, não sabia direito, mas estava achando que não havia hotéis...

Parou á esquina da Ladeira Porto Geral, meio indeciso. Onde iria? A ladeira descia tortuosamente, enviezando-se por um lado, aqui, e estendendo-se por outro, ali, até chegar lá embaixo, onde acabava serenamente na rua 25, depois do torturado esforço da descida, contendo-se a cada passo, para não despencar de uma vez. Precisava arranjar um hotel. Iria descendo, por enquanto. Daria um geito de encontrar. Até chegar á rua 25 de Março teria resolvido.

Chegou á rua 25 antes de resolver. Logo á esquina havia uma casa de negocio, onde um rapazinho estava arrumando afobadamente a prateleira, perto da porta. Em meio do serviço se atrapalhou, derrubou varias peças de fazenda, que se espalharam pela calçada. Veiu lá do fundo o syrio dono do estabelecimento, de vasta bigodeira:

— Faça 'eevagar, faça 'eevagar. 'Eevagar é bressa. Já falou bra ocê: 'éevagar é bressa.

Acabou de falar, voltou-se para o Narciso:

— Endra, friquez! Não baga báá endrar...

O Narciso desviou o olhar, foi andando. Se aquelle turco soubesse... Mas não sabia. Para o outro elle era um simples freguez passando, nada mais. Elle era um simples freguez. Para toda aquella gente, para á porta ou indo vindo pela rua, elle não passava de um simples freguez, não podia, por isso, ter motivo para suicidio. Ahi então teve como uma subita revelação, a existencia lhe vinha de fóra, elle existia de fóra para dentro, era um reflexo da opinião alheia que lhe constituia a essencia intima do ser. Não pôde deixar de sorrir á lembrança. Não, a vida tinha os seus momentos engraçados. Deu-lhe vontade de passear a sua «freguezia» pela rua, indo e vindo através da idéa que fariam delle os syrios das lojas. Olha, freguez! Compra, freguez! Elle existiria assim de torna-viagem, recreado em si mesmo pela imaginação da rua. Com-

pra, freguez! Olha, freguez! Mas elle ia suicidar-se. Ia sahir da vida com um gesto de vencido...

Estacou de repente a uma idéa subita.

Se tivesse um gesto de rebeldia á hora da morte? Se entrasse, de um momento para outro, numa daquellas lojas, sacasse rapidamente do revolver e alvejasse um syrio, matando-o? Isso seria deshumano, não deveria fazer. Deshumano? Que é que lhe importava que fosse deshumano? Deshumano era apenas um conceito humano. Ora, elle ia livrar-se da condição humana, ia libertar-se da vida, era extra-humano, não se achava subordinado ás leis da humanidade. Que é que lhe podia dizer aquelle conceito? Nada, absolutamente nada. Não matava, porque aquillo não estava na intenção delle. Ou talvez matasse. Via-se entrando numa das lojas, aproximava-se do primeiro syrio que lhe sahisse ao encontro, abotoava-o pelo paletó, despejava-lhe balas no ventre. Os outros vinham sobre elle, mas elle em meio da estupefacção geral virava calmamente a arma contra o proprio ouvido, cahiria morto num abrir e fechar de olhos, truncando aquella gente o seu desejo de vingança, que não deixaria satisfazer porque teria morrido antes com um gesto de supremo desdem pela especie humana. Teria, ainda á ultima hora, demonstrado a sua superioridade perante a vida.

Prendia a respiração, augmentando-lhe a tensão dos nervos, que lhe chegava a dar a impressão de que ia largar-se, deixando-se levar por aquella idéa. Mas fugia bruscamente de si, prestando attenção ás coisas exteriores, aquella oppressão desaparecia inopinadamente.

Então lhe tornava a sensação de liberdade. Sentia dispôr de si livremente. Faria o que bem lhe desse na cabeça. Se lhe desse na veneta matar um syrio... Poderia falhar. Poderia ser preso antes de conseguir matar-se. O que não lhe aconteceria dahi? Talvez fosse lynchado. Preso, com certeza. Os conhecidos se indagariam, cheios de admiração: — que féra o Narciso não guardava dentro delle, quem havia de dizer? Que é que não poderia acontecer? Antevia a multidão em furor avançando sobre elle...

Mas que é que significava isso? Elle, que ia enfrentar a morte, com medo de meia duzia de pessoas enfurecidas? Via-se reagindo á turba, atirando a esmo, mata um, mata outro, matava-se, por fim. Mas elle ia mesmo enfrentar a morte? Percebia enfraquecida a resolução, de que lhe escapava o sentimento de necessidade com que se apresentara a principio á sua vontade. Mas era preciso, se dizia, mas era necessario, não podia fugir ao que deliberara. Seria, de certo modo, negar-se a si mesmo. Seria mutilar o proprio ser que se affirmara integralmente naquella deliberação. Elle não quizera? Não quizera firmemente? Não podia, sem se negar, ora querer, ora não querer. Não se negaria. Quizera-o, queria-o agora. Ia descobrir o endereço de um hotel barato no Braz. Ali adiante havia um botequim, devia ter lista telephonica. Entrou, pediu, o portuguez informou, mostrando-lha a um canto:

— Ali a encontras, ao pé do t'lephone aproximou-se. Por cima do telepho-  
ne estava um cartão encardido, escripto

com letra de mão e com as pontas comidas:

SEJA ONESTO!  
TELEPHONE CUSTA DINHEIRO  
POR ISSO, PEDESE PAGAR \$200  
(DUZENTOS REIS) NA CAIXA

O Narciso sentiu uma ponta de ironia, ao dar comsigo lendo o cartão. Em seguida tomou da lista, folheou-a, encontrando afinal o endereço de um hotel. Agradeceu e sahiu.

Na rua parou, meio sem saber. A sua acção, procurando hotel, não conseguia ligar-lhe a causa, havia uma fuga de planos. A resolução de suicidio não tinha nada que ver com a actividade para achar hotel, em que empregava a sua vontade agora. Percebia aquella resolução pairando acima, alem de sua vontade, a que não a trazia. Mas era necessario, se repetia, mas era preciso. A sua vontade não podia contradizer-se. Elle quizera, elle queria.

— Eu quero, faço!

De sob a affirmação sentiu irromper, de repente, um fluido que a irradiou sobre elle, unificando-a a si mysteriosamente.

— Eu quero, faço!

Queria, fazia. A affirmação se conflua todo o seu ser, vibrando num desejo unico, com que se confundia. Morrer, acabar! Entrou a andar depressa, cada vez mais depressa, ia tomar um automovel, ia ao hotel, ia. Ia! Ia! Queriam ver? Duvidavam? Estavam duvidando? Pois iam ver. Ameudava os passos, quasi corria. Tinha ansia de desmentir um contradictor invisivel e incredulo. Queriam ver? Iam, iam ver!

E se no outro mundo...?

Evitou a idéa. Isso seria depois. Concentrou a sua attenção para fóra de si. Ia desafiar a incredulidade dos outros homens. Não acreditavam! Iam ver. Elle era homem que levava adeante aquillo que determinara. Enfiava-se por entre aquelle povo indo e vindo, caminhava celere, esquecido de si, preso aquella idéa, arrastado por uma attracção, sentindo-se oscillar entre duas alternativas, jogado no espaço, pairando sobre o vazio, seguro entre dois imans.

Ia, ia desafiar o mysterio da morte. Occorreu-lhe:

— Hoje de noite já saberei tudo...

A noite já teria transposto a ansiedade. Cresceu-lhe a pressa. Não parava de andar. Ia quasi vôa-não-vôa. Chegou á Varzea do Carmo. Aproximou-se do ponto de automoveis, tomou um carro, ordenou:

— Toque para o Hotel Napolitano!

O chofer fez uma cara no ar:

— Má, só dottore, me adesculpe a pergunta. No sô bene alembrato adove será que é isso hotel...

Disse de um jacto:

— Maria Marcolina, toque!

O chofer tocou. Estendeu o olhar para fóra, pondo-se a reparar nas casas a correr de lado. Via-as através de uma luz diffusa de quem tem os olhos voltados para dentro de si mesmo, a que não se abria, entretanto, apegando-se a uma só idéa, em que se desfechava, tornando-a para o exterior, para não a deixar afrouxar de intensidade. Ficava entre o

mundo externo, que apenas via, e a sua consciencia, que quasi annullava, reduzindo-a a uma idéa. Ia para o hotel, ia indo para o hotel, o carro deslisava-se pela avenida Rangel Pestana, enveredou pela rua Maria Marcolina velozmente.

O Narciso atirava o olhar de fachada em fachada das casas, numa torcida ansiada.

Ia ver surgir a placa do hotel, viu-a surgir, o automovel parou em frente.

Deixou-se descer por um movimento que o levava obscuramente. Puxou o dinheiro, deu-o para o motorista. Havia troco, ficou esperando-o com o pensamento pelo mundo. Lembrou-se, então, num choque: para que troco? De que lhe servia o troco? Mas não pôde tirar o olhar do chofer. Havia claros dentro delle, existia por partes, que não se relacionavam. «A sua idéa não accedia a vontade para agir. Não sabia como tirar os olhos do chofer.

Este alisava calmamente as notas na carteira aberta sobre o joelho. Alisava-as com toda a calma, devagar, despreocupado da successão do tempo. Molhava a ponta dos dedos para as contar melhor, tinha gosto naquella tarefa, punha prazer naquillo, a gente via pelo geito delle. Nem de longe elle se appressava.

Os gestos delle eram lentos, cahiam devagar, devagarinho, iam quasi sustentando-se a meio, mas depois desciam lentamente. Deu uma ansia no Narciso, elle teve uma sensação de reconquistar-se, indo subitamente encontrar o fio de uma coisa que ficara em suspenso dentro de si, e então deflagrou irreprimevelmente, elle sacou do revolver, já estava alvejando o chofer... Uma, duas, tres vezes. Viu-o depois tombar á sargeta, escorregando pela portinhola.

Satisfizera a sua colera. Sentia-se ao centro da vida, dispunha da vida. De repente sentiu escapar-se de si mesmo, a vida oscillou, deslocando-se inesperadamente de eixo, elle perdeu-se de si mesmo, ficou no espaço, com uma lembrança a martellar-lhe o cerebro:

— Matara um homem! Elle matara um homem!

Elle? Não sabia bem. Não parecia ser elle mesmo. Mas seria elle? Fugia-lhe exquisitamente á comprehensão o sentido da pergunta. Elle? Não seria bem elle. Sentia-se exterior a si mesmo, esparso no ambiente, queria ajuntar-se, não se encontrava, não deve comsigo, desviava-se de si mesmo, ficando a girar, a girar, em torno de si, mas incapaz de achar o proprio centro, que não se fixava em ponto nenhum, variava a toda a hora. Então viu-se agarrado, preso, rodeado de gente que o olhava de modo extranho.

Botou reparo assim, deu com as mãos vasias. E o revolver? A idéa do revolver voltou-lhe instantaneamente a recordação de tudo. Como se esquecera na hora? Teve uma sensação de esmagamento, o mundo crescendo sobre elle ameaçadoramente. Atinou comsigo apeguenado, diminuido, reduzido á inercia. Que fizera? Que não fizera? perguntava-se, ia responder, esvanecia-se a pergunta.

Dentro de pouco chegou o carro de preso. Empurraram-no para dentro delle.

JOAO PACHECO.

## DE LISBOA

## Estudos Afro - Brasileiros

O Brasil tem actualmente uma pleiade brilhante de investigadores, que se deitaram á tarefa de explorar a riqueza immensa de um manancial de sangue vivo e de alma crepitante, resultado da confidencia de raças africanas, da raça portugueza e do povo autóchtone que a colonização veio tirar da sua remansosa corrente despreocupada e livre.

*Casa Grande e Senzala* e depois *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre delineam-nos antes o sulco traçado pela intervenção portugueza, analysam e criticam a evolução da vida colonial e as reacções indigenas.

Vem concomitantemente Nina Rodrigues com os seus trabalhos de investigação anthropologica forçar-nos a imergir no estudo da psychologia negra e a irmos procurar sobretudo na alma dos *Iorubas* da Costa Occidental africana, Norte do Equador, a explicação das concepções e dos sentimentos do negro bahiano, deformados pelo contacto com o catholicismo, desvairantes de hybridas nomenclaturas, mas animistas como seus avós, dos que lhes transmittiram aquelle sangue com que elles vieram fertilizar o Brasil.

Apparece-nos depois *O Negro do Brasil*, de Artur Ramos, investigador incansavel, erudito e critico, que repudia a linguagem animista e vem continuar o trabalho de Nina Rodrigues numa linguagem *scientifica* (não nos prendamos com linguagem *litteraria*) muito mais moderna: na linguagem da psychanalyse. (Theorias, com effeito, que são, senão *linguagem*, systemas de *tradução* da transcendente realidade?...) Mas o resultado é o mesmo, o de todos os bons livros: obriga a pensar, desencadeia curiosidade e a necessidade de a satisfazer; é sciencia que impelle á busca de sciencia.

O animismo attribuido pela escola anthropologica dos Nina Rodrigues, dos Levy Bruhl, etc., ao negro africano e ao brasileiro seu neto, a mentalidade, vaga e pouco nitidamente consciente, de attribuição ás coisas de um «duplo», feito á imagem da nossa alma como a alma nos apparece nos sonhos, parece aos anthropologos psychanalystas um erro de simplificação: seria a illusão simplista de encarapuçarmos aos primitivos a nossa propria psychologia e as nossas associações de ideas...

Ora os primitivos e os selvagens não têm propriamente *idéas*, vivem ainda na *pre-lógica* dos instinctos obscuros e dos sentimentos cegos... Mas, se as idéas, para estarem sujeitas ao mecanismo da associação, precisassem de ser *puras*, receio bem que nem as nossas se associariam, porque a sua pureza é muito precaria e muito relativa!

E então na quadra que vamos atravessando, neste momento historico (talvez em castigo do nosso orgulho de superiores e de intellectuaes) não vemos os *ideaes* e as idéas puras cada vez mais desacreditados? A maioria dos homens da mais pura raça mergulham hoje de boa mente naquella *pre-logica* das sociedades selvagens e submettem-se, para serem governaveis e *bem mandados* e aptos para que os conduzam á gloria

da grei — ou do rebanho... — á obsessão do urro e do gesto gregario. A palavra, ou a *idéa-força* (que a palavra incarna e veste) vae passando de moda e censura-se como dissolvente.

Mas, emfim, tomando como forma de interpretação da obsconsa psychologia negra a linguagem psychanalysta, é positivo que o Dr. Artur Ramos lança muita luz sobre os mysterios religiosos e sociaes dos descendentes de *Iorubas* e de *Bantus* e incita-nos a ir procurar no seio das populações espessas da Africa Nigeriana as preocupações ou as obsessões que tornam tão interessantes, nos *candomblés* do Brasil, os filhos libertos dos antigos escravos vindos da negra Africa. Talvez cedamos um dia a essa tentação, indo remexer as lembranças que guardamos das allucinações religiosas dos *Ibôs*, nos seus *totems* e nos seus «tabus».

Por hoje só queremos chamar a atenção dos leitores para alguns livros da pujante florescencia scientifica do Brasil.

Apareceram, ha pouco, mais dois bellos trabalhos: *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, com um prefacio de Artur Ramos e contribuições cheias de palpitante novidade, de Gilberto Freyre e de outros estudiosos. E' um *dossier* que nos deixa apreciar o que foi o primeiro congresso Afro-Brasileiro do Recife. Este congresso, que será seguido por muitos outros já planeados, teve uma característica interessante: sem protocollo, sem sessões solemnes, sem casacas, abancou á mesa, sob varias e successivas presidencias (e competencias, segundo o assumpto do dia),

não só doutores de gabinete e laboratorio, mas *iolorixás* consagrados ao culto fetichista, mas cozinheiras pretas, mas pretalhões dos engenhos de assucar. Estes congressistas não fariam discursos de impeccavel portuguez, porque muitos eram analphetos, mas trouxeram receitas encantadas, processos de sonhar bellos sonhos, effeitos magicos do fumo da *maconha*, contos folkloricos de estranha novidade... Entretanto não se vá cuidar que o congresso não passasse além de uma série mais ou menos divertida de entrevistas com selvagens, pique-niques e cavacos rotarios. Aquillo era simplesmente colha de material, logo elaborado, como se pode ver dos trabalhos magnificos deste livro, ou aproveitado para concretizar já muito estudados assumptos, trazidos á apreciação do congresso.

O nosso Garrett tambem batia á porta das velhinhas de Portugal, livros toscamente encadernados de preciosidades litterarias. Os congressistas do Recife exploraram as almas dos pretos — especimines, onde, como nos «campos santos» vivos de Junqueiro,

*Muitas almas vivem mortas a sonhar...*

Mas não foi com a superficial preocupação do litterato que procura emoção, antes com o interesse, a critica, e tambem a preparação de sabios que pretendem augmentar o peculio scientifico da humanidade no ramo anthropologico.

Outro livro imprescindivel a quem de-seje conhecer a alma do Brasil é o de Renato Mendonça sobre *O Portuguez do Brasil*. As linguas, com effeito, não são edificações artificiaes de gabinete e de academias, são organismos vivos. O portuguez, transplantado para o Brasil, havia de crescer como crescem em estranhas terras e estranhos climas arvores da nossa flora, animaes da nossa fauna: cruzando com outras plantas e animaes, assim nativos (linguas dos indios) como transplantados da negra Africa.

*La Vie des mots* foi um trabalho celebre de Darmesteter. Mas não são só vocabulos (*mots*) os que vivem, mudam, assimilam e reproduzem, são tambem os idiotismos, as phrases e as construcções grammaticaes.

Julgar que, com reclamações de purismo ou com sarcasmos ao falar brasileiro, se obriga o portuguez *da banda di lá* a ficar portuguez de Portugal, é uma ingenuidade semelhante á dos criadores do Continente que pretendessem obrigar os coelhos levados de Portugal a permanecerem na Madeira, na ilha de Porto Santo, sempre a mesma raça de coelhos de Portugal.

O portuguez brasileiro será um dia inevitavelmente, a *lingua brasileira*; hoje ainda é a lingua portugueza, mas é portuguez do Brasil.

Era desejavel que a forma escripta da lingua, com o auxilio das academias, o travão litterario-politico, resistisse como travão, o mais perduravel que pudesse ser, á obra de differenciação da natureza. A *Babel* já é vasta demais no mundo... Quanto mais se faça para que um numero grande de homens tenha instrumento commum de comunicação de

## Collecções encadernadas do

## BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E  
CITAÇÕES

Temos á venda collecções de  
todos os annos

Preço do volume encadernado . . . . . 40\$000

Pedidos a

**ARIEL EDITORA LTDA.**

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

## DO PORTO

## Cooperação Luso-Brasileira para os estudos historicos

Em poucos dias, ocorreram tres acontecimentos de significado e alcance luso-brasileiro que merecem ser registados e relacionados, com apreço.

Foi o primeiro a proposta de Pedro Calmon, no Congresso da Historia Americana, para que nos paizes americanos seja estudada a historia dos povos que os colonizaram.

O segundo foi a participação especial que o Brasil teve no Congresso da Expansão Portuguesa, em theses e communicacões, subscriptas entre outros, por Pedro Calmon, Affonso de Taunay e Helio Vianna e a qualificada representacão que ao ao Congresso enviou e em que, entre outros illustres estudiosos da Historia, esteve Gilberto Freyre, o jovem mestre de historia social, sem duvida, hoje a figura central desses estudos no Brasil, ao mesmo tempo que é a figura primeira dos estudos afro-brasileiros.

Do Congresso sahiram, por isso, um voto justissimo para a realizacão periodica de um congresso luso-brasileiro de

pensamento, maior serviço se prestará á humanizacão da terra.

Mas isso é politica. A natureza tem outro processus. E foi este o que quiz mostrar Renato Mendonça, linguista, anthropologo, no seu riquissimo estudo do portuguez do Brasil.

Teriamos um grande prazer em analysar alguns dos capitulos deste bello estudo: por exemplo o da pronuncia, vocalismo e consonantismo. Palpariamos o absurdo que ha no empenho de impôr aos brasileiros a nossa evoluçã, que deformou ella propria muita vez as formas que a evoluçã brasileira reclama o direito de deformar a seu modo e segundo as suas proprias leis. Porque é que elles haviam (por exemplo os alagoanos) de deformar o nosso coronel — corôné... — se nós chamamos *egrâija* ao que elles chamam e é, igreja?...

Mas tal analyse levar-nos-ia muito longe e nós só quizemos suscitar no espirito dos leitores portuguezes o interesse por este e por estes trabalhos de um povo que entra numa pujante virilidade de espirito, activa e fecunda, e dizer-lhes o muito que temos todos a lucrar com a divulgacão destes autores e da Bibliotheca de divulgacão scientifica que os apresentou ao Brasil.

Dirige esta Bibliotheca o eminente professor Artur Ramos. Publica-a a Civilizacão Brasileira S. A., Editora, Rio de Janeiro.

Em Portugal os seus leitores são ainda poucos. E' bom que se multipliquem, porque Portugal não tomará consciencia da sua propria e verdadeira grandeza, enquanto não conhecer a alma immensa e riquissima de que o seu impulso vital desencadeou a torrente e a dominou, e de que os estudiosos da nova geraçã brasileira revelam agora os recessos e as correntes impetuosas pluriformes.

(Transcripto de «Seara Nova», de 21-8-37).

Historia e outro para a publicacão de uma revista, especialmente votada á divulgacão de estudos de historia da expansã portugueza, tanto nacionaes como estranhos e especialmente brasileiros.

O terceiro foi a intelligente reserva, na Academia Portugueza da Historia, que acaba de ser fundada, de 10 lugares para brasileiros.

Os tres factos, embora de alcance diverso, ratificam o reconhecimento da utilidade e da indispensabilidade da cooperacão dos dois paizes atlanticos, não só na pesquisa e reconstituçã da historia commum mas no conhecimento reciproco e affectivo da historia propria e da vida peculiar de ambos.

São, na realidade, largos e valiosissimos os contributos que os historiadores brasileiros, pela infatigavel e exhaustiva investigacão e reconstituçã historica do Brasil colonial, estão dando para a historia da nossa Patria e para a da expansã portugueza nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Tão largos e tão valiosos que se não compreende já o ensino da historia de Portugal que não inclua os multiplos elementos novos que para ella estão carreando os investigadores brasileiros.

Por isso mesmo não posso deixar de applaudir e de agradecer, como portuguez, a Pedro Calmon, o autor brilhante da *Historia de Civilizacão Brasileiras* e do *Espirito da Sociedade Colonial*, a sua proposta; de saudar os collaboradores brasileiros do Congresso da Expansão Portuguesa e de fazer votos pela realizacão rapida das conclusões relativas ao Congresso luso-brasileiro de Historia e á Revista historica que diffunda, em Portugal, as investigacões brasileiras sobre o Brasil Colonial; e de apoiar, com sinceridade, a criaçã dos 10 lugares para brasileiros na Academia da Historia.

Não faltam entre os historiadores mortos do Brasil, dez grandes nomes para patronos das dez cadeiras e ha entre os vivos, muitos mais que merecem occupal-as.

Em todos os ramos da Historia, desde o social, politico, diplomatico e militar ao economico, litterario e scientifico, tem o Brasil um grupo notavel de cultores devotados e capazes, alguns com obra que transcende o seu paiz e a nossa lingua.

Um paiz que conta entre os seus historiadores e investigadores, sem remontar ao periodo colonial, figuras como as de Varnhagen, Capistrano, Rocha Pombo, João Ribeiro, Manuel Bomfim e tambem João Lucio de Azevedo, brasileiro de origem, embora tendo, como se sabe, escripto em Portugal a sua obra notabilissima, pode bem patrocinar as 10 cadeiras que se lhe reservam na Academia Portugueza da Historia, Patrocinal-as e occupal-as.

Sem falar em alguns mortos recentes: historiadores litterarios e interpretes originaes de factos historicos como Ronald de Carvalho e Antonio Alcantara Machado por exemplo; no Brasil actual abundam os historiadores sociaes e os evoca-

dores da historia geral, os simples reveladores dos documentos e os seus autorizados commentadores, os revivedores de épocas e os pacientes colleccionadores de episodios historicos, os que misturam a litteratura historica com as sciencias positivas e os que, nos seus estudos especializados, não deixam de dar á Historia o papel que lhe cabe como mestra e orientadora essencial da vida.

Uma verdadeira e forte renascença dos estudos historicos vem esplendendo, nos ultimos annos, no Brasil. Só a commemoraçã do Centenario Farroupilha, ha dois annos realizada, deu motivo á publicacão de uma dezena de volumes sobre a historia do movimento revolucionario.

Seria pretensã tola enumerar sequer quantos nesse renascimento collaboram.

Entretanto, na variedade de estudos anteriormente esboçada, seria injustiça não referir, entre os vivos, Rodolfo Garcia e Affonso de Taunay; Oliveira Vianna, Paulo Prado, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Affonso Arinos Sobrinho, Eugenio de Castro, Tasso Fragoso, Alfredo Ellis Junior, Almeida Prado, Gustavo Barroso, Alfredo Varela, Artur Reis, Aurelio Porto Luiz Edmundo, Contreiras Rodrigues, Washington Luiz, Araujo Jorge, Sousa Docca, Otelo Rosa, Lima Junior, Joaquim Ribeiro, Baptista Pereira, Mello Leitão, Octavio Tarquinio de Sousa, Angyone Costa, Evaristo de Moraes, Artur Ramos, Renato de Mendonça, Roquette Pinto e tantos mais, no Rio, em São Paulo, em Recife, na Bahia, em Porto Alegre, emfim, por todo o Brasil em que abundam as replicas á Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Historico e Geographico do Rio.

A difficuldade, pois, no preenchimento dos 10 lugares, destinados a brasileiros, na Academia Portugueza da Historia, estará apenas em escolher, entre tantos e admiraveis historiadores e historiographos que o Brasil actualmente conta.

Como portuguez e amigo do Brasil só desejarei que essa escolha seja acertada e honre quem a fizer e quem fôr objecto della.

E não me esqueço de que, no Estatuto Brasileiro do Instituto luso-brasileiro de Alta Cultura, figurou a revisã dos textos de Historia para o ensino, objectivo que foi eliminado no Estatuto portuguez do mesmo Instituto.

NUNO SIMÕES.

(Transcripto de «O Primeiro de Janeiro», de Porto).

Guerreiro Ramos — *O drama de ser dois* — Bahia.

O sr. Guerreiro Ramos, que as obras de Berdiaeff estão levando a Jesus, confessa-se possuido ás vezes do velho dualismo atormentador de almas pagãs e christãs. Meditativo, é dos que ficam horas e horas com sua alma, de preferencia a dispersar-se na rua tumultuosa. Para elle não ha solidão, porque a ausencia de homens é quasi sempre a melhor presenca de Deus. Versos em geral de boa lingua e bem rythmados,

# Cinema

Não sei si o *Crapouillot* ainda tem aquella secção feita por Gus Bofa: *les livres à lire et... les autres*.

Esta secção poder-se-ia chamar hoje filmes para ver e... os outros.

**Proposta Tentadora** — Nova Universal. — Nem visto de graça, como eu vi, vale a pena. Profundamente mediocre. John Boles, artista de incontestavel valor, dá talvez o peor passo da sua carreira.

Percebe-se que elle não está acostumado a representar asneiras. Dahi uma certa «gaucherie», um mal estar mais do que visível no seu papel infeliz.

Não perderemos tempo em examinar produção tão desprovida de interesse.

**Queridinha do Vovô** — 20th Century Fox — Direcção — John Ford — Um film sem grande importancia.

Shirley Temple sempre a mesma: perguntas que embaraçam os mais velhos e aquelle risinho engraçado, que é o encanto das crianças de todo o mundo.

E uma magnifica amostra de humanidade que está chegando aos limites do interesse.

O film é baseado numa obra de Kipling. Nesse posto militar commandado pelo coronel Williams com seu rigor militar, sua disciplina de ferro, está resumido o imperialismo indlez. Imperialismo cuja persistencia exige uma dedicação, uma coragem, um espirito de sacrificio enormes.

Não existisse esse espirito de renuncia, ha muito já se teria desfeito em pedaços essa maravilha de cohesão que é o «British Empire».

Nesses coroneis de postos militares da India está a garantia da continuidade da obra, por muitos titulos amiravel, de um Drake, de um Clive, de um Raleigh.

Nem de outro modo se comprehenderia que esse punhado de criaturas, se á enorme potencia militar se não sommasse tamanha mostra de valor.

As scenas do desembarque de Joyce e Priscilla Williams são bastante significativas como estudo de ambiente.

Aquella multidão immensa, cheia de complexidade, onde se chocam todos os estadios de cultura, onde falam todas as linguas, onde estas se fragmentam em incontaveis dialectos e onde as seitas pullulam como ervas maninhas, só não escaparia á visão aquilina de um Kipling.

Sir Aubrey Smith encarna com rara felicidade a admiravel figura, a heroica personalidade do coronel Williams.

O fanatismo, a ferocidade, a rebeldia do nativo, que se resumem tão perfectamente no indomavel Khoda Khan, vivem pujantemente na representação de Cesar Romero.

A morte do sargento Mac Duff é profundamente commovedora e diz muito da capacidade de director do John Ford.

O enterro do sargento é de uma grandidade, de uma força emotiva, que obrigam ao mais respeitoso silencio.

O passo solemne, a concentração dos espiritos, dão-nos a impressão de uma homenagem de todo o imperio britannico.

**Escravos do dever** — Paramount — Director: Alfred Santell.

Esta pellicula pode ser incluída com justiça entre os bons films do anno.

E' um desses raros films em que a trama amorosa não é uma cousa superposta ao assumpto principal, não é uma excrescencia, não entra alli para fazer tudo acabar bem.

«Escravos do Dever» é perfectamente um romance cinematographico pela sua complexidade psychologica, pelos casos de consciencia que as personagens são forçadas a encarar.

De um lado, Kildare se vê entre a tentação do dinheiro, e o dever de interno de hospital, que não póde receber paga pelo seu serviço profissional; de outro, Janet Haley entre o amor por um homem e o amor de mãe, que exige sempre uma entrega total do ser, que se sobrepõe a todas as outras affeições humanas.

O amor de mãe força-a a vender-se á infamia e ao cynismo de Innes, mas o sentimento do dever salva o medico de ceder as tentações de ordem material.

Os encontros entre Innes e Janet são admiraveis como estudo de estado de espirito.

O tentador está perfectamente tranquilo na sua superioridade de homem que tem dinheiro. E a criatura tentada é toda afflicção, está agitada até a ultima fibra.

Todo esse desespero, toda essa angustia não provocam no homem mau a mais leve, a mais ligeira vibração.

Seu cynismo tem qualquer coisa de diabolicamente perfeito.

O poder de penetração da camera desnuda aquellas almas milagrosamente.

Close-up do rosto impassível de Innes sem uma contracção, a não ser o movimento pausado de mastigar pipocas.

«Close-up» da pobre Janet mexendo as mãos, chorando, olhando dolorosamente para aquelle abysmo de crueldade.

Outra sequencia digna de reparo é a do tratamento de Janet no hospital.

O idyllio começa delicadamente, suavemente e é dirigido habilmente.

O trabalho de Santell estuda bem a situação difficil de certas profissões liberaes.

A condição de um interno de hospital após annos e annos de estudo é inferior á de uma empregada de casa de chapeus.

O desempenho de Barbara Stanwyck está acima de qualquer elogio e a boa fé, a paixão sincera, a bondade espontanea, a ingenuidade do Dr. Kildare estão integraes na figura masculina de Joel Mc Crea.

**A ultima conquista** — Metro — Direcção — Boleslavski. — E' um trabalho cheio de graça, de habilidade, de finura, de ironia.

Uma «charge» espirituosissima da vida da alta sociedade britannica, da nobreza tão orgulhosa de seus privilegios, de seu sangue, de suas prerogativas.

Uma quadrilha parte da America para operar em Londres. Monta uma residencia luxuosissima e para salvar as apparencias organiza-se como gente honesta e decente.

Nessa casa, parte dos membros da quadrilha figura como criados, enquanto Mrs. Cheyney age como senhora da alta roda.

Hospedada no solar de lord Kelton a ladra tudo prepara para apoderar-se do grande collar de perolas de lady Kelton.

Pegada em flagrante pelo jovem lord Kelton, procura elle possuil-a em troca de sua liberdade.

A bella Mrs. Cheyney, cuja grandeza moral, cuja magnanimidade a vida criminosa arranhara apenas de leve, recusa num gesto de rara dignidade. Prefere a prisão a ceder a tão miseravel imposição.

A habilidade com que seu parceiro de crimes consegue pôr em cheque a nobreza de Londres criticando-lhe os vicios, desnudando-lhe os compromissos, pondo-lhes a nã as baixezas, fazendo-lhe ver a miseria de sua vida, é um prodigio de agilidade mental, de presença de espirito.

As scenas de viagem a bordo do transatlantico da America para Londres são cheias de passagens comicas/deliciosas.

As numerosas tentativas de conquista de Mrs. Cheyney criam situações irresistiveis.

Em tudo «Ultima Conquista» revela um equilibrio, um bom gosto, uma intelligencia dignos da mais preciosa attenção.

Acaba de apparecer um grande livro

“Um estadista do Imperio  
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opinões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

Nova edição completa em dois tomos e accrescida de um indice alfabético por 50\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

«O Samba da Vida» — Cinedia — Direcção — Luiz de Barros. — Em «Samba da Vida» o que ha de melhor é a photographia. Edgard Brasil mantém sem alteração suas altas qualidades de «camera-man». Em innumeras passagens o film nada fica a dever, como trabalho photographico, á media da producção americana. O aparelhamento material utilizado já torna possivel fazer alguma cousa accetavel.

Mas, todos esses elementos precisam ser aproveitados, precisam ser dominados por um director.

E precisamente o que não acontece com «Samba da Vida».

Um director não é cousa que se improvise com egressos de outras profissões. É necessaria uma grande vocação, uma inclinação espiritual conveniente.

Entre nós os directores são quasi sempre dilettantes muito bisonhos.

O enredo de «Samba da Vida» é certamente interessante. Mas o fio, a continuidade da trama se dissolve atravez de um sem numero de incidentes perfeitamente dispensaveis.

Essa preocupação de samba, de mostra de musica regional, de pittoresco, nada tem de verdadeiramente artistico.

Dessa forma teremos sempre essas colchas de retalhos, de retalhos bem mais apreciaveis do que as proprias colchas.

«Samba da Vida» tem passagens perfeitamente analogas ás chamadas apotheeses das antigas revistas do S. José.

O que ainda se salva um pouquinho no cinema nacional é o «gag», o incidente comico. Prejudica-o, comtudo, como não me fatigo de apontar, o excesso de dialogação, a theatralidade implicante.

Isso, seja dito de passagem, vae ao encontro do gosto do grande publico. O nosso homem medio quer no cinema duas cousas que não pertencem ao cinema: piadas do outro mundo e musica regional.

Aquelle director de films que apparece em «Samba da Vida» é o que ha de mais idiota possivel: monoculo, rigidez de boneco de engonço, opiniões imbecis. Tudo pessimo.

O encontro de Jayme Costa com a filha, no studio, é melodramatico como uma peça do «Democrata Circo».

Felizmente nem tudo se perde em «Samba da Vida». A actuação de Jayme Cos-

ta melhorou. Bem dirigido ainda se tornará um bom comico.

«Samba da Vida» deixa-nos onde estavamos em materia de cinema. Engatinhando.

O maracatú é o melhor trecho do film. Dirigido com certa habilidade, representado regularmente. Bons angulos. Agrada bastante.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

— Viajando na Hespanha alguns mezes antes de explodir a conflagração que tantos moços e tantas obras de arte tem destruido ali, Elise Champagne como que sentiu o prenuncio desse temporal de sangue e fogo. As paizagens que viu e descreveu eram bellas, os templos recortavam-se na luz com um encanto entre arabe e christão. Mas o certo é que a ameaça subterranea da catastrophe já se punha a agitar as almas. *Randonnée espagnole*, o trabalho que nos conta isso tudo, é livro dos mais significativos na hora presente.

— Nem sempre se tem feito justiça a Edmond Picard, o grande advogado belga, tambem escriptor dos mais brilhantes. Alguns enxergavam nelle uma exaltação excessiva, uma eloquencia demasiado gesticulante e uma omnisciencia intellectual meio suspeita. Albert Licart, em *L'œuvre d'Edmond Picard*, reage contra essas restricções pejorativas e mostra ter havido nesse jurista um flamengo dos mais puros e nobres no sentido racial e um ardente defensor da homogeneidade politica do paiz que uma difficil situação geographica põe tantas vezes á prova.

— Gaston Chéreau, membro da Academia Goncourt, não desfruta da reputação que os seus optimos romances poderiam conceder-lhe sem favor. Como que o publico só tem noticia exacta de que os componentes desse gremio eistem quando distribuem o seu premio annual, depois de um farto almoço em que Léon Daudet se entulha de pratos á gauleza, sem perder tempo em lamentar a ausencia de Lucien Descaves. Todavia, Chéreau é um dos bons fixadores realistas da vida de França e seu estylo, nas melhores passagens, sabe a vinho velho das regiões borgonhezas.

— Quando abandonará a escripta o vestueto Abel Hermant? Esse memorialista do processo Dreyfus, do caso Humbert, de centenas de escandalos, parece que só deixará em paz a caneta-tinteiro ou a dactylographa quando fôr reunir-se no outro mundo a Crébillon Fils e demais precusores da sua maneira frascaria de romancista. *La dernière incarnation de Monsieur de Courpière* é producto recente de Hermant e ahi resurge o aventureiro sem entranhas que é bem o Julien Sorel peorado deste começo de seculo.

— *Trois hommes en ballade* é o equivalente francez do *Three men on the bummel* de Jerome K.-Jerome, graças á traducção de Georges Seligmann. A notoriedade daquelle humorista inglez vem decrescendo um pouco, mas não ha mal algum em relel-o, tanto mais quanto é dos que fazem rir sem sombra de obscenidade.

## FIDELINO DE FIGUEIREDO

Em boa hora as autoridades pedagogicas de São Paulo resolveram convidar para um curso de litteratura portugueza, numa das cathedras de sua Universidade, o sr. Fidelino de Figueiredo, sem duvida uma das mais eminentes personalidades da cultura iberica de hoje. Num gesto que muito nos sensibiliza, Fidelino de Figueiredo remette-nos agora de Portugal seu trabalho intitulado *Do limite da personalidade dos povos*, apparecido no periodico lisboeta *O Diabo*, autorizando-nos ao mesmo tempo sua publicação nas paginas do BOLETIM DE ARIEL, o que fazemos, certos de offerecer aos nossos leitores materia substanciosa, original e do mais alto interesse.

Luiz Teixeira — *Figuras e episodios do «Leão de Ouro»* — Lisboa.

O «Leão de Ouro» é um dos cafés lisboetas em que mais rebrilhou e chispou o espirito de litteratos ou simples dissipadores de moeda. Gualdino Gomes ahi esbanjou a mocidade e um dom de satira que o tornou uma especie de Rivarol das bordas do Tejo. Bordallo Pinheiro, que o Brasil conheceu e amou, fazia caricaturas verbaes não inferiores ás que rabiscava em suas revistas. Dom João da Camara, antigo correspondente da nossa *Gazeta de Noticias*, era indefectivamente seguido por um patricio appellidado o «Pinturinhas». O sr. Luiz Teixeira, que nos conta isso tudo com graça, um pouco de saudade e phrases sempre muito boas, faz-se lêr com o encanto que nos inspiram os memorialistas dessa Lisboa afinal tão semelhante ao nosso Rio.

Manuel Anselmo — *Anthologia moderna* — Livraria Sá da Costa — Lisboa.

O sr. Manuel Anselmo é bem um cartographo da intelligencia, mostrandonos, em traços precisos sempre, os livros de prosa ou verso em que o leitor se deve deter. Com boa substancia critica e um talento de exposição que os censores em geral ignoram (o zoilo é as mais das vezes um orthopedista cheio de aleijões), o notavel ensaista diz-nos o que ha de fundamental na obra de um Aquilino Ribeiro, de um Fernando Pessoa, de um Manuel Teixeira Gomes. Florilegio das idéas e não das lindas palavras cantantes. Os anthologistas vão de preferencia ás detestaveis flores de papel que são as flores de rhetorica. Este vae á materia pensante de cada um e não se demora deante de phraseadores, de amigos da arte pela arte. Nobre e forte doutrinator é tambem o sr. Manuel Anselmo na *Grammatica politica*, de um attraido pela elucidación dos destinos collectivos da hora presente, de um contendor de incoherencias e absurdos em que se comprazem os partidos que vivem fochinando na gamella, de quem crê na radiosa força salvadora da juventude. Ainda no terreno do ensaismo, *A paizagem e a melancolia no drama lyrico de Feijó*, o Antonio Feijó que, meridional ardente, se foi estiolar de nostalgia entre os neveiros nordicos, depois de traduzir os poetas chinezes e escrever aquella maravilha rythmica que ficou em todas as memorias adolescentes: «Pallida e loira, muito loira e fria...»

Edição Ariel:

**VERTIGEM**

Romance de GASTÃO CRULS

2.<sup>a</sup> Edição

## MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, ajim de que esta secção seja a mais informativa possivel.

- Cyro dos Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance — Livraria José Olympio Dist. — Rio.  
 Roberto C. Simonsen — HISTORIA ECONOMICA DO BRASIL — 1500-1820 — Volumes 100-A e 100-B da Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.  
 Araujo Lima — AMAZONIA, A TERRA E O HOMEM — 2.ª edição — Companhia Editora Nacional — São Paulo.  
 Octavio de Faria — CHRISTO E CESAR — Livraria José Olympio Editora — Rio.  
 Hamilton Ribeiro — HOMENS E PATIFES — Recife.  
 Sebastião Fernandes — BONITAS E FEIAS — Contos — Rio.  
 Eurico de Góes — UM PALADINO DA ABOLIÇÃO — São Paulo.  
 Cassiano Ricardo — O BRASIL NO ORIGINAL — 2.ª edição — Serie Cultural Bandeira — São Paulo.  
 Frei Henrique Trindade O.F.M. — O OPERARIO PENITENTE MATT TALBOT — «Vozes de Petropolis» — Petropolis.  
 Eduardo C. P. de Vasconcellos — BIOGRAPHIAS DOS MAIORES VULTOS DO BRASIL — Livraria Francisco Alves — Rio.  
 REVISTA DE PORTUGAL — Anno I — Numero I — Coimbra.

Henri Béraud — *Meu amigo Robespierre* — Edições Pongetti — Rio.

Ainda não cessaram as discussões em torno a Robespierre. Henri Béraud, falando delle como um contemporaneo que o houvesse conhecido e estimado, apresenta-nos, em feliz recuo historico, uma nova interpretação da personalidade do «Incorruptivel». A traducção, do sr. Alvaro Moreyra, é, como não podia deixar de ser, de um escriptor authenticico.

Gonçalves Fernandes — *Xangôs do Nordeste* — Civilização Brasileira — Rio.

«Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife», esclarece-nos o sub-titulo da obra. Trata-se de volume em tudo digno da Bibliotheca de Divulgação Scientifica em que apparece. O eminente ethnologo Arthur Ramos, prestigiando-o com o seu apoio, distinguiu um pesquisador ás direitas, dos que conhecem profundamente as nossas regiões nordestinas.

Osorio da Rocha Diniz — *A politica que convém ao Brasil* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Bate-se o autor para que sejamos «uma grande nação livre e não uma feitoria internacional». E' homem que pensa com dignidade e sabe exprimir-se sempre com a maior franqueza. Politica para elle é, não uma successão de inglorias tricas eleitoraes, e sim construcção de felicidade commum através dos bons factores economicos. Lel-o importa em meditar sobre muitos problemas actualissimos do nosso Brasil.

Tavares Bastos — *A provincia* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

E' a segunda edição de um dos nossos livros essenciaes. Aparecendo em 1870, *A Provincia* deu logo a sensação de que nos surgira um grande sociologo. Mas houve ainda relutancia por parte de alguns espiritos escravizados á rotina. Felizmente, Tavares Bastos é desses mestres aos quaes a admiracção dos postereros desagrava de qualquer restricção contemporanea. Do seu nome se ufanam hoje todos os brasileiros que pensam. E é nome que compete em gloria com os de Alberto Torres e Farias Brito.

Jean des Vignes Rouges — *Sêde um dominador* — Civilização Brasileira — Rio.

Facil é aconselhar ao proximo a que triumphe numa época e num mundo tão complicado quanto o nosso. Mas, ainda quando os conselhos não sejam de todo exequiveis, ha prazer em percorrel-os, logo que bem redigidos. E' o caso deste livro de Jean des Vignes Rouges, optimamente trazido ao nosso idioma pelo grande romancista Godofredo Rangel. A therapeutica moral apresentada pôde não ser de todo efficiente, mas a linguagem é sempre agradabilissima.

— Baudelaire ainda será muito tempo um filão precioso para os garimpeiros da critica, para os mineradores intelligentes e tambem para os que pretendem apenas fabricar o seu livro e ganhar as suas dezenas de francos. Raymond Hubert entra no momento em scena analysando as perversações sexuaes do amigo de Gautier e recusando-se terminantemente a admittir fosse elle um poeta catholico, em desaccordo com as theses de Fumet, Bénouville, Chapelan e tantos outros. O volume de Hubert intitula-se *Le mysticisme de Baudelaire dans «Les Fleurs du Mal» et les «Journaux intimes»*.

— Já se acha um tanto esvaído nas memorias o nome de Victor Cherbuliez. Foi elle um escriptor suiso bem cedo transportado a Paris. Collaborou na *Revue des Deux Mondes* e explorou figuras mais ou menos complicadas de russos e polonezes. Pois é a esse psychologo internacional nem sempre muito fidedigno que M. A. Istrati consagra um volume de 287 paginas, com retrato: *Victor Cherbuliez et le cosmopolitisme*.

— A descoberta do Canadá por Jacques Cartier vem de ser relembrada por Charles Jacquemin. A obra ostenta o rotulo, bem suggestivo: *De la Cité des Corsaires au Pays des Hurons*. Gaba-se o autor de estar baseado em documentos da mais absoluta fidelidade, assim com ar de quem faz profundas revelações historicas...

— John Charpentier é collaborador do *Mercure de France*, onde, em substituição á escriptora Rachilde, faz a critica dos romances. Já dedicou um bello volume ao poeta inglez Coleridge. No momento, vem elle de consagrar um substancioso estudo á personalidade, ainda um tanto obscura para nós, de *Le roi George VI*, mostrando quanto o novo soberano da Inglaterra deve, na formação do seu character, á individualidade paterna e o quanto existe de dedicacção e finura na esposa do joven rei.

— Uma prosadora que gosta bastante das figuras atormentadas e inquietas, especialmente quando pertencentes ao seu proprio sexo, é André Corthis. Poucos conseguiram evocar com tamanha precisão os habitantes de certas zonas meio selvagens dos Pyreneus. Agora, volta-se ella para a Normandia e descreve-nos, com innegavel flagrancia communicativa, uma joven que descende de aristocratas e que se vê melindrada pelos sentimentos revolucionarios de hoje. Certas notações psychologicas sobre a maneira por que o odio ao mundo pode medrar num coração de adolescente, conturbando-lhe a visão exacta das coisas, pareceu-nos finissimas. *La chouette écartelée* é um livro digno das melhores leitoras do Brasil.

— *L'homme et la côte*, de Marcel Hérubel, é um «estudo de economia maritima». Profundo conhecedor do oceano, de de todos os oceanos, o autor fixa, com extrema pericia mental, o papel dos portos na geographia, na historia, na eterna communhão dos homens. Sua conclusão é que, máo grado tudo, o littoral possui função bem menos dispersiva do que se suppõe e cada um de nós é muito mais um bicho de terra que de mar.

— Quem nos descreve adoravelmente a vida dos vegetaes é R. Francé. *Les sens de la plante* fazem-nos crer, com Aristoteles, que ha realmente uma alma esparsa por todas as flores e folhagens. O que R. Francé nos diz das plantas que têm uma especie de amor fetichista pelo sol, não é apenas de um botanico: é de um poeta. Os cientistas caturras não se conhecerão nessas paginas, mas todos os pantheistas hão de deliciar-se com ellas.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49  
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502  
Bello Horizonte

# A Coleção "BRASILIANA" comemorando o seu 100.<sup>o</sup> volume!

## O QUE É A « BRASILIANA »

Fundada em 1931 e dirigida pelo prof. Fernando de Azevedo, essa coleção representa uma das maiores iniciativas culturais da Companhia Editora Nacional. A «Brasiliana», que constitui a 5.<sup>a</sup> série da B. P. B., é a mais vasta e a mais completa coleção e sistematização que se tentou até hoje de estudos brasileiros. Compõe-se essa coleção admirável de ensaios sobre a formação histórica e social do Brasil; de estudos de figuras e de problemas nacionais (geográficos, etnológicos, políticos, econômicos, militares, etc.), de reedições de obras raras de notório interesse e de traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros. E, na frase feliz de Monteiro Lobato, «o retrato poliédrico do Brasil», ou «a imagem viva do Brasil», segundo as palavras do sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação. A Brasiliana? «Uma revista do Brasil do passado, e do Brasil do presente, para o Brasil do futuro», acrescenta por sua vez Gustavo Barroso. «Uma verdadeira enciclopedia nacional», na opinião de Afranio Peixoto.

## O QUE JÁ FEZ E O QUE PRETENDE FAZER

Todos os que se dedicavam a estudos sobre o nosso país eram unânimes em reconhecer as imensas dificuldades criadas, para as suas investigações, pela raridade de obras de informações e de consulta, muitas já esgotadas, outras por traduzir, quasi todas dispersas. A Companhia Editora Nacional propôs-se a coligir essas obras, reeditá-las ou traduzi-las e a promover e estimular a produção deste gênero reunindo em uma série, não só os livros clássicos e os novos trabalhos sobre o Brasil e seus problemas, como todo o material de valor documentário. Mas executou a Companhia Editora esse vastíssimo projeto que a todos se afigurava um sonho quasi impossível de realizar? Mal decorriam 6 anos desde a sua fundação, e a «Brasiliana» já podia comemorar a primeira

centúria de volumes! A notável obra em 2 tomos de Roberto Simonsen, «História Econômica do Brasil», é o número 100 dessa formidável coleção, que já atingiu 108 volumes, e tem anunciados para breve mais de 30 volumes, entre obras contratadas e no prelo. Um sucesso sem precedentes na história editorial do Brasil. Em menos de um decênio, terá atingido a soma de 200 volumes! Carlyle dizia que «uma biblioteca vale uma universidade». A nenhuma outra biblioteca se aplicaria melhor do que à Brasiliana esse conceito, afirma Roquette Pinto, diretor do Museu Nacional. E' o que a Brasiliana pretende ser: a maior e a mais completa biblioteca de estudos nacionais.

## A MAIOR OBRA DE CULTURA NACIONALISTA NO BRASIL

Descobrir o Brasil aos brasileiros, torná-lo cada vez mais conhecido para fazer cada vez mais amado — eis o objetivo que tiveram e estão realizando os fundadores de «Brasiliana». Essa coleção notável de obras sobre assuntos nacionais está, de fato «descobrendo o Brasil áqueles que mais o julgavam conhecer», e pondo ao alcance de todos tantas obras que até há pouco, pela sua extrema raridade, eram apenas acessíveis a alguns privilegiados. Mas não é somente sob este aspecto que se deve examinar e admirar o sentido profundamente nacionalista dessa maravilhosa coleção. E' com essa iniciativa que se pôde estimular, atrair e congregar, para uma obra comum tão grande número de colaboradores ilustres de todos os pontos do território nacional, dominados por um só pensamento: estudar o Brasil sob os seus aspectos e em todos os seus problemas. Professores, geógrafos, historiadores e sociólogos de profissão, investigadores de campo, militares do Exército e da Armada, trazem a sua contribuição inestimável a essa iniciativa que tomamos de revelar o Brasil aos brasileiros. Gilberto Freyre tem razão: a Brasiliana — «uma vitória para a cultura brasileira».

## Opiniões sobre a « Brasiliana » :

«A «Brasiliana» é uma enciclopedia nacional, que ensina, pela terra e pela gente, a conhecer e amar o Brasil».

AFRANIO PEIXOTO.

«A Brasiliana» constitui hoje um documentário precioso acerca da formação social, econômica, política e cultural de nossa terra».

OTAVIO TARQUINIO DE SOUZA.

«Presta a «Brasiliana» assinalados serviços, por vizes até relevantíssimos, pondo á disposição dos que querem sonhecer o nosso país e o nosso passado, ótimas edições de livros outróra de difícil senão muitas vizes difficilissima obtenção. Paralelamente vem oferecendo ao nosso público contribuições originais de alta valia, ventiladoras de muitas questões brasileiras, num país como o nosso em que são ainda raras as monografias especializadas».

AFONSO E. TAUNAY.

«Acima de qualquer encômio, constitui, sem a menor dúvida, um serviço benemérito á cultura do país».

MAX FLEIUSS.

«Obra de cultura nacional, de patriotismo, de benemerência».

RODOLFO GARCIA.

«Uma vitória para a cultura brasileira».

GILBERTO FREYRE.

«Para Carlyle uma biblioteca vale uma universidade. «Brasiliana» é boa prova daquele conceito».

ROQUETTE PINTO.

«E' apenas registrar um fato lembrar que essa iniciativa não tem paralelo nas atividades da indústria do livro entre nós.»

AZEVEDO AMARAL.

«A «Brasiliana» tornou-se o grande repositório, ao mesmo tempo que um incentivador dos estudos brasileiros, capaz de marcar época em nossa formação intelectual.»

RENATO MENDONÇA.

«A iniciativa de sistematizar os estudos sobre o Brasil, as suas grandes figuras e os seus grandes problemas cabe incontestavelmente á «Brasiliana».

LUCIA MIGUEL-PEREIRA.

«Opulenta série de estudos brasileiros. Revelante serviço á cultura nacional.»

A. J. DE SAMPAIO.

«Uma viva e palpitante imagem do Brasil ressalta desses tem livros, de orientação diversa, mas caracterizados igualmente pela preocupação de estudar a formação nacional em todos os seus aspectos.»

GUSTAVO CAPANEMA.

«A «Brasiliana» vem descobrendo o Brasil áqueles próprios que mais o julgavam conhecer.»

ANISIO TEIXEIRA.

«Um magnifico repositório científico-literario de toda a civilização nesta parte do continente sul-americano.»

ALFREDO ELLIS JUNIOR.

«Uma biblioteca racional e moderna de assuntos brasileiros.»

LUIZ DA CAMARA CASCUDO.

«Nunca se havia tentado, entre nós, empreendimento de tamanho vulto, no que concerne á edição de obras nacionais.»

ALCIDES GENTIL.

«Obra do melhor, do mais sadio, do mais realizador patriotismo. E' uma construção que precisa ser prestigiada por todas as classes, e á qual o govêrno, pelos seus órgãos coordenadores da cultura, não pode ficar indiferente.»

ANGIONE COSTA.

«Na certeza de que, publicados os cem volumes preciosos e dignos de nosso melhor apôio, outros cem virão para orgulho de S. Paulo e lustro da cultura brasileira.»

PLINIO AYROSA.

«Nenhum homem de estudo, que presuma ou pretenda conhecer o seu país, nenhum brasileiro digno dêste nome, poderá deixar de ter nas suas estantes os volumes desta coleção admiravel.»

OLIVEIRA VIANA.

«E', pois, um empreendimento que o nosso govêrno deveria, até, considerar de utilidade pública.»

PRADO MAIA.

«Fazer melhor conhecer o Brasil para que mais e melhor o amemos; ajudar ao culto das tradições; alentar e estimular o zêlo, o interêsse pelos assuntos brasileiros — eis o que representa a publicação dêsses cem volumes — uma verdadeira enciclopedia.»

WANDERLEY PINHO.

«E' uma das mais extraordinárias obras de brasilidade, porque, justamente aberta, por cima de fronteiras estaduais e arroubos regionais, os laços da espiritalidade nacional.»

RAUL GOMES.

«Coleção indispensavel ao estudo da história econômica, social e politica do Brasil.»

HERMES LIMA.

«A maior no gênero até hoje aparecida no Brasil.»

CLADO RIBEIRO DE LESSA.

«Brasíliana» representa um dos acontecimentos mais notáveis da vida mental do país. Esse esforço único, que constitúe uma realização integral de programa bem delineado, marca uma época nos estudos das coisas nacionais.»

NELSON WERNECK SODRE'.

«E' ela o repositório mais completo e melhor de trabalhos sôbre o Brasil.»

C. DE MELO-LEITÃO.

«A «Brasíliana» deve ser considerada como o mais poderoso instrumento, o mais rico manancial de informações brasileiras, com que podem contar os homens dos quais dependem os destinos do país.»

AFONSO ARINOS DE MELO-FRANCO.

«Cada volume é um autêntico retalho da pátria e vale por uma jóia colhida a esmo, pelo milagre da pena, do inestancável tesouro do nosso presente e do nosso passado.»

MANOEL VITOR AZEVEDO.

«Se alguém desejar conhecer o Brasil sob todos os seus aspectos, históricos, fisicos, mentais, politicos, artisticos e folclóricos, só tem um recurso: recorrer á «Brasíliana». Podemos, pois, definir essa coleção como o retrato poliédrico do Brasil.»  
MONTEIRO LOBATO.

«A Brasíliana» é a mais útil e bela coleção de obras sôbre o nosso país que nele se tem organizado e publicado. E' uma revista do Brasil do Passado e do Brasil do Presente feita para o Brasil do Futuro.»

GUSTAVO BARROSO.

«A Companhia Editora Nacional está de parabens. «A Brasíliana», coleção de estudos publicados sob a direção de Fernando de Azevedo, constitúe, de fato, uma das mais completas fontes de informações a respeito dos problemas que nos interessam mais de perto (históricos, politicos, econômicos, artisticos, etc.).»

ESTEVAO PINTO.

«Resultado da ação conjunta da vontade de dois homens, a coleção «Brasíliana» da Biblioteca Pedagógica Brasileira, ora em seu céntesimo volume, é um teste de esperança nas possibilidades da inteligência e da capacidade brasileira.»

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

«A Companhia Editora Nacional, pela «Brasíliana», prossegue na sua corajosa iniciativa «de servir a Nação», servindo á organização e orientação do público brasileiro.»

PRIMITIVO MOACIR.

«Em contraste com os demais países sul-americanos, a intelectualidade brasileira se dedica ao estudo de sua propria história e seus próprios problemas. Nenhum estudioso das coisas do Brasil pode deixar de ser grato á coleção «Brasíliana», acessivel ao grande público que acompanha êste movimento intelectual.»

FRANK TANNENBAUM.

*Proj. de História da América Latina, na Colúmbia University.*

«O empreendimento da Companhia Editora Nacional tem o duplo merecimento de ativar o estudo e a divulgação de fatos e problemas brasileiros (convidando á publicidade inúmeros escritores novos que não teriam oportunidade de aparecer) e de estimular nas elites do país, e entre os autodidatas, a curiosidade e o interêsse pelo que é nosso, o que é a melhor maneira de trabalhar pelo Brasil.»

FROTA PESSOA.

ATTENÇÃO! Aos interessados enviamos, gratuitamente, mediante a remessa do coupon abaixo, um exemplar do nosso catalogo ilustrado «BRASILIANA», contendo uma sintese de cada obra.

Recorte e envie

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

rua Gusmões, 118 — S. Paulo

Queiram enviar-me um exemplar do catalogo ilustrado «Brasíliana».

Nome . . . . .  
Rua . . . . . N.º . . . . .  
Cidade . . . . .  
Estado . . . . .

## O maior empreendimento editorial realizado no Brasil

# COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO — Rua dos Gusmões, 118  
RIO — Rua 7 de Setembro, 162

P. ALEGRE — Rua Gal. João Manoel, 207  
RECIFE — Rua Imperatriz, 43

## Brasiliana — Relação das obras publicadas :

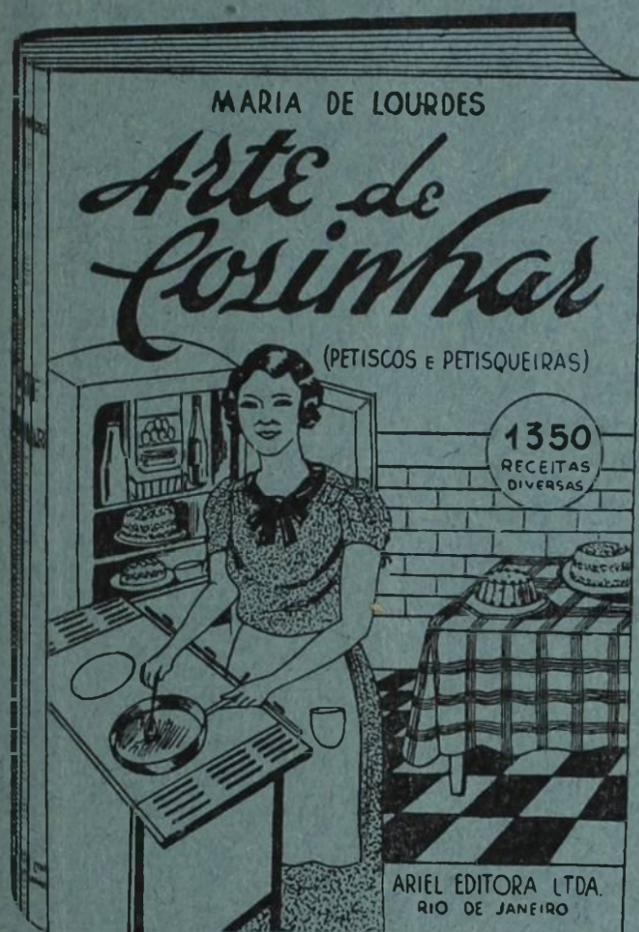
- 1 — Batista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 2 — Pandiá Calógeras: *O Marquez de Barbacena* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 3 — Alcides Gentil: *As Idéias de Alberto Torres* (síntese com índice remissivo).
- 4 — Oliveira Viana: *Raça e Assimilação* — 3.<sup>a</sup> edição (aumentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)* — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay.
- 6 — Batista Pereira: *Vultos e episódios do Brasil*.
- 7 — Batista Pereira: *Diretrizes de Rui Barbosa* — (segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Viana: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.<sup>a</sup> edição.
- 9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.<sup>a</sup> edição.
- 10 — Oliveira Viana: *Evolução do Povo Brasileiro* — 2.<sup>a</sup> edição (ilustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. ilustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Vol. ilustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: *A' margem da História do Brasil*.
- 14 — Pedro Calmon: *História da Civilização Brasileira* — 3.<sup>a</sup> edição.
- 15 — Pandiá Calógeras: *Da Regência a queda de Rosas* — 3.<sup>o</sup> volume (da série «Relações Exteriores do Brasil»).
- 16 — Alberto Torres: *A Organização Nacional*.
- 17 — Alberto Torres: *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 18 — Visconde de Taunay: *Pedro II*.
- 19 — Afonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial* — (Séc. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: *Mauá com três ilustrações fóra do texto*.
- 21 — Batista Pereira: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Antropologia Brasiliana*.
- 23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — Pandiá Calógeras: *Problemas de Administração*.
- 25 — Mário Marroquim: *A lingua do Nordeste*.
- 26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas*.
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaia* — 3.<sup>a</sup> edição.
- 29 — Josué de Castro: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefácio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. ilustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: *O Brasil na crise atual*.
- 32 — C. de Melo-Leitão: *Visitantes do Primeiro Império* — Ed. ilustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira*.
- 34 — Angione Costa: *Introdução á Arqueologia Brasileira* — Ed. ilustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: *Fitogeografia do Brasil* — Ed. ilustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. ilustrada).
- 38 — Rui Barbosa: *Mocidade e Exílio* (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondônia* — 3.<sup>a</sup> edição (aumentada e ilustrada).
- 40 — Pedro Calmon: *História social do Brasil* — Espírito da Sociedade Colonial — 1.<sup>o</sup> tomo — 2.<sup>a</sup> edição.
- 41 — José-Maria Bello: *A inteligência do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calógeras: *Formação Histórica do Brasil* — 2.<sup>a</sup> edição (com 3 mapas fóra do texto).
- 43 — A. Saboya Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
- 44 — Estevão Pinto: *Os indigenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mapas) — 1.<sup>o</sup> volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça: *A influência africana no português do Brasil* — Ed. ilustrada.
- 47 — Manuel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Viana: *Bandeiras e sertanistas baianos*.
- 49 — Gustavo Barroso: *História Militar do Brasil* — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mário Travassos: *Projeção Continental do Brasil* — Prefácio de Pandiá Calógeras — 2.<sup>a</sup> edição ampliada.
- 51 — Otavio de Freitas: *Doenças africanas no Brasil*.
- 52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.<sup>a</sup> edição completa, com parte original Tupi-guarani.
- 53 — A. J. de Sampaio: *Biogeografia dinamica*.
- 54 — Antônio Gontijo de Carvalho: — *Calógeras*.
- 55 — Hildebrando Accioly: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América*.
- 56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: *Elementos do Folclore musical Brasileiro*.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem á Provincia de Santa Catarina (1820)* — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Emilio Rivasseau: *A vida dos Indios Guaicurús* — Edição ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: *Na Planicie Amazônica* — 4.<sup>a</sup> edição.
- 64 — Gilberto Freyre: *Sobrados e Mucambos* — Decadência patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: *Silva Jardim*.
- 66 — Primitivo Moacir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.<sup>o</sup> volume.
- 67 — Pandiá Calógeras: *Problemas de Governo* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz* — 1.<sup>o</sup> tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 69 — Prado Maia: *Através da História Naval Brasileira*.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Conceito de Civilização Brasileira*.
- 71 — F. C. Hoehne — *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda viagem ao interior do Brasil* — «Espírito Santo» — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lúcia Miguel-Pereira: *Machado de Assis* — (Estudo Critico Biografico) — Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calógeras: *Estudos Historicos e Politicos* — (Res Nostra...) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: *Vocabulário Nheengatú* (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) — Lingua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fóra do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: *História secreta do Brasil* — 1.<sup>a</sup> parte: «Do descobrimento á abdicação de Pedro I» — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Melo-Leitão: *Zoologia do Brasil* — Edição ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco e pela Provincia de Goiaz* — 2.<sup>o</sup> tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

- 79 — Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbu* — Sua vida e sua atuação na politica nacional. — 1840-1889.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: *Santa Catarina* — Edição ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio* — *Frei Caneca* — Ed. ilustrada.
- 82 — C. de Melo-Leitão: *O Brasil Visto Pelos Ingleses*.
- 83 — Pedro Calmon: *História Social do Brasil* — 2.º tomo — *Espirito da Sociedade Imperial*.
- 84 — Orlando M. Carvalho: *Problemas Fundamentais do Municipio* — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: *Cotegipe e seu Tempo* — Ed. ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: *A Margem do Amazonas* — Ed. ilustrada.
- 87 — Primitivo Moacir: *«A Instrução e o Império»* — (Subsidios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
- 88 — Hélio Lobo: *Um Varão da República: Fernando Lobo*.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: *As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil*.
- 90 — Alfredo Ellis Junior: *A Evolução Paulista e suas Causas* — Edição ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: *O Rio da Unidade Nacional: O S. Francisco*.
- 92 — Almirante Antônio Alves Camara: *Ensaio Sobre as Construções Navais Indigenas do Brasil* — 2.ª edição ilustrada.
- 93 — Serafim Leite: *Páginas de História do Brasil*.
- 94 — Salomão de Vasconcellos: *O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia* — Edição ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil* — 1865-1866 — Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
- 96 — Osório da Rocha Diniz: *A Politica que convem ao Brasil*.
- 97 — Lima Figueiredo: *Oeste Paranaense* — Edição ilustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: *A Educação Pública em S. Paulo* — Problemas e discussões (Inquerito para «O Estado de S. Paulo», em 1926).
- 99 — C. de Melo-Leitão: *A Biologia no Brasil*.
- 100 — Roberto Simonsen: *História Econômica do Brasil* — Ed. ilustrada.
- 101 — Herbert Baldus: *Ensaio de Etnologia Brasileira* — Edição ilustrada.
- 102 — S. Froes Abreu: *A riqueza mineral do Brasil* — Ed. ilustrada.
- 103 — Sousa Carneiro: *Mitos Africanos no Brasil* — Edição ilustrada.
- 104 — Araujo Lima: *Amazônia — A Terra e o Homem* — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: *A Provincia* — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: *O Valle do Amazonas* — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: *O Marquez de Olinda e se utempo* — (1793-1870).

## Brasiliana — Proximas publicações:

- WASHINGTON LUIZ: *Capitania de São Paulo* — 2.ª edição.
- SEBASTIÃO PAGANO: *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817*.
- ESTEVÃO PINTO: *Os Indigenas do Nordeste* — 2.º volume.
- AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: *Estudos Piahyenses*.
- VON SPIX E VON MARTIUS: *Atravez da Bahia* — Trad. de Pirajá da Silva e Paulo Wolf — 3.ª edição.
- PRIMITIVO MOACYR: *A Instrução e o Imperio* — 3.º Volume.
- OSORIO DA ROCHA DINIZ: *O Brasil em face dos Imperialismos Modernos*.
- PADRE ANTONIO VIEIRA: *Por Brasil e Portugal* — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS: *Natureza, Doenças, Medicina e remedios dos Indios Brasileiros* — 1844 — Trad., prefacio e notas de Pirajá da Silva.
- CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA: *Sylvio Romero*.
- HERMAN WATJEN: *O dominio colonial hollandez no Brasil* — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- GEORGES RAEDERS: *D. Pedro II e o conde de Gobineau* — Correspondencia inedita.
- ALBERTO TORRES: *Fontes da vida no Brasil e outros ensaios*.
- NINA RODRIGUES: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — 2.ª edição e *o Alienado no Direito Civil Brasileiro* — 2.ª edição.
- OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA: *Homens da Regencia*.
- LEMONS BRITO: *Pontos de partida para a Historia Economica do Brasil*.
- FERNANDO SABOYA DE MEDEIROS: *A liberdade de Navegação do Amazonas* — (Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America).
- GASTÃO CRULS: *A Amazonia que eu vi* — 2.ª edição.
- J. MATTOSO MAIA FORTE: *Historia de Nictheroy* — (Subsidios) 2.ª edição.
- VARNHAGEM — RODOLFO GARCIA: *Pequena Historia do Brasil*.
- EUGENIO DE CASTRO: *Geografia Historica do Brasil*.
- PRINCIPE MAXIMILIANO WIED-NEUWIED: *Expedição ao Brasil* — Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
- HERBERT BALDUS: *Capirapé*.
- PRADO MAIA: *Historia da Marinha Brasileira*.
- RICHARD F. BURTON: *Viagens aos planaltos do Brasil (1868)* — Trad. de Americo Jacobina Lacombe.
- HENRY WALTER BATES: *Um naturalista no rio Amazonas*.
- GEORGE GARDNER: *Viagens ao Interior do Brasil (1836-1841)* — Trad. de Origenes Lessa.
- HENRY KOSTER: *Viagem no Nordeste Brasileiro* — Trad. de Luis da Camara Cascudo.
- CHARLES FREDERICK HARTT: *Geologia e Geografia Fisica do Brasil* — Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
- RODOLFO GARCIA: *Dominio Holandês no Brasil*.
- A. C. TAVARES BASTOS: *Cartas do Solitario*.
- JOÃO DORNAS FILHO: *O Padroado e a Igreja Brasileira*.
- ALMIRANTE CUSTODIO JOSE' DE MELLO: *O Governo Provisorio e a Revolução de 1893*.
- ERNESTO ENNES: *A Guerra dos Palmares*.
- BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde de Abaeté*.
- PEDRO CALMON: *O Rei Filosofo* — Vida de D. Pedro II.
- AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes* — em 2 tomos — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- PADRE FERNÃO CARDIM: *Tratados da terra e gente do Brasil* — Introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia.
- GABRIEL SOARES: *Tratado descriptivo do Brasil*.
- COMMANDANTE EUGENIO DE CASTRO: *Geografia Historica do Brasil*.

# O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

*Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.*

*Diferente de todos os 'outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.*

**Mil trezentas e cincoenta**

**:: :: receitas diversas :: ::**

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

## Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

|                |            |                     |
|----------------|------------|---------------------|
| Hors d'oeuvres | Ovos       | Bolos               |
| Canapés        | Legumes    | Tortas              |
| Sandwiches     | Massas     | Pudings             |
| Mólhos         | Licores    | Molhos para pudings |
| Sopas          |            | Cremes              |
|                | Refrescos  | Molhos para cremes  |
| Peixes         | Sundays    |                     |
| Mariscos       | Sorvetes   | Docinhos diversos   |
| Crustaceos     | Aperitivos | Brôas               |
|                | Cooktails  | Pães                |
|                | Punches    | Pãezinhos           |
| Carnes         | Toddys     | Bolachas            |
| Caças          | Egg-Noggs  | Rosquinhas          |
| Aves           | Fizzes     | Etc. Etc. Etc.      |

### ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoutos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

**A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL**

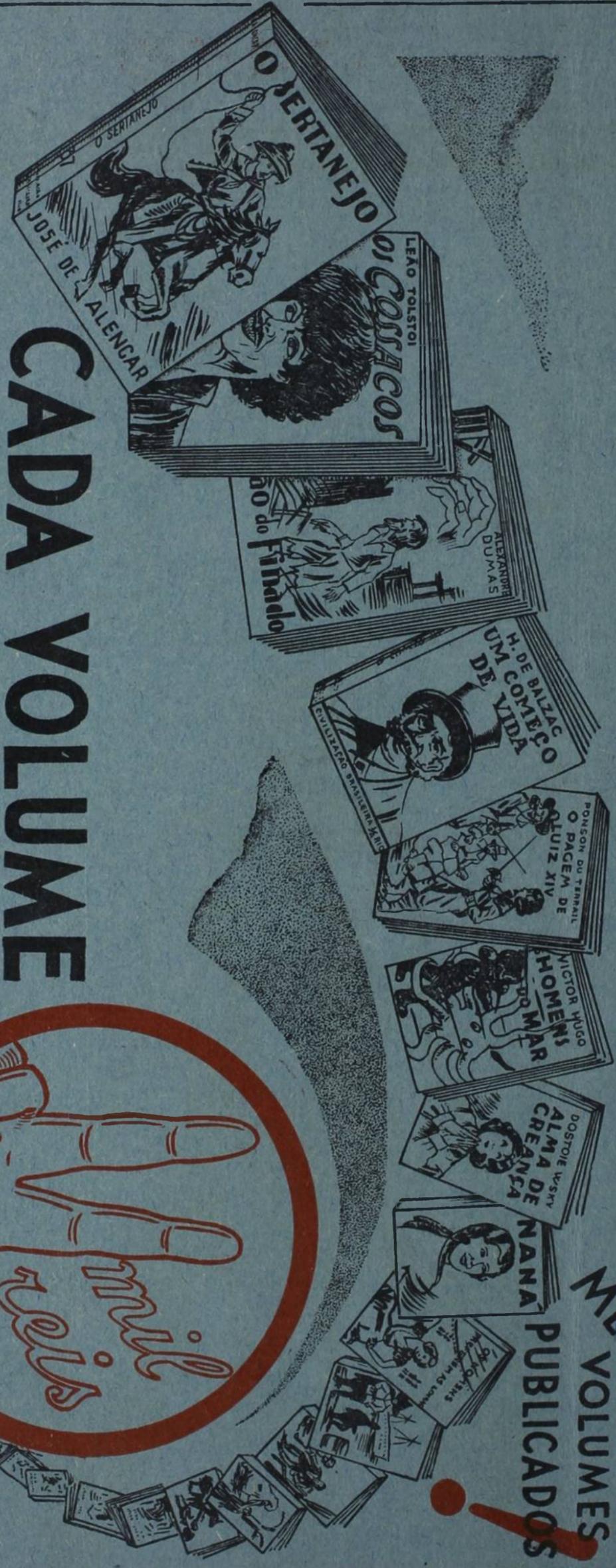
**Volume cartonado 12\$000**

**PEDIDOS A'**

**CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A**

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

# COLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA  
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO